



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

**Variação Léxico-Semântica no Mundo Lusófono:
Os Casos de Angola e Portugal**

Queneth José Pires António

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Lusófonos
(2º Ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor Ignacio Vázquez Diéguez

Co-Orientador: Professor Doutor Paulo Osório

Covilhã, junho de 2018

DEDICATÓRIA

Foste sempre mãe e pai; na dificuldade, abraçaste o risco, deste voz ao choro; lembro-me, ainda hoje, do grito seco das lágrimas que te inundavam as faces! Das mãos estendidas que não te quiseram suportar...!

 Não aprendi – tantos anos passados – a calar a dor da perda; não pela perda!
Pela tristeza de não veres a tua obra quase sair da Universidade, o teu sonho tornado realidade!

 O teu filho, mãe, queria compor-te uma canção de amor!

AGRADECIMENTOS

Ao Lázaro, o Kavikiviki;

Ao Kassela, companheiro de sonho e de aventuras;

Ao Keys, companheiro de luta (Lembras-te das cópias que fizeste quando não tive dinheiro para as fazer, da roupa, do calçado...?);

À Leocádia, maninha querida;

À Flávia;

À Jandira, ao Lito, ao Hilário e ao Mande;

Aos Ndumbas;

Ao **Mestre**, de gramática e de vida, ao Kota

Aos professores:

Paulo Osório

Ignacio Vázquez;

Reina Pereira;

Cristina Vieira;

Gabriel Magalhães;

Henrique Manso;

A todos vós, que me permitiram não ser...

Obrigado!

RESUMO

O português é hoje uma das línguas mais faladas em todo o mundo. Veículo de cultura – como o é qualquer outra língua natural – assume-se, por isso, como fator de identidade e unidade sociais, apresentando variações – diastráticas, diafásicas, diatópicas – que se refletem, com maior profundidade, nos subsistemas morfossintático, fonético-fonológico e léxico-semântico. Não obstante a diferença, continua o maior elo entre angolanos e portugueses; porém, não são raros os casos em que, da diversidade, resultam problemas de comunicação (mais ou menos consideráveis) entre indivíduos que se supõe falantes da mesma língua.

Torna-se, pois, necessário, estudá-la; identificar, descrever e sistematizar as suas variedades, os seus dialetos; disso depende – sobremaneira – o respeito à diversidade, a preservação da língua e a consolidação da unidade entre os dois povos, culturalmente tão distintos.

É, pois, nesta perspetiva que se enquadra o presente estudo, e por intermédio do qual apresentamos – no que ao léxico e à semântica diz respeito – as diferenças relativas ao português popular falado por angolanos e por portugueses. A sua relevância consiste, assim, no facto de colocar à disposição de falantes e estudiosos da língua um estudo comparando os domínios lexical e semântico do português popular nos países em referência.

O estudo, que intitulamos *Varição Léxico-Semântica no Mundo Lusófono: Os Casos de Angola e Portugal* contém quatro capítulos, assim distribuídos: i. Aspetos Introdutórios; ii. Revisão Bibliográfica; iii. A Neologia como Campo de Renovação Léxico-Semântica; iv. Análise e Tratamento dos Dados.

Palavras e expressões chave: língua, diversidade linguística, Angola, Portugal.

ABSTRACT

Nowadays Portuguese is one of the most widely spoken languages in the world. Culture vehicle – as any other natural language – is assumed as a factor of identity and social unity, presenting variations that are reflected, in greater depth, in the subsystems morphosyntactic, phonetic-phonological and lexical-semantic.

Despite the difference, the largest link between Angolans and Portuguese continues; however, it is not uncommon for cases of diversity to result in communication problems (more or less considerable) between individuals who claim to be speakers of the same language. It is therefore necessary to study it; identify, describe and systematize their varieties, their dialects; This depends, above all, on respect for diversity, the preservation of language and the consolidation of unity between the two peoples, culturally so different.

In this perspective that the present study fits, and through which we present – as far as the lexicon and semantics are concerned – the differences related to popular Portuguese spoken by Angolans and Portuguese. Its relevance is thus to make available to speakers and language scholars a study comparing the lexical and semantic domains of popular Portuguese in the countries in question.

To carry out the study, we applied a questionnaire survey to Angolan and Portuguese citizens, the last being the largest number of participants. The data will allow us to verify that there is a significant difference in the lexicon and semantics of popular Portuguese of Angolans and Portuguese. For all the participants, the high level of schooling showed to be an important element in the adoption of expressions.

The study, which we call *Variação Léxico-Semântica no Mundo Lusófono: Os Casos de Angola e Portugal* contains four chapters, distributed as follows: i. Introductory Aspects; ii. Literature review; iii. Neology as Field of Lexical-Semantic Renewal; iv. Analysis and Treatment of Data.

Key words and expressions: language, linguistic diversity, Angola, Portugal.

Índice

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Abstract

CAPÍTULO I: ASPETOS INTRODUTÓRIOS	1
1.1. INTRODUÇÃO	1
1.2. JUSTIFICAÇÃO DO TRABALHO E DA ESCOLHA DO TEMA	3
1.3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	5
1.4. OBJETIVOS	8
1.4.1. GERAL	8
1.4.2. ESPECÍFICOS	8
1.5. POPULAÇÃO E AMOSTRA	8
1.6. METODOLOGIA	9
CAPÍTULO II - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
2.1. A LÍNGUA COMO ESPAÇO DE (DES)CONSTRUÇÃO SOCIAL	10
2.2. ENTRE O PADRÃO EUROPEU E O REAL ANGOLANO: A ASCENSÃO DE UMA NORMA	14
2.3. A NORMA COMO OBJETO DE REALIZAÇÃO UTÓPICA	20
CAPÍTULO III- A NEOLOGIA COMO CAMPO DE RENOVAÇÃO LÉXICO-SEMÂNTICA	25
3.1. OS NEOLOGISMOS	27
3.2. A NEOLOGIA	28
3.3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO NEOLÓGICA	28
3.4. MECANISMOS FORMAIS DE CRIAÇÃO NEOLÓGICA	29
3.4.1. DERIVAÇÃO	29
3.4.2. COMPOSIÇÃO	30
3.4.3. ABREVIÇÃO VOCABULAR OU TRUNCAÇÃO	31
3.4.4. SIGLAÇÃO E ACRONÍMIA	31
3.4.5. IMPORTAÇÃO	32
3.4.6. CRIAÇÕES ONOMATOPAICAS	33
3.5. MECANISMOS SEMÂNTICOS DE CRIAÇÃO NEOLÓGICA	34
3.5.1. METÁFORA	34
3.5.2. METONÍMIA	35
3.5.3. BRAQUILOGIA OU ABREVIÇÃO	35
3.5.4. EUFEMISMO E DISFEMISMO	35

3.5.5. ETIMOLOGIA POPULAR OU ASSOCIATIVA	36
3.6. A TERMINAR	36
CAPÍTULO IV - O INQUÉRITO	38
4.1. A SUA ELABORAÇÃO	38
4.2. MODELO DE INQUÉRITO	39
CAPÍTULO V - ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	41
5.2. TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS	74
5.2.1. GRÁFICO Nº 1	74
5.2.2. GRÁFICO Nº 2	75
5.2.3. GRÁFICO Nº 3	75
5.2.4. GRÁFICO Nº 4	76
5.2.5. GRÁFICO Nº 5	76
5.2.6. GRÁFICO Nº 6	77
5.2.7. GRÁFICO Nº 7	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
RECOMENDAÇÕES	79
BIBLIOGRAFIA	80
ANEXOS	88

CAPÍTULO I: ASPETOS INTRODUTÓRIOS

1.1. INTRODUÇÃO

As relações bilaterais entre angolanos e portugueses remontam ao longínquo ano de 1482, quando Diogo Cão, atracando na foz do rio Zaire, deu origem aos primeiros contactos com as populações autóctones. Dessa fase inicial da cooperação, baseada, fundamentalmente, em objetivos – económicos, religiosos, civilizacionais – comuns, resultaram idas e vindas de e para aquela parcela da África, as quais tiveram consequências positivas na vida de ambos os reinos: por um lado – e não obstante as vantagens conseguidas se terem refletido também na sua vida económica, social e religiosa –, os congolese, à altura liderados pelo rei Nzinga Nkuwu (1470-1506), viram-se especialmente fortalecidos do ponto de vista bélico, assim se podendo colocar em situação de vantagem ante os seus rivais africanos; em contrapartida, a conversão do monarca congolês deixa subjacente, entre outros benefícios, a) a difusão da língua e da religião europeias entre os autóctones; b) a submissão de Nzinga Nkuwu – e, em resultado, a dos seus súbditos – ao reino lusitano; estes dois factos permitiriam a el-rei D. João II tanto a ampliação quanto a manutenção do seu poder, para lá do espaço europeu.

O revés dar-se-ia alguns anos mais tarde, tendo sobreposto os portugueses os seus interesses aos dos congolese: de aliados, passaram a explorador e explorado, assim se mantendo durante mais de quatrocentos anos. Em 1975, aquando da independência angolana, dá-se início a uma nova era na cooperação entre os dois povos. Do ponto de vista linguístico, como o referimos adiante, 1975 será um marco para o futuro da língua portuguesa, tanto em Angola, como em Portugal.

Retiraram-se os portugueses, mas manteve-se o idioma, que continuou a integrar o panorama sociolinguístico de Angola, com funções e estatutos que ainda hoje se lhe reconhecem. Antigo instrumento e veículo de dominação – transfigurou-se para testemunhar o nascimento e permitir o desenvolvimento da jovem república, contrariando o que seria expectável, porquanto se adotou – para a língua do Estado e da nação – a língua do antigo colonizador. Assim, e por imperativos circunstanciais de natureza diversa, tornou-se na língua oficial, veicular e nacional – quiçá a única língua verdadeiramente nacional – de Angola. Ao prestígio social que granjeara, portanto, no período anterior à independência, juntou-se-lhe o reconhecimento estatal no pós-independência, facto que lhe permitiu consolidar a sua posição hegemónica face às demais línguas de Angola: desde então, vem sendo o maior veículo para a construção e consolidação da unidade e identidade nacionais, factor de coesão e progresso sociais, um dos maiores símbolos da e para a angolanidade. Para tanto – sugere-o a bibliografia a respeito – contribuiu, grandemente, a diversidade étnica e linguística do território, na medida em que a escolha de um idioma de matriz africana para os fins desempenhados pelo português representava, para o Estado, um desafio – do ponto de vista social, económico, político – de proporções gigantescas; mas, sobretudo, representava um

perigo iminente à segurança e à unidade nacionais, já que implicaria – no vasto leque de línguas e etnias que compõem o território – a escolha e a imposição de uma língua, pertença de um grupo etnolinguístico, a todos os outros, tão distintos e, nalguns casos, marcados por um passado de conflitos tribais.

Esse posicionamento estatal, que se pode considerar como uma das mais importantes políticas linguísticas em benefício do português - ainda que se tenha assim procedido sem essa intenção –, teve, para o mosaico linguístico angolano, consequências cujas proporções, ainda por se determinar, são já perceptíveis na hegemonia do português face às demais línguas angolanas:

Devemos ter a coragem de assumir que a Língua Portuguesa, adoptada desde a nossa Independência como língua oficial do país e que já é hoje a língua materna de mais de um terço dos cidadãos angolanos, se afirma tendencialmente como uma língua de dimensão nacional em Angola» (2006)¹.

Transversal – aos períodos históricos – e, em certa medida, alheio a todos os revezes contrapondo angolanos e portugueses, o idioma vem sendo, desde o século XV, o seu maior elo, cada um dos quais adaptando-o às suas particularidades históricas, socioprofissionais, económicas, culturais, etc. É, neste sentido, tanto fator de unidade e identidade coletivas, como de expressão dessas idiosincrasias.

Entretanto, e não obstante a sua característica unificadora, o português apresenta – como é expectável, tratando-se de uma língua natural – variações (diastráticas, diafásicas, diatópicas), cada uma das quais se refletindo, com maior incidência, nos domínios morfossintático, fonético-fonológico e léxico-semântico. Importa, por isso, através de estudos exaustivos, sistematizar cada uma das suas variedades; difundir o conhecimento daí resultante, tornando-o acessível tanto aos estudiosos, quanto aos falantes comuns. Só assim se alcançará o respeito à diversidade linguística, conseguir-se-á a manutenção da unidade da grande diversidade que é a lusofonia.

Ora, se essa necessidade se impõe genericamente, mais ainda em relação às variedades praticadas por angolanos e portugueses, cujas relações, muito estreitas, resultam num fluxo migratório e transações comerciais de proporções elevadíssimas: de acordo com CCIPA², Portugal foi, em 2017, o segundo maior fornecedor de mercadorias para Angola; no primeiro “trimestre de 2018, as exportações portuguesas de mercadorias para Angola registaram um valor aproximado de € 348,7 milhões”; em sentido inverso, as exportações angolanas para Portugal atingiram “os € 124,9 milhões”³, no mesmo período; ao tratar-se do fluxo migratório, e de acordo com o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, citado pelo Diário de Notícias (na sua edição online de 22 de Janeiro de 2018), os principais motivos – “turismo, estudo, visitas a familiares, negócios ou tratamento médico”⁴ – fizeram dos

¹ José Eduardo dos Santos, citado por Undolo (2014:92).

² Câmara de Comércio e Indústria Portugal Angola.

³ Informação online em: <http://www.cciportugal-angola.pt/trocas-comerciais-portugal-angola-1o-trimestre-2018/>; acedida aos 7 de Junho de 2018, às 8:45.

⁴ Informação online em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/um-em-cada-tres-vistos-emitidos-por-portugal-em-2017-foi-para-angolanos-9064927.html>; acedida aos 7 de Junho de 2018, às 8:30.

angolanos aqueles para quem Portugal mais vistos emitiu no ano transato, tendo sido Luanda o maior centro emissor de vistos portugueses, fora de Portugal:

Pelo menos um em cada três vistos em passaporte emitidos pela rede consular portuguesa em 2017 foram para cidadãos angolanos, totalizando perto de 80 mil pessoas [...], “a larguíssima maioria sob a forma de vistos de curta duração (até 90 dias)”⁵. “[Luanda] foi o maior centro emissor de toda a rede externa”, acumulando “um total de 30% do total de vistos concedidos”; também para efeitos de vistos de estudo, os nacionais angolanos “foram os que mais vistos beneficiaram logo ao seguir aos brasileiros”, tendo a taxa de crescimento sido de 32% face a 2016.⁶

Todos esses dados demonstram – implícita e/ou explicitamente – a necessidade de se conhecer, com profundidade e rigor, as duas variedades, visando minimizar as distâncias relativas tanto à produção quanto à compreensão de enunciados – orais e/ou escritos – produzidos por falantes angolanos e portugueses. E, se tantos trabalhos – alguns dos quais enumeramos adiante, foram já desenvolvidos, muitos outros continuam necessários. É, pois, neste vasto espaço por preencher, que acreditamos enquadrar-se o nosso trabalho, para cujo título escolhemos “Variação Léxico-Semântica no Mundo Lusófono: Os Casos de Angola e Portugal”; a sua abordagem, centrada na vertente léxico-semântica do idioma, dá conta da diversidade linguística entre Angola e Portugal, no que ao português popular diz respeito.

1.2. JUSTIFICAÇÃO DO TRABALHO E DA ESCOLHA DO TEMA

Pequenos ainda – frequentando o que hoje corresponde, em Angola, ao ensino primário e, em Portugal, aos primeiros seis anos do ensino básico – os professores de Língua Portuguesa, quando não nos obrigassem, dedicavam-se a ensinar-nos – com a seriedade e o rigor que a disciplina, em todo o seu esplendor, exigia – as classes de palavras, as suas funções sintáticas, a escrita e o significado corretos deste ou daquele vocábulo e pouco mais; eram rígidos e invariavelmente centrados na imposição do modelo linguístico, largamente difundido pelos normativistas. A consciência da diversidade, da beleza da sua singularidade, nessa época, era um luxo cuja descoberta se daria anos mais tarde.

Nessa fase, em que o diverso era necessariamente interpretado como vil e, por conseguinte, digno de ridicularização e de repulsa, as gramáticas eram os livros sagrados, detentores das verdades inquestionáveis; nelas, estava o português bonito e elegante, que, legitimado e aceite, vinha difundido como constituindo o ideal de língua e, portanto, a norma de uso obrigatório; a diferença era sempre uma transgressão grave e estava, para os professores da língua, como – na igreja – os pecados para padres e/ou pastores; os erros de ortografia, naquilo a que chamavam ditado (ou ortografia), custavam a dignidade; os castigos, diversos, variavam de acordo com o professor e a escola; todos tinham, entretanto, como núcleo de significação comum, o que hoje consensualmente se entende como violência; ou

⁵ As vírgulas são do redator

⁶ Informação online em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/um-em-cada-tres-vistos-emitidos-por-portugal-em-2017-foi-para-angolanos-9064927.html>; acedida aos 7 de Junho de 2018, às 8:30.

seja, quem (ousasse) falar de acordo com o que se vem difundindo como característico ao português em Angola, quando não caísse na desgraça da surra, era logo taxado como marginal, inculto, burro, numa lista (quase) infindável de adjetivos (ou equivalentes) depreciativos. Ao contrário, tinha prestígio social quem sabia⁷, sobretudo, falar português; e isso pressupunha, do ponto de vista léxico-semântico, por exemplo, a utilização dos vocábulos mais inusuais, mesmo nos casos em que, percebemo-lo hoje, estivessem descontextualizados (não eram poucas as vezes⁸). Por tudo isso, a norma representava o sonho de qualquer falante, poucos percebíamos o carácter utópico desse sonho.

Em 2002, a UNITA e o MPLA – considerados os dois maiores partidos políticos de Angola – assinaram os acordos de paz, pondo fim a um período de mais de trinta anos de guerra. Tinha-se, finalmente, conseguido que a estabilidade (militar, social, política) começasse a trilhar o seu percurso, a partir do que se foram criando as condições que se sabiam necessárias ao desenvolvimento socioeconómico do país; ora, esse facto refletiu-se diretamente na melhoria da qualidade de vida da população: nos centros urbanos, por exemplo, a rádio e a televisão deixaram de ser luxos, passando a integrar o leque de condições básicas de algumas famílias humildes; é assim que os canais de televisão estrangeiros, difundidos por uma operadora de televisão por satélite (DSTV), entre os quais a Globo, um canal brasileiro, vão-se difundido paulatina e progressivamente entre as populações.

Relativamente a esse último, a grelha de programação, atraente, incluía telenovelas e outros programas de entretenimento que, (quase) sorratamente, disseminavam uma variedade da língua que todos percebíamos diferir daquelas faladas tanto em Portugal como em Angola. Estavam, portanto, criadas as condições para que o português brasileiro fosse influenciando⁹, paulatinamente, a variedade da língua em Angola.

Em 2008, as reformas efetuadas no segundo canal público da Televisão Pública de Angola (TPA) redundaram num acordo comercial firmado com a TVI, o qual se refletiu na exibição de uma telenovela portuguesa, “Morangos com Açúcar”, que, já em exibição em Portugal, desde 2003, era líder de audiências; assim como sucedera em Portugal, rapidamente se tornou um êxito em Angola.

Do ponto de vista linguístico, e no que ao português diz respeito, as consequências foram imediatas; não foi, portanto, necessário muito tempo para que se comesçassem a sentir as influências (particularmente, nos subsistemas léxico-semântico, morfossintático e fonético-fonológico); em breve, expressões como “bueda fixe”, “ficar passado”, ou “cromo”,

⁷ Retomamos, para discussão, a ideia no capítulo II.

⁸ Os testes continham uma secção específica destinada à descodificação do que habitual e convencionalmente se chamava “palavra difícil”.

⁹ Não obstante as especulações em torno do contributo da norma brasileira para a formação e/ou consolidação da variedade do português falado em Angola, faltam estudos que atestem a dimensão real dessa influência, o mesmo se aplicando em relação ao grau de profundidade e às áreas de maior incidência, embora tenhamos a consciência - muito vaga e especulativa - de haver, em tal variedade, características - fundamentalmente - léxico-semânticas, fonético-fonológicas e morfossintáticas advindas do português brasileiro.

características ao português popular de Portugal – e inusuais em Angola – começaram também a verificar-se, fundamentalmente, na fala dos angolanos com quem convivíamos.

Era difícil – e assim continua, dada a inexistência de estudos com esse pendor – ter a percepção exata da influência de “Morangos com Açúcar” sobre o português popular em Angola. Apesar disso, os comentários de pessoas oriundas de distintos cantos do país foram consolidando a ideia de que a influência era uma realidade, pelo menos, em grande parte das capitais de província. Tal facto consolidou a nossa percepção relativa à diversidade, sobretudo no domínio léxico-semântico, do português popular falado por angolanos e por portugueses, que, quando não impossibilitava, dificultava a comunicação¹⁰.

A nossa segunda viagem a Portugal, já enquanto estudantes do curso de Mestrado em Estudos Lusófonos da Universidade da Beira Interior, permitiu-nos ter um contacto mais prolongado e mais aprofundado com a realidade linguística portuguesa, pelo que se foi consolidando a percepção e o conhecimento relativos à dimensão dessa diferença; como consequência, fez-se-nos luz a necessidade do desenvolvimento de um estudo que, focando-se no domínio léxico-semântico do idioma, desse conta dos aspetos divergentes entre angolanos e portugueses, no que ao português diz respeito; a ideia foi-se solidificando e, a dada altura do período formativo, estávamos já bastante convencidos não só da necessidade, mas também da relevância do estudo. Decidimos, então, desenvolvê-lo no âmbito da nossa Dissertação (também impelidos pela necessidade do desenvolvimento de um trabalho para a obtenção do grau de Mestre); inicialmente, consideramos a possibilidade de incluir o Brasil no estudo. Mas a conversa com um antigo professor dos anos de Licenciatura foi suficientemente esclarecedora: seria um trabalho demasiado ambicioso para um projeto como é a Dissertação. Eliminada a possibilidade do Brasil, decidimos, então, limitar o nosso estudo às possibilidades iniciais: Angola e Portugal.

A última fase consistiu na escolha do título; entre algumas poucas possibilidades, decidimo-nos por este: *Varição Léxico-Semântica no Mundo Lusófono: Os Casos de Angola e Portugal*. A sua relevância reside, pois, no facto de, uma vez posto à disposição de investigadores, professores e/ou falantes comuns, poder ser um importante instrumento para o conhecimento – no que ao léxico e à semântica diz respeito – da diversidade linguística do português popular falado por angolanos e por portugueses.

1.3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O português é, assim como o é qualquer outra língua para os seus falantes, um facto social; e, tal qual sucede a outros da mesma natureza, transforma-se, paulatina e ininterruptamente, em virtude do que lhe é intrínseco: a variação e a mudança.

Assim, pois, da variação e da mudança constantes, resulta que, em dado momento desses processos (a variação e a mudança), encontrando-se a língua substancialmente distinta

¹⁰ Uma vez, postos numa mercearia, tivemos de “traduzir”, para o angolano, comprador, e para o português, o vendedor, de português para português, a palavra *amendoim*, cujo referente, em contexto angolano, significa, quase exclusivamente, *ginguba*.

de si mesma, já não é possível falar-se de um, mas de dois (ou mais) sistemas linguísticos autónomos (tal é o caso do latim, em relação ao português). Significa isto que as línguas naturais, no seu longo e complexo processo de mudança, tendem a dar origem a outras¹¹, fruto da inserção e decadência de novas e velhas formas, respetivamente: dois factos para os quais contribuem tanto a situação de contacto, quanto a capacidade inovadora da comunidade que dela se serve enquanto veículo de comunicação. Dizemos, portanto, tratar-se de um processo cíclico e intrínseco a todas elas, na medida em que o nascimento de uma pressupõe a existência de uma anterior, salvo o caso, que conhecemos isolado, da língua referida em Génesis cuja «origem remonta à criação divina do Homem» (Casanova, 2006:12). Assim sucedeu com a antiga língua de civilização, que, imposta pelos romanos aos povos da Península Ibérica, deu origem a um romance, de onde proveio o galaico-português e, deste, o português «medieval», «clássico», «moderno» (Silva & Osório, 2008:31).

O mesmo vai sucedendo ao português, que, também encarado como instrumento de civilização, foi levado e imposto aos povos dos territórios que hoje constituem o mundo lusófono, intensificando-se, a partir daí, o seu processo de desenvolvimento, do qual vem resultando um idioma que, cada vez mais distinto daquele praticado em Portugal, passou-se a chamar português do Brasil e português de África, para só referir estes e um tipo de variação – a diatópica. Relativamente ao português de África, como foi chamado, inclusive, por estudiosos como Cunha & Cintra (2005), o tempo e a ciência têm sido determinantes para a perceção da ilusão relativa à sua homogeneidade. Para tanto, vêm contribuindo grandemente os esforços de investigadores que, pelo desenvolvimento de estudos em torno das variedades do português praticadas, sobretudo, em Moçambique e Angola, vão identificando as suas particularidades, facto que se reflete no esmorecimento desse mito em torno da homogeneidade linguística da África lusófona.

No que ao português em Angola diz respeito, a consciência da sua singularidade, da necessidade de se estudar os seus aspetos mais específicos, do respeito, da legitimação e da promoção das suas características, não é um facto recente. Poetas, romancistas e outros agentes culturais angolanos batiam-se – era Angola uma colónia – pela valorização daquilo que, à altura, se considerava como constituindo desvios à norma. Produziram, por isso, um conjunto de obras significativamente marcadas por particularidades linguísticas típicas ao português popular na colónia. Domínios como a morfossintaxe, o léxico e a semântica, a fonética e a fonologia são aqueles em que, mais se refletindo a diferença, foram descritos com maior pormenor. Veja-se, a título ilustrativo, os exemplos que se seguem, retirados de “Makèzú” e de “Só Santo”, poemas de Viriato da Cruz, publicados originalmente na década de 1950, nos quais se registam as idiosincrasias lexicais, morfossintáticas, fonético-fonológicas e semânticas do português popular na antiga colónia:

¹¹ Os factos demonstram que a variação e a mudança, enquanto mecanismos de preservação linguística, só se aplicam às línguas de cujas sociedades sejam económica, cultural e cientificamente poderosas. São estas que, no contacto direto e permanente com outras, geralmente minoritárias e/ou de comunidades linguísticas desfavorecidas, dão origem a novas línguas, num processo geralmente glotofágico. O caso do latim é um bom exemplo.

- a) Morfossintaxe: “Eles não sabe o que diz”
- b) Fonética e fonologia: – «Não sabe?! Todo esse povo / Pegô um costume novo / Qui diz quê civrilização: / Come só pão com chouriço / Ou toma café com pão...”
- c) Léxico: «Hum-hum / Mas deixa... / Quando o sô Santo morrer, / Vamos chamar um kimbanda / Para 'Ngombo nos dizer / Se a sua grande desgraça / Foi desamparo de Sandu / Ou se é já própria da Raça...»
- d) Semântica: «Kuakié!... / Makèzú, Makèzú...» / – «Antão, véia, hoje nada?» / – «Nada, mano¹² Filisberto... / Hoje os tempo tá mudado...»

Assim como Viriato, outros tantos tiveram produção semelhante; da lista, mais ou menos vasta, constam nomes como os de Aires de Almeida, Santos Alfredo Troni ou Castro Soromenho.

Em 1975, Angola tornou-se independente. Em 1983, prosseguindo com a discussão inaugurada pelos intelectuais angolanos, no período colonial, Irene Guerra Marques desenvolveu um trabalho, *Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola*, a partir do qual “alertou para os sinais de mudança que já então caracterizavam o português em Angola” (Undolo, 2014:102). Cinco anos mais tarde, em 1988, no seu *Subsídios para o Estabelecimento da Norma do Português em Angola*, um trabalho monográfico versando sobre aspetos morfossintáticos, léxico-semânticos e fonético-fonológicos do português em Angola, Carrasco concluiu pela existência de particularidades que o demarcavam da norma padrão.

Seguem-se-lhes muitos outros, que, assim como os dos autores retro referidos, caracterizam-se por se terem desenvolvido ou numa perspetiva diassistémica: Mingas (2000): *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Luanda*; ou numa perspetiva didática-metodológica: Saldanha & Rosário (2008): *Implicações Didático-Metodológicas do Desfasamento entre o Português Ensinado e o Português Vivido*; ou, ainda, numa perspetiva morfossintática: Adriano (2014) *Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola*. Do ponto de vista léxico-semântico, destacamos aqui o trabalho desenvolvido por Tomás & Mateus (2014): *Contributo para o Estudo Léxico-Semântico do Português Popular em Angola*.

Relativamente ao caso português, a vasta produção bibliográfica, iniciada com as primeiras gramáticas, algumas das quais incluem aspetos dialetológicos, remete para um conjunto significativamente extenso de obras dando conta dos seus aspetos mais singulares, sob o ponto de vista didático-metodológico, léxico-semântico, fonético-fonológico, pragmático, etc.

Em 1536, por exemplo, Fernão de Oliveira publicou a primeira gramática do português, *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*; não obstante a sua natureza tomada como

¹² O *Grande Dicionário da língua Portuguesa* apresenta, como significados para o lexema *mano*, os seguintes: “ *n.m.* 1 [colq.] forma de tratamento cordial entre indivíduos que são irmãos de sangue, irmão; 2 [colq.] aquele com quem se tem uma relação de afeto ou de amizade, amigo, companheiro; 3 [ant.] cunhado; *adj.* 1 íntimo; inseparável”. Ora, no contexto em que ocorre, além dos significados apontados pelo dicionário, *mano* tem, como neologismo, os traços semânticos: [+ contemporâneo] e [+ nostalgia];

reguladora, tem também o livro certo pendor descritivo, na medida em que expressa nele o autor a sua consciência, relativamente às “variantes diastráticas e diatópicas” (Fernandes, s/d:11) que caracterizavam o português de então; é a essas variantes que se refere Dom Jeronymo Contador de Argote, em 1725, no seu livro *Regras da Lingoa Portuguesa, Espelho da Lingoa Latina*, como muito bárbaras, em virtude do que quase não se podem “chamar Portuguez”¹³.

A esses, juntam-se tantos outros, entre os quais nos interessam, obedecendo à natureza do nosso trabalho, aqueles que se debruçam sobre a componente léxico-semântica do idioma: Brito (2016): *Dicionário de Calão do Porto*; Vasconcelos (1987): Mapa Dialectológico do Continente Português.

De todos quantos tivemos acesso, nenhum estudo foi desenvolvido adotando a mesma perspetiva que o nosso; i.e., comparando, da perspetiva léxico-semântica, as realizações do português popular em Angola e em Portugal.

1.4. OBJETIVOS

Referimo-nos, implícita e/ou explicitamente, em parte anterior deste trabalho, à necessidade de estudos que atestassem as particularidades inerentes ao português, visando o conhecimento das características que opõem as suas variedades.

Constituímos, em virtude disso, como objetivos do nosso trabalho, os seguintes:

1.4.1. GERAL:

1.4.1.1. Contribuir, no que à língua portuguesa diz respeito, para o conhecimento relativo às suas variedades diatópicas e diastráticas.

1.4.2. ESPECÍFICOS:

1.4.2.1 Fornecer um corpus por intermédio do qual se comprovem as diferenças léxico-semânticas do português popular falado em Angola e em Portugal.

1.4.2.2 Atestar as diferenças léxico-semânticas do português popular falado em Angola e em Portugal.

1.4.2.3 Explicar essas diferenças.

1.5. POPULAÇÃO E AMOSTRA

Para a população, selecionamos cidadãos dos países em torno dos quais desenvolvemos o nosso estudo: Angola e Portugal. Relativamente à amostra (e atendendo tanto à quantidade, que pretendíamos significativa, quanto à diversidade dos dados a recolher, sobremaneira facilitadas por uma amostra de características heterogéneas), estabelecemos, como critério único para a sua constituição, a cidadania dos inqueridos, embora constem dos questionários aplicados os dados relativos à idade, ao sexo, bem como ao grau académico.

¹³ Cf. Contador de Argote, citado por Guimarães (2010:366).

Assim, pois, aplicamos o inquérito a um número de 419 cidadãos, entre os quais 184 angolanos e 236 portugueses.

1.6. METODOLOGIA

Da conceção à redação final, o nosso estudo contou com um suporte teórico baseado, fundamentalmente, nos seguintes autores: Margarida Pocinho (2012), Clara Pereira Coutinho (2015), Tatiana E. Gerhardt & Denise T. Silveira (2009) e Raymond Quivy & Luc Van Campenhoudt (2007). Assim, e de acordo com o desenho teórico efetuado, a nossa pesquisa caracteriza-se – fundamentalmente – por ser:

- 1.6.1. Quanto à abordagem: qualitativa¹⁴.
- 1.6.2. Quanto à natureza: básica e aplicada.
- 1.6.3. Quanto aos objetivos: descritiva.
- 1.6.4. Quanto aos procedimentos: pesquisa bibliográfica; pesquisa de campo.

Os métodos, as técnicas e outras questões relacionadas com o desenvolvimento do nosso estudo, cuja explicitação apresentamos no capítulo V, foram os seguintes:

- 1.6.1.1. Planeamento do inquérito.
- 1.6.1.2. Redação do inquérito.
- 1.6.1.3. Trabalho de campo.
- 1.6.1.4. Análise e tratamento dos dados.

¹⁴ Critérios de classificação adotados de acordo com os propostos por Gerhardt & Silveira (2009:31-47).

CAPÍTULO II - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. A LÍNGUA COMO ESPAÇO DE (DES)CONSTRUÇÃO SOCIAL

O homem é um ser eminentemente biopsicossocial e a língua ocupa, entre todas as suas criações, um lugar de destaque. Será mesmo a maior entre todas, considerando que, sem ela, nenhuma outra é/seria possível. Inicialmente seu produto foi crescendo em importância até se tornar inconcebível a ideia de uma sociedade humana senão através de uma língua.

O mais completo, porque o mais eficaz entre os sistemas de comunicação humanos, começa, ainda nas sociedades primitivas, o seu longo percurso de desenvolvimento, ora adaptando-se às necessidades e aos anseios das sociedades humanas, ora determinando-os, num processo de influência recíproca e reflexiva cujo alcance ainda se está por definir. O homem, medida de todas as coisas, como o definiu Protágoras, mede-se pela sua língua, seu maior património. Não se esgota, portanto, em si mesmo, o julgamento de si e do mundo, mas em algo intrínseco a si, a sua língua, o instrumento de sua análise. E é-o, de facto, porquanto determina toda a sua existência, quer individual, quer grupal, toda a complexidade de relações que mantém com os meios social e natural, bem como consigo próprio. É, portanto, o que é, porque fala e pelas línguas que fala.

A esse respeito, Eco (1996:27) atribui a Sócrates uma ideia segundo a qual, “em última análise, o conhecimento não depende da nossa relação com os nomes, mas da nossa relação com as coisas, ou melhor, com as ideias”, um argumento cujo fundamento esbarra neste: o homem é, em essência, um ser biopsicossocial; a sua mundividência é, portanto, determinada por fatores de ordem biológica, psíquica e social, e estes, por sua vez, determinados por um conjunto de signos (sobretudo os linguísticos) por intermédio dos quais se entrelaça ao tecido social. Ora, há muito que se reconhece, consensualmente, a vantagem do signo linguístico em detrimento de outras formas de linguagem, embora mantenham entre si uma relação de complementaridade. Ou seja, o conhecimento (das coisas, dos outros e de si) está, incontornavelmente, ligado ao conhecimento linguístico, na medida em que este último determina grandemente a sua relação tanto com as coisas, como com as ideias.

Essa relação (língua e sociedade), há muito vem atestada em diversas abordagens cuja natureza varia entre a científica (linguística, filosófica, sociológica...), a mítica, a religiosa, etc. Popularmente, é comum ouvir-se – até dos mais “leigos” (no que à língua diz respeito) – enunciados como “Quem tem boca vai a Roma”, que denota (metonimicamente), entre outras interpretações possíveis, a língua como uma característica humana de imensurável valia e sem a qual não é possível a vida e o progresso sociais¹⁵. Da esfera religiosa, chega-nos a conceção da língua como uma realidade geradora de outras, haja vista

¹⁵ Consideramos aqui o substantivo Roma não como um nome próprio, cujo referente é a capital italiana, mas como um lexema utilizado metaforicamente, e através do qual se pretende referir ao desenvolvimento enquanto um fim.

as suas propriedades miraculosas, sendo, por conseguinte, encarada como o instrumento por via do qual se concretizara toda a criação.

Disse Deus: "Haja luz" [...] Depois disse Deus: "Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas". [...] Ao firmamento, Deus chamou céu. Passaram-se a tarde e a manhã; [...] Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança"¹⁶.

Depreende-se daí a língua quer como instrumento de criação, quer como fator-chave para a distinção conceptual das realidades criadas. Atribuindo Deus, no final e a cada uma das suas criações, um nome próprio, através do qual passar-se-á a chamar e cuja alusão, daí em diante, evocará o seu referente. Pela palavra, criou-se, portanto, tudo quanto existe e por ela se distingue cada uma das realidades até então inexistentes. Adiante, pelo mito de Babel, reconhece-se não só já a língua enquanto entidade criadora, mas como propulsora da unidade nacional, através da qual se materializam os grandes empreendimentos (Babel). Entende-se, por via disso, que tanto a unidade quanto a diversidade sociais advêm de um mesmo fator: a língua, que assume, além daquelas referidas, uma outra dimensão: fator de unidade. Nesse sentido, tanto mais diverso será o grupo social, quanto menor for a capacidade unificadora da língua. Desta percepção resulta, pois, a destruição de Babel pela dissolução da unidade linguística, na medida em que, sendo impossível a intercompreensão, também o seria a manutenção da vida em coletividade. A língua evidencia-se, assim, como o fator-chave para a multiplicidade de povos e culturas.

No mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar. Disseram uns aos outros: "Vamos fazer tijolos e queimá-los bem". Usavam tijolos em lugar de pedras, e piche em vez de argamassa. Depois disseram: "Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra". [...] E disse o Senhor: "Eles são um só povo e falam uma só língua, e começaram a construir isso. Em breve nada poderá impedir o que planejam fazer. Venham, desçamos e confundamos a língua que falam, para que não entendam mais uns aos outros".¹⁷

Qualquer que seja a perspectiva em que a encaremos, mito ou realidade, reconhecemos estar na história de Babel uma evidência irrefutável quer da unidade, quer do (pretense) progresso humanos como resultado de uma língua una, sem a qual mais dificilmente se conservaria a vida humana.

À língua reserva-se, portanto, esse estatuto de imensurável valia no longo e complexo percurso da evolução humana, o qual tem na figura do *homo habilis* um marco, na medida em que, comparado ao seu antecessor, nele se regista — em estágio bastante avançado do seu desenvolvimento — a área de broca, fundamental à faculdade da linguagem. Ademais, à hostilidade do meio natural, identificadas por Hagège (1985:17) como “os espaços de magras estepes”, e Real (2017:81), como o “Excesso de Ser”¹⁸, o organismo humano foi respondendo

¹⁶ Génesis, 1:3-25.

¹⁷ Génesis, 11:1-7.

¹⁸ Para Real (2017:81), o Excesso de Ser é a superabundância de elementos na e da natureza e que o antepassado do homem identificou como pondo em risco a preservação da espécie, causando-lhe terror:

com o desenvolvimento dos seus órgãos. Deste modo, enquanto criava e/ou consolidava outros hábitos e habilidades tendentes à melhoria da vida e à consequente preservação da vida, fazia-o também em relação à linguagem, já inscrita no seu código genético, aperfeiçoando não só a capacidade, mas também os instrumentos e os meios de comunicação, fruto da urgente e necessária (tentativa de) minimização do impacto negativo desse “Excesso de Ser”. A sobrevivência, posta em risco pela própria natureza, obrigou-o, portanto, a reinventar-se, perante as dificuldades com que se ia deparando; a linguagem, e a língua numa fase posterior, advêm, pois, dessa necessidade de controlar e/ou reverter a qualidade negativa das realidades que lhe punham em causa a continuidade da vida. O perigo, sempre à espreita, obrigou-o, assim, à

exteriorização fónica das emoções que revelam o Excesso do Ser, auxiliada por sinais miméticos, fundada em interjeições, onomatopeias, experimentando-se o controlo do fluxo do ar na garganta. O Ser atravessa a consciência, trespassa-a em tal excesso precário, fragmentário e perigoso ou violento que exige ser fixado em sinais, em sons, que cristalizam vestígios, estabilizam indícios, para que o precário se torne regular, o fragmentário, unidade, e o perigo seja minimamente bloqueado, pelo menos previsto Real (idem, ibidem).

Tantos séculos passaram e, dessa fase, as línguas naturais conservam, sem exceções, essa capacidade e função unificadoras, por via das quais se concebe e materializa o desenvolvimento da humanidade.

Com efeito, e em oposição a essa face unificadora, reconhecemos-lhe também estoutra: a língua como instrumento-chave para o acentuar da diversidade social, qualquer que seja a sua natureza. Senão, vejamos.

Cada falante – condicionado por fatores de natureza extralinguística, como são o género, a situação discursiva (formal ou informal), a localização geográfica, o estatuto e/ou condição socioeconómica, etc., o mais das vezes se sobrepondo àqueles estritamente linguísticos – fala/escreve na sua língua (mesmo nos casos em que não tenha consciência do facto) – imprimindo-lhe determinadas propriedades que o identificam como homem, mulher, religioso, cidadão, estudante, cientista, trabalhador, etc. Assim, pois, e embora a concebamos potencialmente neutra, essa característica é naturalmente contraposta pela língua em acto, i.e., no processo comunicativo, profundamente determinado pelos fatores a que nos referimos acima; vislumbram-se, nesta conformidade, os aspetos

“Por todo o lado a água e a seca, o vale e a montanha, o bosque e a savana, o animal terrestre e o aéreo, a água do céu e a do mar ou do rio, as formas irregulares das nuvens [...] o vento sentido mas não visto, as labaredas ameaçadoras. [...] Não há norte nem sul, há seres e estados que aliciam (a gazela, a água), outros que repelem (o fogo), há pântanos que aprisionam o andar e prados que o libertam, convidando à corrida, há o perigo que espreita sob a erva fresca (cobras, serpentes, escorpiões, insetos de picada venenosa...), animais que arquejam para melhor saltarem sobre a presa, outros que se jogam de árvores, outros que irrompem do chão... Tudo passa, tudo corre perigosamente na consciência, precária, fragmentária, tudo flui irradiando uma Presença Aterradora, assustadora, ubíqua, permanente”.

culturais/ideológicos (nem sempre identificáveis) de que se reveste a comunicação. Assim, e não obstante o facto de nem sempre se poder determinar os matizes semânticos implicitamente evocados no discurso, as mulheres tenderão a usar a língua de modo diverso do dos homens; os professores não farão dela uso equiparado ao dos políticos e aquele feito pelos trabalhadores do sector automóvel tenderá, naturalmente, a diferenciar-se do uso que dela se faça pelos do sector agrícola.

Com efeito, essa diversidade não raras vezes resulta em discriminação, sobretudo naquelas relativas à classe socioeconómica, à raça e ao sexo. Disso nos dá-nos conta – implícita e/ou explicitamente – a vasta literatura a respeito, em cuja abordagem se depreende, em maior ou menor grau, a diversidade como recurso e/ou fundamento para a marginalização social do indivíduo, e entre a qual citamos, a título ilustrativo, *O Colocador de Pronomes* (1924), de Monteiro Lobato, *A Língua de Eulália* (2006), de Marcos Bagno, ou a *Aula de Português*¹⁹ (2002), de Drummond de Andrade. Portanto, se, por um lado, a língua é – e somente – o instrumento para a materialização desse facto, mentalmente concebido, não é menos verdade que, por outro lado, se constitui, ela mesma, na razão primeira do problema²⁰. Neste sentido, falá-la com incorreções, ou num registo que não o padronizado significa ver-se excluído de determinado meio sociocultural por aqueles cuja língua ou o grau de proficiência linguística os leva a crerem-se superiores. Tal é assim que, nas antigas colónias portuguesas, falar a língua do colonizador, considerada pura e superior, era a condição primordial para o acesso a uma classe (assimilado), e, portanto, aos privilégios que se lhe reservava. No entanto, e porque só falar não era suficiente, tornava-se imperativo falá-la bem, o que pressupunha a sua utilização num registo que se demarcasse das interferências próprias a quem tivesse por materna uma língua nativa. Ao contrário, usar uma língua banto para a interação social significava estar sujeito à vil situação de indígena e, por consequência, ver-se inelutavelmente marcado pela negação do acesso à cidadania e a todos os direitos/privilégios que dela resultassem.

Da prática social da língua como instrumento e/ou fundamento para a discriminação, o português conserva, ainda hoje, os vestígios de uma sociedade sobremaneira dominada pela figura masculina, a qual restringia – sobretudo – ao ambiente doméstico, a esfera da atuação feminina. Ficou-nos, dessa sociedade, o legado de uma língua em cujos provérbios, máximas, adivinhas, etc., ainda se vislumbra essa conceção minimalista da mulher, obrigada a submeter os desejos, os sonhos, as aspirações aos do homem, aquele através de quem e para quem ela existe.

¹⁹ Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/antologia/aula-de-portugues/624> acedido aos 12 de Maio de 2018.

²⁰ Não são raros os exemplos demonstrando o baixo grau de proficiência linguística como a causa para a discriminação social do indivíduo: dum lado, os que se julgam bastiões da língua e dela se servem para apartar e/ou apartar-se dos outros; doutro, os que, julgando-se inferiores, afastam-se a si mesmos do convívio de determinado grupo socioeconómico, profissional, etc. Assim, os indivíduos têm ou não acesso a uns e a outros meios, de acordo com o registou ou variedade em que falam.

Assim se explica a natureza e a ocorrência frequente de enunciados como “Mulher que muito aprende, não tem marido que a aguente”²¹, cujos matizes semânticos remetem para indivíduos e/ou sociedades cuja ideologia de gênero assenta na sobreposição da figura masculina face à feminina, considerando virtuosa e, portanto, digna de se ter por esposa a mulher de quem o grau instrutivo seja baixo e/ou inferior ao do homem. Do enunciado, aparentemente simples, resulta não só a concepção preconceituosa e, por tal, discriminatória, mas também a imposição, subtil, de um modelo feminino, bem como o paradigma comportamental por intermédio do qual se julgará toda a conduta feminina. Neste sentido, conclui Cervera (2006:26), o português tem sido um recurso de utilidade inestimável ao serviço de uma sociedade patriarcal, um portentoso instrumento por intermédio do qual se modela a coletividade para as concepções e práticas que atentam contra a dignidade feminina, ao mesmo tempo que minimiza as suas contribuições para a manutenção da vida e do desenvolvimento sociais. Está, portanto, a língua ao serviço dos interesses de uma classe que, acreditando-se superior, nela encontrou um mecanismo muitas vezes impercetível para a subjugação feminina.

Existe um uso sexista da língua na representação oral e escrita (nas conversações informais e nos documentos oficiais) que transmite e reforça as relações assimétricas hierárquicas e não equitativas que se dão entre os sexos em cada sociedade e que é utilizado em todos os seus âmbitos Cervera (2006:5).

2.2. ENTRE O PADRÃO EUROPEU E O REAL ANGOLANO: A ASCENSÃO DE UMA NORMA

A língua, veículo de cultura e instrumento de dominação, chegou às antigas províncias ultramarinas, de onde nunca mais saiu, nem se conservou livre das influências (inicialmente interferências) das línguas e culturas que hoje conhecemos como angolanas. Confere-lhe, pois, essa predisposição para o respeito, e para a aceitação da diferença, uma característica verdadeiramente democrática, manifesta na flexibilidade para a incorporação, nas suas estruturas, de elementos advindos das línguas indígenas, ou, como lhas chamou o navegador português Serpa Pinto, “línguas bárbaras”. Assim, do Kimbundu *dikota*²² resultou um *cota* hoje fortemente difundido inclusive em Portugal, centro do poder linguístico e, portanto, da norma, que, provam-no os estudos, cada vez mais se *desnormaliza*. Com efeito, a influência não se concretizou unidireccionalmente; os mais de cinco séculos de coabitação, gerando influências recíprocas, deixaram marcas inequívocas nas línguas indígenas, sobretudo nos domínios lexical e semântico e de cujo conhecimento, real, ainda estamos por concretizar. Em consequência, temos hoje um kimbundu, umbundu, kikongo, etc., inquestionavelmente mais ricos, aparentemente mais completos e, portanto, (relativamente) distintos daqueles falados anteriormente à chegada e ocupação europeias àquele território africano. As necessidades revelaram-se mais fortes e as palavras, em circunstâncias que ainda hoje

²¹ Cervera (2006:5)

²² Hoje, entre outras aceções adquiridas, conserva o significado de pessoa adulta.

ignoramos, transpuseram as barreiras socioculturais; adaptaram-se aos sistemas morfológicos e fonético-fonológicos e acomodaram-se às línguas de destino. Tal é assim que, nos dias que correm, provavelmente pouca gente se lembre que *ondjanela*, tão frequentemente utilizado para a designação do mesmo referente em português, só tem existência no umbundu depois da chegada da língua europeia à atual região centro-sul do território angolano.

Desse contacto, e embora as influências se tenham revelado verdadeiramente enriquecedoras tanto para aquele grupo de línguas banto, quanto para a língua de origem europeia, resultou um português que, mercê do poder avassalador dos europeus sobre os africanos, se impôs hegemonicamente às línguas indígenas, significativamente diverso daquele praticado em Portugal, de tal forma que, depois da instauração da República, não restou ao Estado recém-criado outra solução que não fosse a adoção do português, a língua do antigo colonizador. Para tal, citamos, como fatores significativamente importantes, as políticas linguísticas delineadas tanto pelo Reino, como, mais tarde, pelo Estado português, pelas suas instituições, de onde se destaca a escola (e os seus valores real e simbólico), pela estratificação social dos indígenas (com efeitos nalguns casos adversos àqueles pretendidos e de que nos referimos adiante).

Relativamente ao poder político e ao seu ambicioso projeto de difusão da cultura portuguesa, por intermédio da língua, revisitemos o longínquo ano de 1954, para lá situarmos temporalmente a promulgação do «Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique», que, atualizando o «Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas», de 1929, mantém inalterável o domínio do português como condição indispensável à distinção entre os indivíduos de pele escura e/ou mestiça, pois se acreditava que, entre os indígenas, aqueles que se mostrassem bons falantes da língua, denotavam também ter apreendido e, portanto, assemelhar-se (ou aproximar-se) aos indivíduos de raça branca, nos seus usos e costumes. Assim, diferenciavam-se dos «comuns da sua raça», aqueles de quem os modos (de estar, ser e agir) fossem atestados como estando em desacordo com a sua (anterior) cultura, através de um requerimento que, feito pelo próprio, era dirigido ao governador-geral da província, cabendo a este último o veredicto.

Pode perder a condição de indígena e adquirir a cidadania o individuo que prove satisfazer cumulativamente aos requisitos seguintes:

- a) Ter mais de 18 anos; b) Falar corretamente a língua portuguesa; c) Exercer profissão, arte ou ofício de que aúfira rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim; d) Ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos²³ pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses; e) Não ter sido notado como refratário ao serviço militar nem dado como desertor²⁴.

Se considerarmos que as últimas três exigências, ainda que implicitamente, nos remetem para a segunda, na medida em que, nos centros urbanos e/ou rurais onde a presença portuguesa se efetivara, a aprendizagem e o conseqüente exercício de um ofício,

²³Sublinhado nosso.

²⁴ Cf. Ferreira & Veiga (1957:112).

garantia de sustento, próprio e/ou “das pessoas de família a seu cargo”, não era possível senão mediante o domínio do português, não será, portanto, ilógica esta interpretação, que sobrepõe o “falar corretamente o português” às demais exigências; é, se nos quisermos rigorosos, o único requisito verdadeiramente válido e através do qual se realizava todo o processo conducente à aquisição dos “hábitos” e práticas referentes à cultura portuguesa e, em consequência, através do qual se processaria a inserção social e/ou militar de um indivíduo de ascendência provinciana. Ao falar corretamente a língua, o assimilado demonstrava poder usá-la sem constrangimentos nas mais diversas situações de comunicação.

O estado reforça, deste modo, tanto a sua percepção, quanto a sua posição face à língua enquanto instrumento de alienação cultural dos povos indígenas, já manifestadas em 1926, com as publicações do «Estatuto Orgânico das Missões Católicas Portuguesas da África e Timor», e, posteriormente, em 1929, do «Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas», sendo que, com o primeiro, se reconhece à igreja católica o direito de construção e gestão dos estabelecimentos de ensino, bem como do processo de ensino-aprendizagem nas escolas sob sua responsabilidade, tarefas já desempenhadas no período anterior ao da implantação da República; entretanto, e apesar da liberdade conferida, as instituições escolares ficaram obrigadas a cooperar com o Estado para que, por via delas, se levasse a cabo a difusão da língua portuguesa entre os indígenas; deviam, de acordo com isso, proibir o uso das línguas autóctones no ambiente escolar, conceber e executar a prática docente de tal forma que possibilitasse a aprendizagem do português, constituindo esta a sua tarefa mais relevante²⁵.

Não nos restam dúvidas quanto à utilidade dessa medida, particularmente importante para a situação do ensino, sobretudo o do português, já que permitiria – em teoria – o crescimento, quantitativo e qualitativo, do número de escolas destinadas à instrução do povo autóctone. Seria, portanto, um passo adiante no que se considerava ser a difícil tarefa de civilizar o africano, rústico e inferior.

Entretanto, e a julgar pelos dados estatísticos, a política linguística engendrada pelo Estado muitíssimo pouco terá feito em prol da difusão da sua língua, não sem a importante contribuição de alguns cidadãos portugueses, entre os quais fazendeiros, dirigentes e membros da sociedade civil; para uns e outros, a formação do negro devia ser a mais rudimentar possível, tanto no domínio da língua e da cultura portuguesas, quanto na aprendizagem de um ofício, por intermédio do qual proveria as suas necessidades. Era, portanto, tão inconveniente quanto indesejável. Assim, e de acordo com a bibliografia a respeito, para os agentes económicos (fazendeiros e proprietários das grande e/ou pequenas empresas), uma formação superior à rudimentar, praticada, em grande medida, nas zonas rurais, representava uma ameaça real à mão de obra barata, uma vez que o seu desenvolvimento intelectual redundaria, inevitavelmente, na tomada de consciência face à sua condição, o que lhe permitiria a compreensão das injustiças perpetradas tanto pelo colonialismo, como pelos colonos; para os dirigentes e os cidadãos comuns, o autóctone era a vil criatura cuja formação intelectual, desaconselhável, punha em causa a manutenção dos

²⁵ Cf. Tanga (2012:40)

interesses – sobretudo os económicos – da grandiosa pátria naquela província ultramarina; além do mais, demonstravam uma «fraca vontade de estudar»²⁶ e uma grande incapacidade para a aprendizagem, pelo que se entendiam como inúteis os esforços (intelectual e financeiramente) empreendidos para esse fim; era, portanto, uma luta tão inglória quanto inconveniente. E foi-o, de facto, uma vez que, não obstante o importante contributo das igrejas, especialmente aquelas de matriz católica,

em 1958, só o número de analfabetos (negros e mestiços) em Angola situa-se em 4 009 911, o que representa 96,7% da população total. Na prática, é o correspondente à população autóctone, cifrada em 4 036 687, do qual faz parte o grupo dos alunos das escolas rurais ou rudimentares. Isto é, só 30 089 indivíduos estavam assimilados até aqui, o que corresponde a 0,7% Noré & Áurea (2003:6).

Ora, os dados proscvem qualquer possibilidade de dúvida: a difusão da língua e da cultura portuguesas é um projeto fracassado, eventualmente concebido para fracassar. Contradizem, portanto, quaisquer especulações em torno dos esforços supostamente empreendidos pelo governo, no sentido do enriquecimento cultural dos povos autóctones e da consequente melhoria das condições de vida, afigurando-se como a evidência mais clara do quão demagógicos eram os discursos governamentais produzidos em relação à necessidade do desenvolvimento civilizacional daquela parcela de África, à qual impôs, por mecanismo e símbolo de ascensão sociocultural, a sua língua e cultura. Não só fracassou, como se serviu delas para os instrumentalizar, desenraizá-los linguística e culturalmente, e, dessa forma, tornar povos culturalmente tão distintos num só, de modo que, uma vez homogeneizados, mais facilmente se submetessem aos seus interesses, sobretudo aqueles referentes à cultura e à economia. Às políticas ineficientes, juntam-se a prática de um ensino débil, condicionado, de um lado, pelas aspirações da metrópole e, de outro, pelo número mais ou menos significativo de professores sem as habilitações requeridas para o exercício cabal das suas funções; outro fator de não menos importância terá sido o baixo interesse²⁷ demonstrado pelos indígenas, relativamente à aprendizagem da língua e cultura europeias, portadoras de caracteres socioculturalmente tão distintos dos seus.

Ademais, as posições defendidas por duas das mais importantes figuras do aparelho governativo a nível da província são suficientemente esclarecedoras em relação ao

²⁶ Refere-se Silva Rego, citado por Noré & Áurea, a essa desmotivação demonstrada pela aprendizagem como um facto que, aliado ao “ativismo pagão” e ao “alcoolismo” caracterizavam o indígena.

²⁷ Esse desinteresse pode assim justificar-se: a) por uma presumível incompatibilidade entre o aprendiz e os objetos da aprendizagem, em decorrência do afastamento emocional entre si, resultante dos caracteres culturais intrínsecos em ambos e que, por via disso, os punha em situação de conflito; b) por uma eventual incapacidade de os métodos e/ou as estratégias de ensino utilizados por um número significativo de professores se adaptarem às características sociais, culturais, linguísticas, etc., dos aprendentes; c) uma outra explicação, que não tem, necessariamente, de se contrapor àquelas, pode encontrar fundamento numa perspectiva que o encare como um ato reacionário, ou seja, a contraposição de uma classe que, analfabeta e submissa, não tem outro meio senão aquele desinteresse, propositado, como a silenciosa revolta, face à imposição dos padrões europeus, linguística e culturalmente tão distanciados dos seus. Relativamente àqueles que, como referido, demonstraram vontade em aprender, não se ignore o facto de serem, tanto o domínio do idioma, quanto o da cultura, os mecanismos verdadeiramente válidos para a aquisição da tão desejada cidadania portuguesa; tratar-se-ia, em última análise, de uma profunda necessidade de alcançar a liberdade, teoricamente simbolizada pela aquisição da cidadania portuguesa.

compromisso estatal para com a difusão da língua e cultura portuguesas, facto que se refletiria na diminuição dos índices de analfabetismo entre os indígenas: em teoria, o governo, preocupado com o atraso civilizacional das populações autóctones, defendia a implementação de um ensino capaz de os arrebatá-los «das trevas da civilização primitiva» (Norton de Matos, citado por Ribeiro, 2009:25). Promulgava, em virtude disso, por intermédio dos seus representantes legais, no ultramar ou na metrópole, um conjunto de decretos em que deixava expressamente manifesto o compromisso e a responsabilidade governamentais em relação à civilização do negro; entretanto, as suas práticas desmistificavam-lhe o antagonismo dissimulado; verificava-se, portanto, ser o próprio Estado o responsável pela conceção e implementação de estratégias tendentes à inviabilização do melhoramento da qualidade do ensino, do aumento e/ou da manutenção das escolas já existentes. Sobre o assunto, escreveram Noré & Áurea (2003:10), para quem, citando Manuel Carvalho e António de Almeida, administradores «de Duque de Bragança (Malanje)» e do «Bié», respetivamente, os estabelecimentos de ensino, nas zonas rurais, quando funcionassem, funcionavam condicionados por fatores de natureza diversa, nomeadamente o ensino dirigido por «mestres» incapacitados, de tal forma que, nessas zonas, a sua «influência» lusa foi «nula». É também este o entendimento de Guedes (2013:4), para quem

o ensino tradicional de Português não ensinou a língua culta ao povo porque a língua culta não deveria ser ensinada ao povo, mas resguardada como propriedade privada de alguns poucos encarregados de usar esse saber para aterrorizar os que nunca deveriam ter acesso a ela.

A ineficácia da escola não é, portanto, nada além desse eurocentrismo voraz, que perpetuava a sua visão do negro enquanto «gado de trabalho», «mão de obra para serviços locais»²⁸, ou, quando assim não fosse, pretos «indesejáveis e nocivos» (Ferreira, 1931:43), cuja instrução seria a mais temível das armas no seu processo emancipatório. Ou seja, o Estado negava, deliberadamente, instrução aos povos autóctones. Significa isto que a grande maioria da população indígena, querendo ou sendo obrigada a aprendê-la, aprendia-a fora das instituições vocacionadas ao ensino, o mais das vezes limitando-se a aprendizagem à sua componente oral, no contacto direto e permanente quer com os negros que já a sabiam falar (e nalguns casos escrever) ainda que num nível muito rudimentar, quer com os cidadãos portugueses oriundos da metrópole, cuja divisão, explícita e/ou implicitamente referida em muita da bibliografia consultada, se pode assim classificar²⁹: um primeiro grupo, constituído por aqueles que, bem (ou razoavelmente) instruídos, geralmente habitavam os centros (das cidades e das zonas rurais) e detinham o poder socioeconómico; são estes os que constituíam a elite, não só entre os cidadãos de raça branca. Ora, sendo verdade que alguns destes

²⁸ De acordo com o autor citado, essa distinção, unicamente de forma, ficou estabelecida depois da abolição da escravatura.

²⁹ Quanto à população negra instruída, parece-nos ter havido um fosso mais ou menos significativo entre os que aprenderam a língua e a cultura portuguesas sobretudo como mecanismo de sobrevivência, e os que tinha nessa aprendizagem o meio não só para se assemelharem ao homem branco, mas também para se distanciar dos demais da sua raça.

tiveram, na metrópole, instrução avançada, em seminários ou noutras instituições de ensino superior, não é menos verdade que havia, entre si, brancos analfabetos e/ou minimamente instruídos, sendo disso evidência esse testemunho de Pinto (s/d:37), que se nos afigura suficientemente ilustrativo:

Jacinto do Ambriz foi levado à África por uma desgraça íntima. Filho do povo, sem a menor instrução, não sabendo mesmo ler ou escrever [...] chegou a fazer uma grande fortuna. Jacinto casou no Ambriz com uma mulher da sua igualha. Era a tia Leonarda, mais conhecida por tia Lina, natural da Beira Alta; [...] conheci eu vestida sempre à moda das camponesas da Beira, falando a linguagem vulgar que fala o povo daquela província, como se de lá tivesse chegado. Era Jacinto conhecido por estropiar as palavras, e citam-se dele tolices engraçadíssimas, pelo mau emprego de um ou de outro vocábulo que decorara, mas cuja significação não conhecia bem.

O segundo grupo estava constituído por uma classe que consideramos intermédia, porque socioeconómica e culturalmente situada num nível inferior, quando comparado aos portugueses brancos, superior aos demais negros e mestiços, mas, nalguns casos, inferior à elite negra. Era integrada por brancos portugueses que, por razões várias, tinham sido excluídos (ou se autoexcluíram) daquele grupo elitista, entregando-se ao convívio com os indígenas e assimilados, como o relatou Norton de Matos, citado por Noré & Áurea (2003:10): “de envolta com estes [os indígenas], um número de Europeus, felizmente cada vez mais reduzido, que por circunstâncias diversas e sempre lastimáveis, se integraram na vida e na civilização dos nativos, donde será difícil arrancá-los”. Nestas palavras, com que condena a atitude daqueles que, provavelmente por se terem identificado com a cultura e o povo indígenas, integraram o seu ambiente social, Norton de Matos deixa entrever o papel desses cidadãos – quiçá mais determinante do que aquele desempenhado pela elite branca – para a aprendizagem do português entre os indígenas. Entretanto, a aprendizagem dar-se-ia num registo sobremaneira influenciado a) pela língua materna do aprendente, b) pela origem social e/ou geográfica do falante português, com quem aprende a língua, c) pelo seu grau de instrução escolar, d) pelos contextos comunicacionais.

Os fatores referidos, cada um dos quais pressupondo o outro, estão, portanto, na génese de um português que, intensificando o seu processo evolutivo depois da independência, passou-se a chamar português de Angola, tal é o distanciamento para a variedade padronizada da língua, sobretudo nos domínios fonético-fonológico e léxico-semântico. Para tanto, assumem papel de relevo os intelectuais angolanos que, sobretudo a partir da década de 1960, decididos pela africanização da língua europeia, encontram na arte, especialmente na literatura, o «saber através do qual verdades únicas são contestadas» (Mata, 1993:30). Ao absolutismo da língua pura, respondem, então, com a variedade inculta do povo, inserindo-lhe palavras e construções fráscas inclusive provenientes das línguas nativas, até aí consideradas inferiores. Deste modo, a revolução ideológica, que se não devia, nem podia alienar da linguística, teve no português o instrumento por intermédio do qual pretendiam construir e valorizar as formas linguísticas que fossem o reflexo da angolanidade; a contestação do padrão europeu como ideal de língua deu-se, então, pela valorização de

formas e estruturas linguísticas até então consideradas desviantes, alvo de ridicularização. Mais do que distorcer a língua europeia, o objetivo passava pela valorização do povo, das suas manifestações linguísticas; o que era errado e, portanto, discriminado, encontra no meio intelectual o reconhecimento necessário e ascende a fator de identidade coletiva, expressa numa língua que, havia muito, tinha deixado de ser só portuguesa.

É, pois, essa norma em ascensão que vem alimentando debates, dando origem a uma série de trabalhos cujo propósito é a sistematização das suas particularidades. Entretanto, e não obstante a exiguidade dos estudos, e o conseqüente conhecimento ainda dessas particularidades, não falta quem, como Adriano (2014) e Undolo (2014), para só citar estes, o chame já português de Angola.

2.3. A NORMA COMO OBJETO DE REALIZAÇÃO UTÓPICA

Ao conceito de língua subjaz o de variação e a este, por sua vez, a existência de diferentes planos de realização da mesma língua, determinados por fatores de vária ordem, nomeadamente, «político-jurídicos; ideológicos e históricos; económicos e sociais; culturais; linguísticos; e [...] subjetivos»³⁰, cada um dos quais apresentando-se, por via de regra, como a face oposta a um registo³¹ em que, falando os detentores do poder, é o considerado modelar, a língua de maior prestígio; este registo, uma vez sistematizado e distinguido dos demais como o «padrão supradialetal», vem impresso em dicionários e, sobretudo, gramáticas, como «um corpo organizado de princípios linguísticos» (Fávero, 2010:216), pelos quais aprendemos «a falar e a escrever de forma ideal» (Mateus, 2007:21); mas não só: é também o registo padronizado que, em oposição aos outros, desempenha a função de língua nacional e, conferindo-se-lhe um estatuto legal, é oficialmente adotado como a língua do Estado – usada na diplomacia, na comunicação social, no sistema de ensino, etc. – sendo os dois últimos os seus mais importantes meios de difusão e preservação. Neste sentido, mais do que se igualar a um grupo muito restrito de indivíduos privilegiados, dominar o padrão – que se devia configurar como a língua neutra, pertença e fator de identidade coletivas, porque reflexo da língua maioritária – é, sobretudo, uma questão de acesso à pátria, ao estado e à nação. Para tanto, tem o falante comum de evitar a língua vulgar, característica aos homens incultos, pobres e (em países com elevados índices de discriminação racial) negros; i.e.: «hum modo de fallar a língua Portuguesa mau, e viciado, ao qual podemos chamar Dialecto rústico, e dele usa a gente ignorante, rústica, e incivil, e dele he necessário desviar os meninos bem criados» (Contador de Argote, citado por Guimarães, 2010:366).

Se, por um lado, é verdade que o estabelecimento da norma se explica pela necessidade de manutenção da vida em coletividade, sobremaneira determinada pela tentativa de uniformização dos usos da língua – e nesse sentido tem papel de relevo a existência de um nível supradialetal, constituído de regras por cuja observância se mantém a

³⁰ Branco (2001:37)

³¹ Utilizaremos, quando as circunstâncias assim o determinarem, o termo registo, em detrimento de dialeto ou socioleto, por ser aquele mais genérico, em relação a estes dois.

inteligibilidade entre os falantes —, não é menos verdade que, dessa necessidade, resulta a imposição duma variedade de língua em que se refletem, quase exclusivamente, os valores (socioculturais, ideológicos, etc.) de uma classe histórica, sociocultural e economicamente mais poderosa; ou seja, a língua da elite. Nesta perspectiva, a construção da norma não se explica senão pela manifestação de uma ideia i. preconceituosa — porque parte do princípio de que um registo é superior ao outro; ii. discriminatória — porque, ao considerar-se superior a língua elitista, discriminam-se tanto os outros níveis de manifestação linguística como os falantes que deles se servem como o padrão de língua; iii. e egocêntrica — na medida em que visa a satisfação do ego da classe detentora do poder: «Ofereço a V. Excelência³² a Arte da gramática da língua portuguesa [...] Persuado-me de que será do agrado de V. Excelência esta minha oferta pela razão de ser a presente Gramática do idioma de uma nação»³³. A construção da norma é, portanto, o símbolo que, eufemisticamente, denota essa relação dicotômica contrapondo, principalmente, os mais aos menos letrados, os pobres aos ricos, os brancos aos negros, etc.

Relativamente ao português, essa oposição certamente remonta ao período inicial do seu desenvolvimento. Ou seja: porque nenhuma língua se fala/desenvolve uniformemente em todos os lugares, e/ou classes socioeconómicas, é nossa convicção que também assim o foi em relação à língua portuguesa, desde a fase inicial da sua constituição como língua autónoma. Nesta conformidade, a sua separação gradual do galaico-português deixa logo entrever um fosso, mais ou menos significativo, entre as distintas (mas não necessariamente excludentes) modalidades de realização da língua: por um lado, a língua da “plebe”, significativamente distanciado tanto do modelo latino, quanto daquele característico à classe culta local; por outro lado, o registo daqueles por cuja proficiência linguística se consideravam os modelos da língua culta, em virtude de a sua fala (e, mais tarde, a escrita) (tentar) aproximar-se à gramática latina. É disso um exemplo suficientemente esclarecedor essa ideia de Duarte Nunes de Lião (citado por Mateus, 2007:35), segundo a qual o português belo e culto, falado e escrito na corte, está intrinsecamente ligado, tanto quanto à separação do galego, à cultura e à elegância dos homens régios, modelos na arte do bem falar e escrever a língua. Ou seja: tão bela e culta foi a língua, quanto o foram os reis e a corte, centro do poder linguístico:

Da qual língua galega a portuguesa se avantajou tanto, quanto na cópia e na elegância dela vemos, o que se causou por em Portugal haver reis e corte, que é a oficina onde os vocábulos se forjam e pule e donde manam para os outros homens (Lião, citado por Mateus, 2007:35).

Com efeito, somente em 1536, já numa fase significativamente avançada do seu desenvolvimento, publicou-se aquele que seria o seu primeiro instrumento de cariz normativo, a *Grammatica da LingoagemPortuguesa*, de Fernão de Oliveira, de onde depreendemos: i. a sua preocupação relativa à preservação e manutenção da língua enquanto mecanismo de identidade e expressão coletivas, advindo daí a necessidade de se contrapor a

³² Sublinhado nosso

³³ António José dos Reis Lobato, citado por Fávero (2010:218)

mudança, que, contínua e descontrolada, «faz ou desfaz muito no significado da língua»; i.e., daria origem a um estado de caos e de despersonalização linguísticas; ii. a sua *Grammatica* como a descrição do ideal linguístico, praticado pelos que, por mais doutos, considerava dominarem, melhor do que quaisquer outros, a arte do bom Português; iii. o reconhecimento, vindo de si mesmo, da sua obra enquanto o modelo do «bem ler e falar» (Fernandes, s/d:2); iv. a sua *Grammatica* como o resultado do que supunha ser o seu dever, do qual não podia, nem devia alhear-se: contribuir para o ensino, a aprendizagem, o engrandecimento e a preservação da variedade padrão da língua, reflexo de «quanto prima é a natureza dos [seus] homens».

Assim, portanto, surgiu a primeira gramática da língua portuguesa, pretendendo ser a notação em algumas coisas do falar português na qual ou nas quais eu não presumo ensinar aos que mais sabem, mas notarei o seu bom costume para que outros muitos aprendam e saibam quanto prima é a natureza dos nossos homens porque ela por sua vontade busca e tem de seu a perfeição da arte que outras nações adquirem com muito trabalho e nestas coisas se acabará esta primeira anotação em dizer não tudo, mas apontar algumas partes necessárias da ortografia, acento, etimologia e analogia de nossa linguagem³⁴ em comum e particularizado nada de cada dicção, porque isto ficará para outro tempo e obra, [já que], se não tivermos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem arte na língua, e cada dia acharemos nela mudança, não somente no som da melodia, mas também nos significados das vozes, porque só mudar uma letra, um acento ou som, e mudar uma de vogal grande ou pequena ou de pequena a grande, e assim também de uma consoante dobrada em singela ou, ao contrário, de singela dobrada, faz ou desfaz muito no significado da língua (Marigueta, s/d:15;18).

Muitos lhe seguiram os passos, tendo-se registado, por via disso, a publicação de um número considerável de obras de cunho normativo, em que se incluem «as gramáticas, os tratados de ortografia, os dicionários, os vocabulários e as cartinhas para aprender a ler e a escrever» (Mateus, 2007:37). Um facto relativamente caricato em relação aos puristas é que, por um lado, apresentavam as suas obras como sendo a descrição do bom uso da língua, o registo ideal, praticado tanto pela nobreza (reis e condes), como pelos «bons escritores: Camões, Vieira, Ferreira, Bernardes, Rodrigues Lobo»; mas, por outro lado – e o caricato reside nisso –, é que eles mesmos impunham a estas entidades regras que provavelmente desconhecêssem, já que, de acordo com Fávero (2010:220), em não raros casos, até mesmo os modelos eram também alvos da crítica. Ora, mais do que um simples facto de curiosidade, revela-se-nos aqui uma certa contradição, pelo que nos parece legítimo o questionamento: afinal, quem, a quem e o que era imposto como o ideal de língua culta?

Uma das questões mais relevantes que se levanta em relação aos puristas tem sido o seu conservadorismo exacerbado, o qual os leva a defender e a impor uma variedade em muitos casos artificial e disfuncional, porque desfasada dos usos reais, com regras às vezes arbitrarias; o padrão tem sido a língua fictícia cuja existência não transpõe o domínio teórico,

³⁴Sublinhado nosso.

livresco; ninguém fala tal qual o preceituado, porque a língua (dinâmica e profundamente determinada por fatores extralinguísticos) impõe limitações que se refletem, sobretudo, nos domínios morfosintático, léxico-semântico e fonético-fonológico. Quando muito, o que se verifica é a utilização da língua num registo que, aproximado ao ideal, comumente se chama norma culta. A distinção - nem sempre fácil de estabelecer, entre as normas culta e padrão deixa logo entrever essa impossibilidade da prática real tal qual a ideal. Sabemos todos desta impossibilidade, sejamos ou não estudiosos da matéria. Carrasco (1988), Bagno (2007), Undolo (2014), a lista é extensa, e essa quintilha da *Aula de Português* – de Drummond de Andrade – é substancialmente representativa:

*Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.*³⁵

Um outro exemplo, igualmente representativo, é-nos apresentado por Bagno (2007:98)

Em minha experiência de tradutor profissional, já me deparei algumas vezes com situações que poderíamos classificar de surrealistas. Pessoas que fizeram doutorado no exterior me procuram para que eu traduza para o português teses escritas originalmente em inglês ou francês. Quando pergunto à pessoa por que ela mesma não faz a tradução, a resposta que eu recebo é chocante: “É porque eu não sei português”. Como é possível? Uma pessoa que escreveu uma tese de 500 ou 600 páginas num idioma estrangeiro, e que obteve assim o seu grau de doutor, de Ph.D., em sua especialidade científica, tem receios de escrever em sua própria língua materna?

Os tantos anos de escolaridade, e de ensino do português, têm-se revelado inúteis; o desfazamento entre o padrão real, praticado pelo aluno nas mais diversas situações da vida quotidiana, e o ideal, ensinado na escola como o de utilização ideal, obrigatória, continua notável. Em Portugal ou no Brasil, em Angola, em Moçambique, etc., verifica-se um conflito entre as normas reais, em que se inclui a culta, e a ideal, a que vem expressa nas gramáticas, dicionários e outros livros da mesma natureza. A impossibilidade de uma língua única e homogênea, um padrão universalmente válido, que seja o reflexo da língua real, falada pela maioria, torna-se cada vez mais factual.

De Fernão de Oliveira aos modernos puristas, a luta pela imposição de um modelo (reflexo da língua ideal) tem-se mostrado inglória, utópica. Em verdade e rigor, nunca ninguém fala tal como o preceituado. A escola, Camões, padre António Vieira, Machado de Assis, e tantos outros bons escritores do nosso idioma; a comunicação social – «em mais nenhum meio se reúne um grupo tão restrito de pessoas com tanto poder de comunicar» (Mateus, 2007:23); não têm sido suficientemente pedagógicos? Ou é a norma apenas uma construção feita para se tornar num «dos mais eficazes instrumentos de exclusão» (Guedes,

³⁵ Disponível em <http://www.tremdasgerais.com.br/colunas/aula-de-portugues-carlos-drummond-de-andrade/>, acessado aos 20 de Dezembro de 2017.

s/d:3)? Em 1619, Amaro de Roboredo declarava: «...nas Cortes e Universidades falam e escrevem as palavras necessitadas de emendas». Milhares e milhares de livros foram produzidos, todos sob o mesmo prisma: o ensino, a aprendizagem, enfim, o domínio do padrão da língua. Às portas do segundo milénio, vem de um purista – «Arnaldo Niskier, presidente da Academia Brasileira de Letras, num artigo publicado na Folha de S. Paulo (15/1/98)» (Bagno, 2007:21) – a mesma constatação de Roboredo, mais de quatro séculos antes: «pode-se registrar o fato, facilmente comprovável, de que nunca se escreveu e falou tão mal o idioma de Ruy Barbosa» (Bagno, *idem, ibidem*).

Como é possível, em todas as épocas, em todos os lugares, falar-se sempre e tão erradamente?

CAPÍTULO III- A NEOLOGIA COMO CAMPO DE RENOVAÇÃO LÉXICO-SEMÂNTICA

A língua desta cidade está ficando um dialeto da língua velha. Com o correr dos séculos é bem capaz de ficar tão diferente da língua velha como esta ficou diferente do latim. Vocês vão ver.³⁶

Uma língua, segundo Martinet (1995:18), «é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de língua para língua, de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades de sentido semântico e expressão vocal».

Esta definição, assim colocada, deixa subjacente, entre outras possíveis, a ideia de que, independentemente dos fatores distintivos, as línguas naturais partilham entre si duas características que, inalienáveis, mantêm uma relação de causa e consequência, a primeira das quais dando origem à segunda. Tais características são a variação e a mudança, ambas decorrentes da instabilidade social, por intermédio da qual se criam, incessantemente, novas formas para a caracterização e/ou expressão verbal de realidades (materiais e/ou abstratas) anteriormente inexistentes, ou que, já existindo, adquirem interpretação diferente; depreenda-se disso, portanto, a nossa conceção de língua como a «atividade» (Martinet, 1995:18) que, não obstante a renovação contínua, permanece inacabada, «em perpétuo devir» (Silva & Osório, 2008:28), e que, por via disso, se nos afigura como o organismo cuja incompletude pressupõe, para contraposição a essa limitação imanente, a redefinição sistemática das suas estruturas (morfossintática, léxico-semântica, fonético-fonológica), tendo em conta a satisfação das necessidades comunicativas do corpo social, sua causa (mas, simultaneamente, seu produto) e para o qual ela existe. Assentam, assim, a funcionalidade e, por consequência, a vitalidade, na necessária e na constante adaptação a uma sociedade que tem na estaticidade linguística uma ameaça real ao seu desenvolvimento e, por conseguinte, à sua existência.

Variando, portanto, e/ou mudando incessantemente, a língua: I- acompanha o desenvolvimento da comunidade que a utiliza; II- dá resposta às novas e constantes necessidades comunicativas dessa comunidade; III- conserva-se atual e usual. Esses três fatores, agrupados, conferem-lhe uma outra natureza: a língua como fonte de informação sobre o estágio de desenvolvimento das sociedades humanas.

Relativamente ao português e à variedade em Angola, o caso identificado por Carrasco (1988:24) parece-nos suficientemente esclarecedor:

Pensemos no signo *dama*. O português de Portugal dá o significado de “senhora”, geralmente da alta sociedade (exclusiva à terminologia dos bailes: o cavalheiro foi buscar a dama para dançar, por exemplo). Nesta aceção, ele vigorou igualmente em

³⁶Bagno (2007:31).

Angola. Hoje, em que a “alta sociedade” está extinta, o signo “dama” perdeu o significado original e a conotação diferenciadora e ouvimo-lo, com frequência, entre a juventude, em expressões deste tipo: “a minha dama” (= a minha namorada, a minha miúda), “bué de damas” (= muitas raparigas, miúdas, moças).

O exemplo supra aponta para aquelas características linguísticas (a variação e a mudança) como a evidência inequívoca do tanto que a vida social se reflete, direta e/ou indiretamente, no sistema linguístico. No que ao português em Angola diz respeito, o desaparecimento de um facto social (a extinção da «alta sociedade») implicou um redimensionamento do subsistema léxico-semântico, ampliando-se – do ponto de vista do padrão – o conjunto significativo que compunha o signo «dama». Tal facto pressupôs, portanto, para a variedade em referência, dupla consequência: por um lado, a arcaização do significado «senhora» no contexto em referência; por outro, e em consequência dessa arcaização, a atribuição de um novo significado, mais adequado ao contexto sócio-histórico nacional.

Trata-se, em última instância, de uma reestruturação no corpo social, cuja consequência, imediata, se manifestou na reestruturação do subsistema léxico-semântico do idioma, ou seja, dessa estreitíssima relação de interdependência que se mantém entre a sociedade e a sua língua, veículo de comunicação e fator de identidade socioeconómica, resultou a inevitabilidade da variação linguística, no espaço em referência, criando-se novas formas e/ou ampliando-se os campos semânticos de formas já atestadas pelo uso da língua. Só assim se pode, de acordo com a definição e o exemplo anteriores, constituir a língua como fonte de informação para a análise da «experiência humana», afigurando-se-nos como a entidade por que se manifestam as idiosincrasias, de tal modo que, considerando os fatores anteriormente aludidos (cf. pág. 4), não se falará a mesma língua uniformemente em todos os espaços geográficos, nos diferentes estratos socioeconómicos ou nos diferentes períodos históricos da vida social.

Essa diferença é, pois, o resultado de um processo longo e sistemático que se consubstancia na inserção de novos elementos (significantes novos com os respetivos significados ou significados novos para significantes já existentes, como é o caso do exemplo que colhemos de Carrasco) nos subsistemas lexical e semântico da língua. Estes elementos são, no dizer de Assirati (1998:2), os neologismos, entendidos como «uma unidade lexical de criação recente, uma nova aceção de uma palavra já existente, ou, ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceite numa língua». Esta definição tem por base o critério psicológico, proposto por Correia & Lemos (2005:16), segundo o qual a palavra, dicionarizada ou não, continua neológica enquanto for sentida como nova pela comunidade linguística que a utiliza.

Numa outra definição, redutora em relação à anterior, Maronezi & Baslarim (s.d.:3) consideram «neológicas as unidades lexicais que não estão presentes num conjunto de obras de referência, em geral lexicográficas, definido previamente». Logo, uma vez incorporada no léxico da língua em questão, a dicionarização da palavra e/ou do significado retira-lhe o

carácter neológico. Esta segunda definição, conforme Correia & Lemos (2005:16), contrastando com a primeira, assenta no critério lexicográfico.

A análise à bibliografia consultada leva-nos a considerar que uma definição baseada no critério lexicográfico, se não se contrapõe, sobrepõe-se à definição que tem por base o critério psicológico. Basta pensarmos no que fazem os falantes (nativos ou não) de uma língua, quando percebem a sua ignorância em relação ou ao item lexical ou ao matiz semântico com que tomam contacto pela primeira vez: consultam os dicionários. Este facto leva-nos a crer que todos os falantes, independentemente do seu grau instrutivo, têm a consciência de que os dicionários, obras representativas sobre o estado sincrónico da língua, são, como o dizem Correia & Lemos (2005:16), as obras usadas para constituição dos *corpora* de exclusão, portanto, critério-chave para a validação de uma unidade lexical e/ou semântica como nova. Ora, o que nos parece é que a dicionarização de um termo e/ou de um significado novo não basta para lhe retirar o cunho de neologismo, já que – vale ressaltar – mesmo depois de lexicalizada, a palavra e/ou o significado continuam, por um determinado período, a serem sentidos como novos, até se perder a completa consciência da sua novidade, do seu carácter neológico. Resulta, em última análise, essa transição (de unidade neológica a não neológica), de um tácito compromisso estabelecido entre os membros da coletividade.

3.1. OS NEOLOGISMOS

A variação e a mudança, podendo afetar todos os subsistemas da língua, afetam, sobretudo, os domínios fonético-fonológico e léxico-semântico. Essas alterações, no plano léxico-semântico, baseiam-se, naturalmente, em fatores de vária ordem: i. a inserção de um novo termo e/ou expressão (neologismo formal); ii. a atribuição de um novo significado a um vocábulo já existente na língua (neologismo semântico) ou, ainda, iii. a inutilização ou decadência de vocábulos e/ou matizes semânticos do sistema linguístico (os arcaísmos).

Assim, portanto – e de acordo com o que referimos no parágrafo anterior – consideram-se formais os neologismos que se apresentam «como uma nova unidade lexical, previsível ou não, formada por mecanismos oriundos da própria língua ou por unidades lexicais provenientes de outros sistemas linguísticos.» (Maroneze & Bazarim, s.d.: p. 3); quanto aos semânticos, consideram-se como tal as aceções, os significados que se associam, de forma inédita, a uma unidade lexical já existente no sistema linguístico. Sobre estes últimos, Castro (1991, citado por Nzau, 2011:74) refere que a extensão semântica da palavra surge em decorrência da necessidade que os falantes têm para, melhor e com maior rigor, expressar as suas ideias, os seus sentimentos e emoções. O novo matiz semântico preenche, neste sentido, no campo semântico do vocábulo já existente, um espaço até aí vazio, aumentando a polissemia da palavra semanticamente alargada.

3.2. A NEOLOGIA

Os estudos crescentes dos neologismos deram origem à neologia, um dos processos de enriquecimento lexical. Conforme Sebastião & Madalena (2010:17), a neologia é «compreendida como um processo de carácter linguístico, responsável pelo enriquecimento, pela atualização e pela modernização lexical.» Correia & Lemos (2005:13), sem discordarem dos primeiros, acrescentam que a neologia é um termo ambivalente, designando, simultaneamente,

- a) a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos.
- b) o estudo (observação, registo e datação, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua.

Se, conceptualmente, há essas nuances identificadas, Cabré (citada por Sebastião & Madalena, 2010:17) adita que, de um ponto de vista mais utilitário, a neologia, enquanto disciplina científica, pode ser vista em duas vertentes: uma teórica e outra prática. Assim, para o autor retro referido,

do ponto de vista teórico, a neologia concentra-se nos temas relacionados com o âmbito da teoria linguística, com as estratégias de incorporação e de categorização gramatical das novas unidades do léxico e com a compatibilização dessas unidades a outras já existentes. Numa perspetiva mais prática, essa ciência é responsável, entre outras atividades, pela elaboração de dicionários de neologismos.

3.3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO NEOLÓGICA

O léxico é um campo aberto. A entrada de novas unidades permite-lhe manter-se em permanente renovação, pela qual se atualiza incessantemente. A renovação lexical é, se não a primeira, uma das mais importantes causas da mutação e manutenção linguísticas, havendo entre ambas uma relação de causa/consequência, pois que, ao desenvolver-se o léxico, desenvolve-se também a língua. Este desenvolvimento, no dizer de Campina (s.d.:3), «toma por base dois processos: a) o processo de criação dentro da própria língua; e b) o processo de importação e adaptação de um termo de uma língua estrangeira.»

Relativamente aos agentes de criação neológica, Oliveira (2006:47) entende que o subsistema léxico-semântico encontra na literatura, na ciência e na tecnologia uma fonte incessante tanto de criação vocabular, como de atribuição de novos significados a estruturas já lexicalizadas:

os poetas e escritores estão constantemente a criar termos e palavras novas, ou a inferir novos significados às palavras já existentes. A ciência e a tecnologia são (outros dois) grandes responsáveis pela criação neológica, pois, dado o seu acelerado desenvolvimento, estão a criar profundas mudanças.

De igual modo, Gomes e Cavacas (2004:141) atribuem ao génio inventivo dos escritores a responsabilidade pela criação de novos lexemas: «os escritores criativos, apenas

se afastando da mecânica da língua e um tanto discricionariamente, avançam no fabrico de palavras à medida da sua visão».

Ora, embora estejamos de acordo em relação à literatura como um campo inquestionavelmente fértil no que aos neologismos diz respeito, o nosso entendimento é que a arte literária, mais do que entidade criadora, representa para os neologismos um dos mais importantes meios de legitimação.

3.4. MECANISMOS FORMAIS DE CRIAÇÃO NEOLÓGICA

3.4.1. DERIVAÇÃO

Mecanismo de formação de palavras pelo qual se formam novos vocábulos (derivados) a partir de um já existente (base), geralmente mediante o acrescentamento de afixos. Estes podem ocorrer à esquerda da base, dando origem a uma palavra derivada por prefixação. Quando à sua direita, a palavra será derivada por sufixação.

Outras formas de derivação são:

1. Derivação progressiva, a que se acresce, para além das já mencionadas no parágrafo supra, as seguintes:
 - a) A parassíntese: ocorre com a adição simultânea de um prefixo e um sufixo à base: enterrar;
 - b) A prefixação+sufixação: distinta da anterior, porque aqui a adição não é simultânea: infelizmente;
2. A derivação regressiva: há derivação regressiva ou encurtamento de palavras quando se formam substantivos a partir de verbos³⁷ (debater - debate). Neste tipo de derivação, que Gomes & Cavacas (2004:141) dizem ser um processo de desconstrução vocabular, as palavras são criadas por analogia, pela subtração de algum sufixo: de *atrasar* tiramos *atraso*. Tais derivados procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica a sua distribuição em substantivos de tema em -o, (se provindos da primeira pessoa) ou de tema em -a ou -e (se provindos da terceira pessoa).
3. A conversão: se, ao invés do acréscimo de um prefixo ou sufixo, a derivação se caracterizar apenas pela extensão semântica de um vocábulo já existente, havendo, por isso, mudança de classe, a derivação chama-se imprópria. À mudança de classe junta-se a mudança de significado (Vamos jantar (verbo); O jantar estava ótimo (substantivo); Ele é rico (adj.); Nem todos os ricos são maus (substantivo).

³⁷Da inovadora criatividade africana, particularmente moçambicana e angolana, conforme Gomes & Cavacas (2004:143), resulta um processo especial de formação de palavras a partir do qual dos substantivos se criam vários verbos: “barulho dá barulhar; cova dá covar; cantinho dá cantinhar: «Vamos cantinhar-nos ali».

3.4.2. COMPOSIÇÃO

É também um mecanismo de criação lexical, caracterizado pela união de dois ou mais radicais. Os gramáticos dividem a composição em dois processos: a aglutinação e a justaposição. Assim, o composto será aglutinado se os elementos do conjunto, uma vez ligados, conservarem as suas formas morfo-fonológicas, passando a palavra composta, por via disso, a ter um único acento tónico, o do último componente. No entanto, se dessa união resultar uma palavra que conserve as formas gráfica e fonológica dos radicais, diz-se que o composto é justaposto.

A composição por justaposição é, segundo Bechara (2006:507), uma transformação sintáctica em expressão nominal. Tal é o caso de *papel-moeda*, que, conforme o autor, é um composto equivalente a uma oração desdobrável em “papel que é moeda”, o que aponta para o facto de tal unidade, a exemplo de outras, ser a transformação (redução) de construções sintáticas. Para Cunha & Cintra (2005:107), estabelece-se, do ponto de vista semântico, entre os dois termos do composto, uma relação de determinado-determinante, sendo que o segundo elemento funciona como o adjunto adnominal do primeiro: *escola-modelo*. Talvez decorra daí a nomenclatura adotada por Costa (2012:147), que a trata indiferentemente por composição morfossintáctica ou justaposição.

Entre as formas compostas por aglutinação, Bechara (2006:525) chama a atenção para a ocorrência de dois tipos:

- a) Amálgama ou combinação, que, conforme Gomes & Cavacas (2004:154) «é a palavra que resulta do cruzamento de duas ou mais palavras, delas reunindo segmentos: a ordem era perguntosa (perguntar+queixosa): Já não há respeito?»

Bechara (2006:525) considera que desse processo, dito violento por Gomes & Cavacas (2004:154), por destruir grande parte de um dos elementos, resultam, muitas vezes, palavras de sentido jocoso: *sofrer+professor=sofressor*; *aborrecer+adolescente=aborrescente*.

- b) Os raros casos de incorporação nominal, mediante a qual se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêames*.

Em relação ao processo de composição justaposta, refere o mesmo autor haver um caso particular, a *lexia*, definindo-a como

um tipo especial de composição, que consiste na formação de sintagmas complexos, podendo ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (“transacção comercial vantajosa”), *pé-de-chinelo* (“diz-se da pessoa de poucos recursos”), *pé-quento* (sortudo). A relação sintáctica nas formações por *lexia* é marcada normalmente pela preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefacto, em que o determinante indica o agente motor: *barco à vela*, *motor a explosão*, *fogão a gás* (Bechara, 2006:507).

Para Correia & Lemos (2005), a composição sintagmática (*lexia*, na terminologia de Bechara) é um processo resultante da lexicalização de determinados sintagmas da língua, sendo que o seu reconhecimento como sintagma levanta problemas devido à dificuldade em

se perceber a unidade como já lexicalizada ou apenas mais um sintagma livre. Levantando a possibilidade de se realizar a distinção por meio do hífen, estes autores advertem que

o seu uso em português é extremamente irregular. Se se tiver em conta os dados dos dicionários, verifica-se que, por um lado, muitos compostos não estão registados e, por outro, encontrar-se-ão casos em que, num dicionário, aparece registado com hífen, enquanto noutra tal não acontece (2005:42).

No entanto, referem que, nos casos em que o sintagma é composto de V+N (tira-teimas), N+N (operação-relâmpago) e Prep+N (sem-abrigo), a utilização do hífen é coerente.

3.4.3. ABREVIACÃO VOCABULAR OU TRUNCAÇÃO

A abreviação é um processo de criação neológica que consiste na utilização de parte de uma palavra pelo seu todo. São geralmente alvos desse processo os vocábulos considerados de difícil pronúncia – e, nalguns casos, de escrita – como é o caso de “otorrinolaringologista”, ou aqueles que se achem simplesmente extensos, independentemente do grau de dificuldade na pronúncia e na escrita, considerados, por Correia e Lemos (2005:44), como as unidades de quatro ou mais sílabas.

Para Bechara (2006), a truncação é um processo de uso comum, quer na língua cuidada, quer no falar coloquial, cujo objetivo é tornar a palavra mais facilmente memorizável e utilizável, portanto, a sua simplificação. A isto, junte-se o facto de a palavra truncada exigir do falante menos esforço, menos tempo e, concomitantemente, menos espaço; assim, portanto, em virtude da necessidade que se tem da economia do esforço, do tempo e do espaço, os falantes tendem a utilizar, por exemplo, foto por fotografia, moto por motocicleta, etc.

3.4.4. SIGLAÇÃO E ACRÓNÍMIA

A siglação é um processo de formação neológica que consiste em transformar várias palavras de uma unidade complexa (títulos, nomes: de partidos políticos, sociedades comerciais, organizações internacionais) numa unidade de dimensão reduzida, a sigla. Semelhantes às siglas são os acrónimos, que Estrela, Leitão & Soares (2009:190-191) entendem ser uma tipificação daquelas. Concordando com estes, estão Gomes & Cavacas (2004:172), para quem a distinção entre as siglas e os acrónimos reside nas características abaixo enumeradas. Assim, para estes autores, as siglas:

- a) Escrevem-se em maiúscula, sem sinal de separação (pontos ou brancos);
- b) Pronunciam-se, no geral, indicando o nome de cada letra sequencialmente;
- c) São unidades indivisíveis, mesmo para a translineação;
- d) Não formam plural;
- e) O género é marcado pelo artigo antecedente e é, em princípio, o da primeira palavra da sigla.

Os acrónimos:

- a) Podem seguir a escrita corrente;

- b) Pronunciam-se corretamente³⁸. Ou seja, são siglas que se ajustam às regras fonológicas da língua portuguesa, pronunciadas de forma contínua como uma palavra normal não soletrada;
- c) Têm plural quando oportuno;
- d) Admitem translineação;
- e) Deles pode-se formar derivados e compostos.

3.4.5. IMPORTAÇÃO

O contacto entre sociedades origina o contacto entre as línguas dos grupos em interação, provocando influências e/ou interferências nas estruturas dessas línguas. Da interação entre as línguas, dizem Gomes & Cavacas (2004:190), resulta um dar e receber, uma cumplicidade que se manifesta na cedência e na receção de palavras, embora, é certo, algumas recebam ou deem mais do que outras. Assim, uma língua A incorpora, no seu léxico, um vocábulo de uma língua B. Ferraz (s.d.:135) salienta que «tal palavra estrangeira, usada noutra sistema linguístico, é logo percebida como externa ao vernáculo dessa língua, caracterizando-se por um estrangeirismo.» Esse vocábulo, assim percebido, passa, então, por um mecanismo de adaptação, que consiste na adequação às regras ortográficas e fonológicas do sistema linguístico em que é integrado³⁹. Deixa de ser, por via disso, um estrangeirismo; o novo vocábulo, já adaptado, apresenta-se agora como um empréstimo, que, para Oliveira (2006:48), é «resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é a adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação e tem como determinantes fins culturais, estéticos e funcionais.»

Assim, o empréstimo apresenta-se como um mecanismo a que se recorre para o provimento de lugares vagos nos campos lexical e semântico, sendo a ampliação lexical, por via do empréstimo, não só desejável, mas necessária. Nesse caso, Gonçalves (2014:25) defende que «os empréstimos surgem para facilitar a compreensão de um determinado contexto que, se traduzido numa outra língua, perde o significado e a sua força.»

Se a importação de vocábulos não satisfizer este requisito e a palavra importada não se adequar, gráfica e fonologicamente, ao sistema da língua que a alberga, o seu uso é desaconselhável, por se considerar um vício de linguagem (barbarismo), contrário à pureza e, nalguns casos, à clareza linguísticas.

É o que ocorre quando, numa atitude puramente exibicionista, não tão rara assim, alguns falantes recorrem a estrangeirismos, mesmo em situações de utilização desaconselhável, porque desnecessária: «O uso de palavras de língua estrangeira, no pressuposto de que a conhecem familiarmente, é índice de estatuto e de qualidade pessoais e sociais elevados. São os empréstimos de luxo» (Gomes & Cavacas, 2004:191). Esse uso

³⁸Conforme Correia & Lemos (2005:44), a frequência na utilização faz do acrónimo uma palavra comum, perdendo-se, paulatinamente, a consciência acronímica em relação ao vocábulo.

³⁹Na prática, essa adaptação nem sempre se verifica, já que, em não raros casos, o empréstimo conserva tanto a grafia quanto a pronúncia da língua de origem; veja-se, a título ilustrativo, os casos de “take away” ou “playlist”.

geralmente leva a que, dizem-no Correia & Lemos (2005), os falantes comuns, não tendo contacto com a língua de proveniência das palavras importadas e, por consequência, não dominarem tanto o sistema ortográfico como o fonológico da língua em causa, tenham dificuldades não só de utilização escrita e oral da palavra, mas também de percepção, colocando-os, por conta disso, com frequência, em situação de discriminação.

As importações, nalguns casos realmente necessárias, devem ter o seu uso delimitado, sob pena de se ver descaracterizado o idioma recetor, como no-lo canta Jorge da Silva Melo (citado por Gomes & Cavacas, 2004:162): «Ai, esta língua vaga, desbussolada, imprecisa, meio a desfazer-se, bacalhau, indistinta, [...] na tremenda maneira como aceita neologismos sem mesmo os aconchegar.»

Não se confunda, porém, importação metódica com rigidez implacável. Tudo porque a aldeia, cada vez mais global em que se vem transformando o mundo, faz com que uma nova realidade (conceito, objeto) seja utilizada não apenas pela sociedade responsável da criação. E isso obriga a que, na esfera das línguas, haja uma flexibilidade maior, admitindo a entrada de elementos externos aos seus códigos, ou não lhes suceda o mesmo que ao sânscrito, a língua pura:

Essa língua (sânscrita) é tão pura e tida como tão perfeita, que não aceitava, de modo nenhum, a intromissão de neologismos, quiçá estrangeirismos. Os seus estudiosos preservavam-na de tal forma como a língua perfeita, que acabou por cair em desuso. Tanto que hoje, para ser lembrada e recordada, só mesmo em livros de linguística ou por iniciativa de algum investigador que queira entender essa língua, que é a essência da história da Índia e do surgimento de outras línguas na Europa (Gonçalves 2014:26).

Nesse sentido, fica, em relação à língua portuguesa, adiada a materialização desse receio de Cabral do Nascimento (citado por Gomes & Cavacas:200): «O idioma em que eu escrevo é quase uma língua morta / Não viverá por muito tempo, eu sei...»

3.4.6. CRIAÇÕES ONOMATOPAICAS

A natureza é uma inesgotável fonte de sons. Os objetos e os animais, em contacto ou não com outros, produzem sons e/ou ruídos e o homem, não poucas vezes, na comunicação com os membros da sua coletividade, forma palavras, visando a reprodução desses sons/ruídos. Às palavras que imitam esses sons chama-se palavras onomatopaicas. Tais são os casos do: «tique-taque do relógio, o marulhar das ondas, o zunzunar da abelha, o arrulhar dos pombos, o zumbir da seta, o pipilar da ave.» Bechara (2006:569).

Muitas vezes, essas criações, segundo Bechara (2006:525), resultam da reduplicação, isto é, são resultado da repetição de uma vogal ou consoante, acompanhadas, quase sempre, de alternância vocálica: *tique-taque*, *reco-reco*.

A rigor, as criações onomatopaicas são apenas tentativas de imitação de sons, dada a incapacidade de o homem os reproduzir fidedignamente, tanto na fala quanto na escrita. O que há — e neste sentido estamos de acordo com Gomes & Cavacas (2004:229) —, entre o som e a sua imitação tentada é apenas uma relação simbólica: «Reais ou ficções, as onomatopeias

e os símbolos de sons dão afinal vida, autenticidade e ao mesmo tempo som e cor à expressão».

3.5. MECANISMOS SEMÂNTICOS DE CRIAÇÃO NEOLÓGICA

Os processos de formação de palavras apontados realmente dão à língua um sem número de novas unidades, mas mesmo a “velhas” unidades podem crescer-se novos sentidos. Essas unidades estão, por sua vez, em constante mutação: às velhas palavras crescem-se novos matizes semânticos. Interessa-nos, pois, ver alguns dos recursos por que se alteram semanticamente essas unidades.

3.5.1. METÁFORA

É, provavelmente, o recurso mais utilizado, independentemente do contexto – formal ou informal – de comunicação e da condição socioeconômica dos falantes. Da literatura à retórica, da psicanálise ao uso cotidiano da língua, a metáfora abunda toda a nossa produção intelectual e/ou verbal, adquirindo funções várias.

Do grego *metaphorá* significa transporte e pressupõe uma comparação implícita entre duas realidades (materiais e/ou abstratas). Assim, por exemplo, com a frase “Paulo é um cavalo”, quer-se significar que Paulo tem uma força descomunal, semelhante à de um cavalo. A comparação, implícita, entre os dois elementos pressupõe não apenas uma característica comum a ambos – a força –, mas a associação entre dois termos, Paulo e cavalo, e o significado objetivo de cavalo atribuído a Paulo, do que resulta uma frase de significado inédito, conotativo, metafórico. Diz-se, portanto, haver metáfora, quando a um vocábulo, com significados já delimitados pelo uso da língua, se associa um traço semântico pertencente a um dos elementos da comparação, i.e., associa-se um traço semântico utilizado num contexto diferente daquele em que se usa metaforicamente, visando traduzir uma ideia/sentimento que, de outra forma, não seria possível. Neste sentido, o recurso a uma construção metafórica evidencia não apenas “uma maneira de falar, “mas sim de pensar (ou até mesmo de “ver”) o real de uma determinada forma e não de outra” (Vereza, 2010:6).

As suas funções, nem sempre estancadas em si mesmas, já que uma pode evocar outra(s), podem assim enumerar-se: “embelezar, ilustrar, esclarecer ou até mesmo “fugir do assunto” ou “esconder a ignorância” sobre algo”⁴⁰ (Vereza, 2010:2); assim, pois, preocupado com i. a ideia/sentimento, ii. a sua expressão, iii. e com a interpretação que dela se faça, o falante que recorre à metáfora como mecanismo de expressão verbal (mas não só) fá-lo por razões de natureza diversa: além da beleza que pretende imprimir ao discurso, e da relação íntima (ou não) que mantém com a língua em que fala/escreve, ao recorrer a uma construção metafórica, fá-lo também motivado por fatores como a expressividade e a interpretação, minimizando, tanto quanto possível, a distância – por um lado – entre o que pensa/sente e o que diz e – por outro – entre o que ouve/lê e a interpretação que disso faça. Gomes &

⁴⁰ As aspas são da autora.

Cavacas (2004:155) explicam que esse recurso se deve não só a questões estilísticas, mas, muitas vezes, à «intimidade/cumplicidade» na relação que o escritor mantém com a palavra metaforizada.

Relativamente aos usos quotidianos da língua – uma questão que não devemos descurar – é o nível de proficiência linguística e, por conseguinte, comunicativa do falante, também determinantes para o recurso, consciente ou não, a uma construção de tipo metafórica, facto que nos leva a acreditar no uso nem sempre consciente de construções dessa natureza; ou seja: se é verdade que a transposição do significado, nalguns casos, é motivada por fatores de ordem “estilística” e/ou à relação de proximidade/afastamento afetivo que o falante mantém com os itens lexicais e semânticos, bem como com as realidades - tanto aqueles de onde se abstraem as características como aquelas às quais estas características são associadas – não é menos verdade que, em não poucos casos, tal uso, não sendo intencional, é motivado pela ignorância, i.e., pela “pobreza vocabular” do falante.

3.5.2. METONÍMIA

É um recurso expressivo que consiste na mudança de significado pela relação de proximidade de ideias que se mantém entre dois termos. Lima (2010:603) diz haver uma interdependência entre os dois elementos. Assim, segundo o autor, «se leio os Lusíadas, lembro-me de Camões, seu autor; se me refiro a navio, vêm-me à lembranças as suas velas - partes que são daquele todo».

São metonímicos os casos em que se nomeiam o todo pela parte ou vice-versa (dizer a escritura, em vez de um versículo da Escritura), o autor pela obra (ler Machado de Assis), o continente pelo conteúdo (tomar uma garrafa de vinho), singular pelo plural (a mulher tem sempre rara intuição).

3.5.3. BRAQUILOGIA OU ABREVIÇÃO

O mundo não é hoje o que foi ontem e um dos factos mais facilmente verificáveis é a velocidade, nas comunicações interpessoais, para nos restringirmos ao que nos interessa. Os falantes estão (hoje, mais do que ontem) obrigados a falar, ler e escrever, etc, a uma velocidade vertiginosa; o compromisso, tácito, é este: maior volume de informação no menor espaço e tempo possível; as circunstâncias obrigam, portanto, a que os falantes recorram a formas mais encurtadas para a comunicação. São disso exemplo os casos de «dou-lhe a minha palavra (i.e., palavra de honra), vamos à cidade (i.e., vamos ao centro da cidade)», apresentados por Bechara (2006:548), que assim define a abreviação: «São as diversas aceções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa.»

3.5.4. EUFEMISMO E DISFEMISMO

Sendo verdade que a língua é matéria do pensamento, também é verdade que esse pensamento, quando muito ou simplesmente rude, e por força de fatores circunstanciais, não

poucas vezes aparece suavizado, dissimulado inclusive, por palavras com conotações menos más - nalguns casos agradáveis mesmo - como acontece com “entregar a alma a Deus”, em vez de morrer. O homem manipula, então, a língua a seu favor. O recurso a palavras ou expressões para suavizar o conteúdo da informação transmitida chama-se eufemismo. Por oposição ao eufemismo está o disfemismo, considerado por Costa (citado por Gonçalves 2014:29) «como o uso propositado de palavras ou expressões desagradáveis para dizer algo que poderia ser apresentado de forma mais suave, com o propósito de acentuar uma ideia ou intenção.»

3.5.5. ETIMOLOGIA POPULAR OU ASSOCIATIVA

Este é outro processo de extensão semântica. Bechara (2006:549) definiu-o como «a tendência que o falante - culto ou inculto - revela em aproximar uma palavra de um determinado significado, com o qual verdadeiramente se não relaciona: «Aí vem a Olívia palito». Para ele, há casos em que, mesmo ganhando um novo matiz semântico, a palavra conserva a sua forma. Exemplifica com famigerado (célebre, notável), o qual passou, na linguagem popular, a significar também esfomeado, pela semelhança morfológica com faminto.

3.6. A TERMINAR

Já o dissemos: a criação neológica decorre a um ritmo frenético, sendo que, «a cada dia «nascem» novas palavras na língua. O mundo dos conhecimentos, em vertiginosa evolução, o exige. E porque nós o exigimos para entendermos o mundo» Gomes & Cavacas (2004:140). Para Bechara (2006:506), esse nascimento tem na criação de certos produtos ou novidades, que recebem o nome dos seus criadores ou fabricantes, como Macadame e Gillete, uma fonte muito produtiva de formação neológica. A criação de siglas também se nos afigura como um processo bastante fecundo no que à formação de novas palavras diz respeito. A confirmar o nosso ponto de vista está o facto de, «só em França, a imprensa utilizar atualmente cerca de 40 000 siglas, das quais o leitor comum conhece apenas cerca de 40» (Gomes & Cavacas, 2004:174).

No entanto, e a experiência assim nos ensina, nem todas as palavras criadas são dicionarizadas. A esse respeito, Correia & Lemos (2005:15) falam da existência de uma fase (de teste) por que passam até à sua lexicalização: o período probatório. Estrela, Soares & Leitão (2012:243) advertem que essa passagem só será bem sucedida, isto é, a aceitação do neologismo e a conseqüente incorporação no sistema da língua está dependente de a sua criação preencher um espaço até aí vazio, como acontece, por exemplo, com os neónimos, referidos por Correia & Lemos (2005:15) como os neologismos criados a nível das linguagens de especialidade. Estes, conforme os mesmos autores, entram diretamente para o sistema linguístico. Sebastião & Madalena (2010:20) vão mais longe e, mais abrangentes, citam

Sablayrolles (2000:71-100) para apontar aqueles que consideram serem os fatores determinantes para a subsistência das unidades neológicas. Ei-los, tipificados em quatro:

- a) A criação de um neologismo deve estar de acordo com as regras ortográficas e fonológicas da língua em questão;
- b) Sob o ponto de vista morfológico, a criação de um neologismo pode ocorrer através dos radicais gregos e latinos, da adição de afixos – prefixo e sufixo – a uma base, da junção de duas ou mais bases, da siglação, do acrónimo, do decalque e dos empréstimos;
- c) Sob o ponto de vista semântico, a criação de uma nova unidade repousa sobre a utilização de uma unidade lexical já existente que absorve um novo significado. Desse modo, o contexto tem papel relevante para delimitar o novo significado dessa unidade;
- d) Do ponto de vista pragmático, a nova unidade lexical deve ser julgada e aceite pelo grupo social e desse modo pode incorporar o vocabulário desse grupo, facto que é sustentado por Saussure (citado por Farias, 2008:51), ao defender que as novas unidades só começam a ser observadas quando, deixando o vocabulário individual, são acolhidas pela comunidade. Assim, conforme Oliveira (2006:47), «ao ser inserido no léxico de uma língua, o neologismo é incorporado numa cadeia semântica e vai, aos poucos, sofrendo influência quanto à sua significação, muitas vezes até ampliando a sua carga semântica, participando da evolução da língua.»

A esse nível, Gomes & Cavacas (2004:162) defendem que a aceitação, não pelo grupo social como tal, mas por uma parte desse grupo, os críticos, os puristas, tem maior relevância. Portanto, conforme os autores citados, estes atuam como entidades que impulsionam e/ou desincentivam o uso e a cristalização das unidades recém-criadas. Bandeira (citado por Gomes & Cavacas, 2004:162) encara esta visão purista como contraproducente e, numa atitude insurgente contra os “moralistas da língua”, defende a liberdade criadora, a expressão inédita, independentemente daquele fator-chave (cf. p. 42) enunciado por Estrela, Soares & Leitão (2012:243) para a validação duma unidade neológica. Perentório, declara: «Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo. Abaixo os puristas [...] Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.»

Poncela (citado por Gomes & Cavacas, 2004:179), como que concordando com aqueles, exemplifica-nos, com propriedade, a posição de Bandeira: “Um motorista, que recebe inesperadamente 50 milhões de euros, de uma herança, filosofa: «- Se a quem nos empresta cinco euros dizemos obrigado, que palavra hei-de eu inventar para agradecer a quem me dá este dinheiro? Olha... carchofas.»

A atitude de Poncela, muito certamente, despoletaria duas opiniões: a dos puristas e a dos que, como Bandeira, advogam a expressividade em detrimento dos primeiros. Mas, para o criador da palavra, está, certamente, cumprida a missão, alcançado o objetivo comunicacional: a expressão inédita de um sentimento também inédito.

CAPÍTULO IV - O INQUÉRITO

4.1. A SUA ELABORAÇÃO

Para a consecução do instrumento de recolha de dados, observamos as seguintes etapas:

-*Planeamento*. Imaginar e reflectir sobre o tipo de inquérito a elaborar. Com essa reflexão, clarificamos questões relacionadas com: i. o tipo de inquérito – por entrevista ou por questionário – mais adequado à natureza do estudo; ii. onde; iii. como – pela internet (formato digital) ou pelo contacto direto (formato físico) com os inquiridos; iv. quando; v. durante quanto tempo seriam aplicados os inquéritos; vi. a natureza das perguntas a constar desses inquéritos, bem como vii. a estrutura do inquérito.

-*Redação*. Uma vez analisadas as questões referidas acima, procedemos a redigir os inquéritos (por questionário), cada um dos quais constituído por entre cinco a dez frases (de tipos e formas diversas); o número limite de frases por página variou segundo a sua capacidade, determinada pela extensão frásica. A seguir a cada uma das frases, deixamos espaços em branco, que foram preenchidos pela amostra; ao responder ao inquérito, o falante devia transcrever as frases indicadas, substituindo, durante a transcrição, a palavra e/ou expressão destacada, no registo padrão, por uma outra do registo popular. As palavras e/ou expressões foram destacadas do resto da frase, escrevendo-as em *itálico*, *negrito* e *sublinhado*, para facilitar a sua identificação; a sua seleção foi feita de acordo com a nossa experiência, quer como falantes, quer como estudantes de linguística. Em razão disso, escolhemos as formas cujos significados sabíamos, antecipadamente, terem realização lexical divergente nos contextos em estudo; mas não nos limitamos a estas, uma vez que fomos inserindo também – e em número significativo – unidades lexicais cujos significados, no português popular, tanto em Angola quanto em Portugal, desconhecíamos. A seleção das palavras e/ou expressões não obedeceu a nenhum critério específico; foi, portanto, aleatória. Formamos, portanto, um *corpus* constituído por 320 unidades lexicais. Relativamente à estrutura, veja-se o modelo que apresentamos adiante.

-*Trabalho de campo*. Feitos os inquéritos, demos início ao trabalho de campo, dividido, respetivamente, em quatro etapas, em cada um das quais realizámos uma tarefa distinta: i. impressão; ii. reprodução; iii. distribuição (nos formatos físico e digital) e iv. recolha dos inquéritos; depois de cumpridas as duas primeiras tarefas, demos início à terceira, passando, portanto, à fase da distribuição, à qual se seguiu a da recolha; todas essas tarefas foram realizadas durante oito dias úteis (de 18 de abril a 27 de maio). Quanto ao lugar, os dados foram recolhidos nas Faculdades de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior e da Universidade Nova de Lisboa⁴¹ e na PAC⁴²; a sua seleção resultou, por um lado, da necessidade de aplicarmos os inquéritos a um grupo de falantes

⁴¹ Daqui em diante, UBI e UNL, respectivamente.

⁴² Residência Universitária Pedro Álvares Cabral, propriedade da Universidade da Beira Interior.

significativamente heterogéneo; seria, por isso, determinante a recolha dos dados num lugar que concentrasse o maior número possível de pessoas; e, por outro, pela facilidade (ou dificuldade) que teríamos em convencer as pessoas a participarem da pesquisa. A consideração desses fatores foi determinada pela preocupação em obtermos um número significativo de dados. Assim, pois, e em resultado de conversas que travámos tanto com moradores da PAC como com alguns estudantes das faculdades citadas, alguns dos quais conhecidos nossos, percebemos a pronta disposição em aceder ao nosso pedido, pelo que nos decidimos por estes lugares, para a aplicação dos nossos inquéritos. Na UNL, distribuíamos os inquéritos aos estudantes que abordávamos no pátio; na UBI, contamos com a importantíssima colaboração de todos os docentes que abordámos, os quais se dispuseram a ajudar-nos, apelando aos seus estudantes para o preenchimento dos inquéritos, nas respetivas salas; relativamente à PAC, os inquéritos foram distribuídos entre as pessoas que íamos abordando, à entrada (entre estes, alguns preenchiam no mesmo instante; outros, no entanto, devolviam-nos em momento posterior; contam-se também os que não no-lo devolveram). Quanto aos inquéritos em formato digital, enviamo-los a pessoas que constam da nossa lista de amigos virtuais (Facebook) – angolanos e portugueses.

-Análise e tratamento dos dados. A análise e o tratamento dos dados recolhidos constituiu a última etapa da pesquisa. Consistiu, por um lado, na descrição dos dados obtidos; e, por outro, no tratamento estatístico desses dados; na fase de descrição, fomos inserindo os dados numa tabela composta por três colunas, e um número de linhas que variou de acordo com a extensão do item lexical, e do exemplo correspondente. Para garantir a fidelidade das informações prestadas, transcrevemos as palavras e/ou expressões tal qual foram apresentadas nos inquéritos; pela mesma razão, decidimos também apresentar as palavras e/ou expressões inseridas no seu contexto frásico.

4.2. MODELO DE INQUÉRITO

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade _____ Sexo _____ Idade _____ Grau Académico _____

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

- a) A moda agora é não namorar com homens magros.

R.: _____

- b) Gosto da comida assim. Agrada-me.

R.: _____

- c) Está agora a viver num bairro pobre.
R.: _____
- d) Tem havido poucos clientes.
R.: _____
- e) O remate foi muito potente.
R.: _____
- f) Apanhou dinheiro enquanto ia para a escola. Foi sorte.
R.: _____
- g) Gosto muito dessa mulher. Sou seu fã.
R.: _____
- h) Mesmo sendo famoso, impediram-lhe a entrada.
R.: _____
- i) A namorada traiu-o.
R.: _____
- j) Fiquei irritado.
R.: _____

CAPÍTULO V - ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

A análise qualitativa dos dados demonstra que a maioria dos 419 inquiridos respondeu segundo o esperado, ou seja, substituíram o termo padrão por um vocábulo popular – quer os angolanos, quer os portugueses. Do vocabulário padrão, foram propostas 320 palavras e as respostas à substituição foram 660 (360 Portugal e 300 Angola).

A maioria dos participantes conhecia grande parte das palavras seleccionadas para o estudo, tinha-as no seu vocabulário ativo; e as que não eram activadas, integravam o vocabulário passivo (também conhecido).

Algumas pessoas manifestavam certo preconceito quando reconheciam que conheciam esse léxico; observávamos uma estigmatização do facto. Há, ainda, a ideia – não partilhada por todos – de que utilizar palavras fora do padrão implica a pertença a uma classe social e económica baixa.

No futuro, tencionamos continuar com esta investigação para um mais largo tratamento dos dados e pô-los a disposição do público, facilitando, assim, o conhecimento de um tipo de léxico próprio diferente do padrão, que poderá vir a fazer parte do padrão angolano sem causar estigmatização. Além disso, esses dados também poderá vir a fornecer léxico aos futuros dicionários e glossários sobre o vocabulário específico de Angola.

Eis as 320 palavras escolhidas e distribuídas entre os 34 inquiridos:

ANGOLA	PADRÃO	PORTUGAL
1. Coche: Dá-me um <u>coche</u> do teu pão, João.	Pouco: Dá-me um <u>pouco</u> do teu pão, João.	1. Coche: Dá-me um <u>coche</u> do teu pão, João. 2. Uma beca; 3. Beques; 4. Bocazo
1. Mbaco: O médico disse-lhe que era <u>mbaco</u> .	Estétil: O médico disse-lhe que era <u>estétil</u> .	1. Seca: O médico disse-lhe que era 2. Estétil .
1. Cochinho: Tirei um <u>cochinho</u> e dei-lhe.	Pouquinho: Tirei um <u>Pouquinho</u> e dei-lhe.	1. Coche: Tirei um <u>coche</u> e dei-lhe. 2. Nica; 3. Coxito; 4. Uma bequinha; 5.

		Bocazinho
1. Bumbar: Hoje não vou <u>bumbar</u> .	Trabalhar: Hoje não vou <u>trabalhar</u> .	1. Ir para a estiba: Hoje não <u>vou para a estiba</u> .
1. Bondar: Vais saber então que <u>bondar</u> , na guerra, nem sempre é uma opção.	Matar: Vais saber então que <u>matar</u> , na guerra, nem sempre é uma opção.	1. Quinar: Vais saber então que <u>quinar</u> , na guerra, nem sempre é uma opção. 2. Mandar para o outro lado; 3. Colocar sete palmos abaixo da terra
1. Estar paiado: A Mariana está grávida. <u>Estou paiado</u> .	Estar em péssima situação: A Mariana está grávida. <u>Estou em péssima situação</u> .	1. Estar lixado: A Mariana está grávida. <u>Estou lixado</u> .
1. Brazuca: Uma das coisas que mais agrada no <u>brazuca</u> é a sua forma simples de ser.	Brasileiro: Uma das coisas que mais agrada no <u>brasileiro</u> é a sua forma simples de ser.	1. Brazuca: Uma das coisas que mais agrada no <u>brazuca</u> é a sua forma simples de ser.
1. Tibar bué: Havia na festa muita cerveja. Falando nisso, dizem que que <u>tibas bué!</u> 2. Chupar muito; 3. Tchilar muito	Beber muito: Havia na festa muita cerveja. Falando nisso, dizem que que <u>bebes muito!</u>	1. Emborrachar bué: Havia na festa muita cerveja. Falando nisso, dizem que que <u>emborrachas bué!</u> ; 2. Entornar muito; 3. Encharcar; 4. Tibar; 5. Emborcar bué; 6. Beber como o caralho

<p>1. Pidimo: O <u>pidimo</u> prometeu, mas não cumpriu. 2. Ui; 3. Dred</p>	<p>Indivíduo: O <u>indivíduo</u> prometeu, mas não cumpriu.</p>	<p>1. Gajo: O <u>gajo</u> prometeu, mas não cumpriu.</p>
<p>1. Babulo: Cada um de nós tem os seus Babulos. 2. Estrilho; 3. Maca</p>	<p>Problema: Cada um de nós tem os seus <u>problemas</u>.</p>	<p>1. Estresse: Cada um de nós tem os seus <u>estresses</u>. 2. Merda</p>
<p>1. Cheltox: Compra também <u>cheltox</u>. Há muitas moscas aqui.</p>	<p>Inseticida: Compra também <u>inseticida</u>. Há muitas moscas aqui.</p>	<p>1. Dundum: Compra também <u>dum-dum</u>. Há muitas moscas aqui.</p>
<p>1. Baucado: Estás todo <u>baucado</u>.</p>	<p>Pele esbranquiçada: Estás todo <u>esbranquiçado</u>.</p>	<p>1. Branquelo: Estás todo <u>branquelo</u>.</p>
<p>1. Estar cheia: Envolveu-se com aquele irresponsável. <u>Está cheia</u>.</p>	<p>Estar grávida: Envolveu-se com aquele irresponsável. <u>Está grávida</u>.</p>	<p>1. Estar prenha: Envolveu-se com aquele irresponsável. <u>Está prenha</u>. 2. Estar pranha; 3. Estar cheia</p>
<p>1. Bater pungo: Há, mas são poucos os homens que nunca <u>bateram punço</u>. 2. Bater punheta.</p>	<p>Masturbar-se: Há, mas são poucos os homens que nunca <u>se masturbaram</u>.</p>	<p>1. Esguelhar o pessegueiro: Há, mas são poucos os homens que nunca <u>esquelharam o pessegueiro</u>. 2. Bater uma; 3. Bater punheta</p>
<p>1. Banda: Estarei na <u>banda</u>, à espera de ti; 2. Gueto</p>	<p>Bairro: Estarei no <u>bairro</u>, à espera de ti.</p>	<p>1. Block: Estarei no <u>block</u>, à espera de ti. 2. Urbanização;</p>

		3. Favela
1. Emagrecer: Tentando acrescentar outra pessoa, o senhor pediu-me que para <u>emagrecer</u> .	Encostar-se a outrem (visando libertar espaço): Tentando acrescentar outra pessoa, o senhor pediu-me que para me encostar a outra pessoa.	
1. Atador: Esqueceste-te de amarrar os <u>atadores</u> .	Atacadores: Esqueceste-te de amarrar os <u>atacadores</u> .	1. Atilho: Esqueceste-te de amarrar os <u>atilhos</u> . 2. Atacas; 3. Cordões
1. Chinoca: Encontrei um <u>chinoca</u> na tua casa. 2. Tchatchum	Cidadão chinês: Encontrei um <u>chinês</u> na tua casa.	1. China: Encontrei um <u>china</u> na tua casa. 2. Chinoca; 3. Asiático
	Mentiroso: Prometeu, mas não me ligou até agora. É um <u>mentiroso</u> .	1. Pinóquio: Prometeu, mas não me ligou até agora. É um <u>pinóquio</u> . 2. Fabo; 3. Peteiro; 4. Aldre
1. Festa quente: Foi uma <u>festa quente</u> . 2. Boda muito bom; 3. Boda bué fixe; 4. Festa top	Festa muito boa: Foi uma <u>festa muito boa</u> .	1. Festa bué fixe: Foi uma <u>festa bué fixe</u> . 2. Festa do caraças; 3. Festa top; 4. Alta party; 5. Festa brutal; 6. Party do caraças; 7. Drena; Festa bué bacana
1. Cumbuzinho: Por isso, dei-lhe aquele <u>cumbuzinho</u> , como forma de	Dinheirinho: Por isso, dei-lhe aquele <u>dinheirinho</u> , como forma de gratificação.	1. Guita: Por isso, dei-lhe aquela <u>guita</u> , como forma de gratificação. 2.

gratificação.		Guito; 3. Graveto
1. Buelelé: As armas eram <u>buelelé</u> . 2. bué	Muto: as armas eram <u>muitas</u> .	1. Bué: As armas eram <u>bués</u> . Obs.: <i>Bué</i> apresenta, na variedade europeia, uma característica distinta, relativamente à angolana: a flexão em número.
1. Kilapeiro: Sim, sou <u>kilapeiro</u> . Mas as necessidades obrigam-me a isso.	Devedor: Sim, sou <u>devedor</u> . Mas as necessidades obrigam-me a isso.	1. Cravo: Sim, sou <u>Cravo</u> . Mas as necessidades obrigam-me a isso.
1. Boda: Adiou o <u>boda</u> de aniversário.	Festa: Adiou a <u>festa</u> de aniversário.	1. Farra: Adiou a <u>farra</u> de aniversário.
1. Que é/está fardo: Este modelo já não é novo. <u>É fardo</u> por aqui. 2. Que é chuva	Que aparece muito: Este modelo já não é novo. <u>Aparece muito</u> por aqui.	1. Que é/está muito batido: Este modelo já não é novo. <u>É muito batido</u> por aqui. 2. Que é/está batido
1. Caenche: O irmão dele é <u>caenche</u> .	Homem musculado: O irmão dele é <u>musculado</u> .	1. Bombado: O irmão dele é <u>bombado</u> . 2.
1. Keta: Gosto muito dessa <u>keta</u> . Além de bonita, faz-me lembrar-me dos meus tempos de juventude. 2. Cassete	Música (que se distingue por ser boa e despertar no ouvinte boas memórias): Gosto muito dessa <u>música</u> . Além de bonita, faz-me lembrar-me dos meus tempos de juventude.	1. Som: Gosto muito desse <u>som</u> . Além de bonita, faz-me lembrar-me dos meus tempos de juventude.
1. Paçar: Nelson <u>paçou</u> . Mas o Linguinha	Jogar muito mal: Nelson jogou <u>jogou muito mal</u> . Mas	1. Não jogar um cacete: Nelson <u>não</u>

também é mau jogador. 2. Pelar malaique	o Lunguinha também é mau jogador.	<u>jogou um cacete.</u> Mas o Lunguinha também é mau jogador.
1. Dar: Escorregou e se <u>deu.</u> Obs.: Quando usado como sinónimo de <i>cair</i> , <i>dar</i> vem sempre precedido do pronome <i>se</i> , independentemente da pessoa do verbo.	Cair: Escorregou e <u>caiu.</u>	1. Malhar: Escorregou e <u>malhou.</u> 2. Esbandalhar-se; 3. Espalhar-se
1. Catinga: Aquela <u>catinga</u> faz-me mal. 2. Nguto	Mau cheiro: Aquele <u>mau cheiro</u> faz-me mal.	1. Cheirete: Aquele <u>cheirete</u> faz-me mal. 2. Pivete
1. Mamoite: A <u>mamoite</u> dele ainda não sabe.	Mãe: A <u>mãe</u> dele ainda não sabe.	1. Cota: A <u>cota</u> dele ainda não sabe.
1. Curtir bué: Já todos sabem que ele te <i>curte bué.</i> 2. Ter uma caída	Ser/estar apaixonado por alguém: Já todos sabem que ele te <u>está apaixonado por ti.</u>	1. Ser/estar apanhadinho: Já todos sabem que ele <u>está apanhadinho por ti.</u> 2. Ser/estar apanhado
1. Acelerado: Andas muito <u>acelerado.</u> 2. Metido	Atrevido: andas muito <u>atrevido.</u>	1. Saído da casca: andas muito <u>saído da casca.</u> 2. Atiradiço; 3. Que se estica
	Mergulhar: Há tempos que não <u>mergulho.</u>	1. Pinchar: Há tempos que não <u>pincho.</u>
	Mergulho: Vou ao rio dar um	Pincho: Vou ao rio dar um

	<u>mergulho</u> .	<u>pincho</u> . 2. Chapa; 3. Cafulho
1. Tropa : Lembra-te que és meu <u>tropa</u> .	Amigo : Lembra-te que és meu <u>amigo</u> .	1. Mano : Lembra-te que és meu <u>mano</u> . 2. Budy ; 3. Miguxo ; Tropa; 4. Camarada Obs.: Relativamente a camarada , provavelmente se trate ou de um arcaísmo ou de um vocábulo em vias de arcaização, já que, dos 419 preenchidos, apenas um inquirido, Doutorando de 46 anos, usou o vocábulo em causa.
1. Pinar : Sábia como é, conseguiu lhe <u>pinar</u> o dinheiro todo.	Extorquir : Sábia como é, conseguiu <u>extorquir</u> -lhe o dinheiro todo.	1. Gamar : Sábia como é, conseguiu <u>gamar</u> -lhe o dinheiro todo.
1. Entrar : O pai não gostou e lhe <u>entrou</u> ali mesmo. 2. Sacudir ; 3. Dar Obs.: 1. Quando dar é sinónimo de bater , usa-se como transitivo direto, nas duas variedades; 2. Quando o objeto vem expresso por um pronome, a sua posição normal é a	Bater : O pai não gostou e <u>bateu-lhe</u> ali mesmo.	Dar : O pai não gostou e <u>deu</u> -lhe ali mesmo.

próclise.		
1. Falhar: O João <u>falhou</u> . Ele é assim, má pessoa. Obs.: Nesta aceção, falhar é sempre intransitivo.	Não honrar com um compromisso: O João não <u>honrou com o compromisso</u> . Ele é assim, má pessoa.	1. Cortar-se: O João <u>cortou-se</u> . Ele é assim, má pessoa. 2. Foder Obs.: Foder , nesta aceção, é transitivo direto.
1. Malaique: Ele é assim, <u>malaique</u> .	Má pessoa: Ele é assim, <u>má pessoa</u> .	1. Fatela: Ele é assim, <u>fatela</u> .
	Estar/ser um sucesso: A música está a <u>ter um sucesso</u> tremendo.	1. Bombar: A música está a <u>Bombar</u> . 2. Bater bué; 3. Bater
1. Breda: Fui àquela loja comprar uns <u>bre-das</u> . 2. Bloco	Pão: Fui àquela loja comprar uns <u>pães</u> .	1. Papo seco: Fui àquela loja comprar uns <u>papos secos</u> . 2. Cacete; 3. Carçaça; 4. Munchies; 5. Cacetinho
1. Pinge: Dizem que folha de tomate cura <u>pinge</u> .	Tinha: Dizem que folha de tomate cura <u>tinha</u> .	1. Dedum: Dizem que folha de tomate cura <u>dedum</u> .
1. Boter: Foi à escola com um <u>boter</u> diferente. 2. Ruca; 3. Popó	Carro: Foi à escola com um <u>carro</u> diferente.	1. Bote: Foi à escola com um <u>bote</u> diferente. 2. Máquina; 3. Popó
1. Zunga: Criou os filhos sendo apenas <u>zungueira</u> .	Vendedora ambulante: Criou os filhos sendo apenas <u>vendedora ambulante</u> .	1. Feirante: Criou os filhos sendo apenas <u>feirante</u> . 2. Monhé.
1. Zunga: Disse-me que	Venda ambulante: Disse-me	1. Trabalhar na feira:

a mãe fazia <u>zunga</u> .	que a mãe fazia <u>venda ambulante</u> .	Disse-me que a mãe <u>trabalhava na feira</u> .
1. Bucar: A vida do João anda muito limitada aos estudos. Tudo o que faz agora é <u>bucar</u> . 2. Amarrar	Estudar: A vida do João anda muito limitada aos estudos. Tudo o que faz agora é <u>estudar</u> .	1. Marrar: A vida do João anda muito limitada aos estudos. Tudo o que faz agora é <u>marrar</u> .
1. Bange: Encontra-me no meu <u>bange</u> . Espero-te lá.	Quarto: Encontra-me no meu <u>quarto</u> . Espero-te lá.	1. Spot: Encontra-me no meu <u>spot</u> . Espero-te lá.
1. Cubico: Passámos o dia no <u>cubico</u> dela.	Casa: Passámos o dia no <u>casa</u> dela.	1. Casula: Passámos o dia no <u>casula</u> dela. 2. Spot; 3. Crib
	Problema grave: Meteu-se num <u>problema grave</u> .	1. Bodega: Meteu-se numa <u>bodega</u> .
	Ser baleado: O irmão do João <u>foi baleado</u> na noite passada.	1. Levar um balásio: O irmão do João <u>levou um balásio</u> na noite passada.
1. Lambedor: O João é um <u>lambedor</u> ! Por isso, foi expulso do grupo.	Traidor: O João é um <u>traidor</u> ! Por isso, foi expulso do grupo.	1. Vira-cascas: O João é um <u>Vira-cascas</u> ! Por isso, foi expulso do grupo. 2. Chibo
1. Mana madó: A Mariana é <u>mana madó</u> . 2. Que gosta de aparecer	Indivíduo que gosta de se fazer notar: A Mariana é uma mulher que <u>gosta de se fazer notar</u> .	1. Kenga: A Mariana é uma <u>kenga</u> . 2. Que se arma
1. Porrada: Já nem se lembra da <u>porrada</u> .	Surra: Já nem se lembra da <u>surra</u> .	1. Coça: Já nem se lembra da <u>coça</u> . 2.

		Sova; 3. Enxerto
1. Guerra do Huambo: Encontrei-o a ver <u>guerra do Huambo</u> . 2. Porno	Filme pornográfico: Encontrei-o a ver um <u>um filme pornográfico</u> .	1. Porno: Encontrei-o a ver <u>Porno</u> . 2. Pornô
1. Bué malaique: Imaginei-a sem roupa. Fiquei, então, <u>bué malaique</u> . 2. Muito tesoso; 3. Paúdo	Muito excitado: Imaginei-a sem roupa. Fiquei, então, <u>muito excitado</u> .	1. Todo aceso: Imaginei-a sem roupa. Fiquei, então, <u>todo aceso</u> . 2. Pau feito; 3. Tesudo; 4. Bué tesão
1. Candengue: Vi o irmão mais novo do João, ontem. O <u>candengue</u> estava muito apressado. 2. Puto	Rapaz: Vi o irmão do mais novo do João, ontem. O <u>rapaz</u> estava muito apressado.	1. Bacano: Vi o irmão do mais novo do João, ontem. O <u>bacano</u> estava muito apressado. 2. Gajo; 3. Miúdo
1. Chandula: Comprei uma <u>chandula</u> para mim.	Sandes: Comprei uma <u>sandes</u> para mim.	1. Sandoca: Comprei uma <u>sandoca</u> para mim. 2. Bucha; 3. Sanduíche; 4. Sanduba
	Português: O angolano é um povo incrível. Mas o <u>português</u> também tem as suas particularidades.	1. Tuga: O angolano é um povo incrível. Mas o <u>tuga</u> também tem as suas particularidades.
1. Garimpo: O dinheiro que ganho com os <u>garimpos</u> dá-me muito jeito no fim do mês.	Colaboração (em se tratando do mercado de emprego): O dinheiro que ganho com as <u>colaborações</u> dá-me muito jeito no fim do	1. Biscate: O dinheiro que ganho com os <u>biscates</u> dá-me muito jeito no fim do mês. 2. Pescate

	mês.	
1. Repista: O irmão é <u>repista</u> . 2. Rapper; 3. Niga	Cantor de rap: O irmão é cantor de rap.	1. Rapper: O irmão é <u>rapper</u> .
1. Chifrar: Foste fiel comigo, mas eu te <u>chifrei</u> . 2. Corneiar; 3. Fatigar	Trair: Foste fiel comigo, mas eu <u>traí</u> -te.	1. Encornar: Foste fiel comigo, mas eu <u>encornei</u> -te.
1. Paquerar: O João <u>paquerou</u> a Ana.	Conquistar: O João <u>conquistou</u> a Ana.	1. Socar: O João <u>socou</u> a Ana.
1. Condeco: Não suporto <u>condecos</u> . 2. Bolo-e-leite.	Homem mimado: Não suporto <u>homens mimados</u> .	1. Mariquinhas: Não suporto <u>mariquinhas</u> . 2. Menino da mamãe; 3. Birrento; 4. Coninhas; 5. Betinho; 6. Menino da mamã
1. Cuiosa: A festa estava <u>cuiosa</u> .	Maravilha: A festa estava uma <u>maravilha</u> .	1. Altamente: A festa estava <u>altamente</u> . 2. Brutal; 3. Estar/ser do caralho
1. Mboa: Anda triste porque a <u>mboa</u> já não o quer. 2. Pinta	Namorada: Anda triste porque a <u>namorada</u> já não o quer.	1. Dama: Anda triste porque a <u>dama</u> já não o quer. 2. Miúda Obs.: Quando usado para significar namorada, miúda vem sempre acompanhado de um determinante possessivo, em posição pré ou pós nominal.

<p>1. Madié: Mas, em parte, a culpa é do próprio <u>madié</u>. 2. Muadié; 3. Wi</p>	<p>Namorado: Mas, em parte, a culpa é do próprio <u>namorado</u>.</p>	<p>1. Gajo: Mas, em parte, a culpa é do próprio <u>gajo</u>. 2. Damo; 3. Gajo; Namu</p>
	<p>Mentira: Gosta de contar <u>mentiras</u>.</p>	<p>1. Peta: Gosta de contar <u>petas</u>. 2. Balelas</p>
<p>1. Bilar: <u>Bilou</u> com o irmão. 2. Balar; 3. Faite</p>	<p>Lutar: <u>Lutou</u> com o irmão.</p>	<p>1. Andar à porrada: <u>Andou à porrada</u> com o irmão. 2. Malhar; 3. Faitar; 4. Andar à bucha; 5. Pegar-se; 6. Bilar</p> <p>Obs.: Quando usado como sinónimo de lutar, além de passar a verbo pronominal, pegar-se vem regido pela preposição com.</p>
<p>1. Baica: Devolveu-te o <u>baica</u>? 2. Buba</p>	<p>Telemóvel: Devolveu-te o <u>telemóvel</u>?</p>	<p>1. Telelé: Devolveu-te o <u>telelé</u>? 2. Fone; 3. Telá; 4. Telemóbil</p>
<p>1. Machimbombo: Não consigo andar de <u>machimbombo</u> público.</p>	<p>Autocarro: Não consigo andar de <u>autocarro</u> público.</p>	<p>1. Carreira: Não consigo andar de <u>carreira</u> pública. 2. Camioneta</p>
<p>1. Pinar: Ontem, me <u>pinaram</u> o fio sem que percebesse. 2. Biznar; 3. Aguentar; 4.</p>	<p>Roubar: Ontem, <u>roubaram</u>-me o fio sem que percebesse.</p>	<p>1. Gamar: Ontem, <u>gamaram</u> -me o fio sem que percebesse.</p>

Bumbar; 5. Tchibar		
	Ter corcunda: O João <u>tem corcunda</u> desde criança.	1. Ser marreco: O João <u>é marreco</u> desde criança.
	Corcunda: O João tem <u>corcunda</u> .	1. Chibeta: O João tem <u>chibeta</u> .
	Ignorante (quando carregado de sentido negativo): És mesmo um <u>ignorante</u> !	1. Caras: És mesmo um <u>caras</u> ! 2. Burro; 3. Denso; 4. Tanso
1. Mambo: Receberam-lhe todos os <u>mambos</u> .	Coisa: Receberam-lhe todas as <u>coisas</u> .	1. Cena: Receberam-lhe todas as <u>cenar</u> . 2. Mambo
1. Matar aula: O João <u>matar aula</u> ontem. 2. Fugar	Falta às aulas: O João faltou às aulas ontem.	1. Baldar-se: O João <u>baldou-se</u> às aulas ontem.
1. Cabulador: Fez a prova toda a copiar. É um <u>cabulador</u> , nada mais.	Copiador (em se tratando de ambiente pedagógico): Fez a prova toda a copiar. É um <u>copiador</u> , nada mais.	1. Cola: Fez a prova toda a copiar. É um <u>cola</u> , nada mais. 2. Cabulador; 3. Cábulas
1. Pitar: Já não aguento de tanta fome. Vou <u>pitar</u> alguma coisa.	Comer: Já não aguento de tanta fome. Vou <u>comer</u> alguma coisa.	1. Trincar: Já não aguento de tanta fome. Vou <u>trincar</u> alguma coisa. 2. Pitar
1. Bué lotado: A festa estava <u>bué lotada</u> .	Espaço muito cheio: A festa estava <u>muito cheia</u> .	1. Estar ao barrote: A festa <u>estava ao barrote</u> . 2. Estar à pinha

	<u>Terra</u> (lugar de origem): Estou de volta à minha <u>terra</u> .	1. Terriola : Estou de volta à minha <u>terriola</u> .
1. Nguto : O problema do João é o <u>nguto</u> . 2. kibuzo	Mau hálito : O problema do João é o <u>mau hálito</u> .	1. Bafo : O problema do João é o <u>bafo</u> .
1. Poliangue : Está aí o <u>poliangue</u> que te prendeu. 2. Malaique; 3. Magala	Polícia : Está aí o <u>polícia</u> que te prendeu.	1. Moina : Está aí o <u>moina</u> que te prendeu. 2. Bófia Obs.: Na variedade angolana, a palavra <i>bófia</i> , embora também se utilize como sinónimo de polícia - caso em que se lhe atribui valor depreciativo - é comumente utilizada para designar os agentes do serviço de inteligência.
	Jovem (do sexo feminino): Sabes com quem veio aquela <u>jovem</u> de vestido vermelho?	1. Bacana : Sabes com quem veio aquela <u>bacana</u> de vestido vermelho?
	Refrigerante : Como me faz bem um <u>refrigerante</u> ao meio dia!	1. Gasosa : Como me faz bem um <u>gasosa</u> ao meio dia!
1. Abusar : <u>Lhe abusou</u> . Isso não se faz a ninguém. 2. Lember	Gozar (dos defeitos de outrem): <u>Gozou</u> dos defeitos dele. Isso não se faz a ninguém.	1. Faze pouco : <u>Fez pouco</u> dos defeitos dele. Isso não se faz a ninguém.
1. Langa : Disse-me que	Congolês : Disse-me que era	1. Africano : Disse-me

era <u>langa</u> .	<u>congolês</u> .	que era <u>africano</u> . 2. Gajo do Congo.
1. Bilingar: Te <u>bilingou</u> .	Enganar (alguém): <u>enganou-te</u> .	1. Passar a perna: <u>Passou-te a perna</u> . 2. Lixar
1. Tilha: As novas <u>tilhas</u> não são assim tão bonitas.	Sapatilhas: As novas <u>sapatilhas</u> não são assim tão bonitas.	1. Ténis: Os novos <u>ténis</u> não são assim tão bonitas. 2. Tilha; 3. Piso
1. Mboa: Queres viver em paz, evita problemas com a <u>mboa</u> .	Esposa: Queres viver em paz, evita problemas com a <u>esposa</u> .	1. Patroa: Queres viver em paz, evita problemas com a <u>patroa</u> .
1. A estalar: Para combater o calor intenso desta cidade, só uma cerveja <u>a estalar</u> . 2. Estalado	Muito fresco (quando em referência a líquidos): Para combater o calor intenso desta cidade, só uma cerveja <u>muito fresca</u> .	
1. Ser barrado: Pediu a Joana em namoro, mas <u>foi barrado</u> . 2. Dar não.	Ser rejeitado (quando se pede alguém namoro): Pediu a Joana em namoro, mas <u>foi rejeitado</u> .	1. Levar uma tampa: Pediu a Joana em namoro, mas <u>levou uma tampa</u> . 2. Levar com os pés; 3. Levar barra; 4. Ser barrado; 5. Levar rocha
1. Dioba: Não aguenta de <u>tanta fome</u> .	Tanta fome: Não aguenta de <u>tanta fome</u> .	1. Tata larica: Não aguenta de <u>tanta larica</u> .
1. Coiar: <u>Coiou</u> ontem, no final da tarde. 2.	Morrer: <u>Morreu</u> ontem, no final da tarde.	1. Bater as botas: <u>bateu as botas</u>

Parar; 3. Bater as botas; 4. Trancar os dentes		ontem, no final da tarde. 2. Ir de cana
1. Cabular: Fez a prova a <u>cabular</u> .	Copiar (durante a realização de exame): Fez a prova a <u>copiar</u> .	1. Cabular: Fez a prova a <u>cabular</u> .
1. Profe: Os <u>profes</u> continuam sem pagamento.	<u>Professor</u> : Os <u>professores</u> continuam sem pagamento.	1. Store: Os <u>stores</u> continuam sem pagamento.
1. Rochar: Lançou uma música nova, mas <u>rochou</u> . 2. Não bater.	Não ter sucesso (relativamente à música): Lançou uma música nova, mas <u>não teve sucesso</u> .	1. Barrar: Lançou uma música nova, mas <u>barrou</u> . 2. Não bater.
1. Babulo grande: Meteu-se num <u>grande problema</u> . 2. Granda diculo	Grande problema: Meteu-se num <u>grande problema</u> .	1. Alhada: Meteu-se numa <u>alhada</u> .
1. Meter/dar caguero: Foi um lance muito rápido. <u>Deu-lhe um caguero</u> e correu para a baliza. 2. Meter iona.	Meter a bola entre as pernas do adversário (em se tratando de futebol): Foi um lance muito rápido. <u>Meteu-lhe a bola entre as pernas</u> e correu para a baliza.	1. Fazer/dar cueca: Foi um lance muito rápido. <u>Fez-lhe uma cueca</u> e correu para a baliza. 2. Fazer/dar cuequinha
1. Boelo: Tu és muito <u>burro</u> . 2. Condeco; 3. Panco; 4. Bolo	Burro: Tu és muito <u>burro</u> .	1. Lerdo: Tu és muito <u>lerdo</u> . 2. Granda bartolo
	Olhar com que se exprime ódio: Tenho medo desse teu <u>olhar exprimindo ódio</u> .	1. Olho de vaca: Tenho medo desse teu <u>olho de vaca</u> . 2. Olhar mal morto

	Bater (alguém): O pai não gostou e <u>bateu</u> -lhe ali mesmo.	1. Dar : O pai não gostou e <u>deu</u> -lhe ali mesmo. 2. Ir à boca ; 3. Partir o focinho ; 4. Arriar Obs.: Nesta aceção, os verbos <i>dar</i> e <i>ir</i> vêm conjugados pronominalmente.
2. Apanhar : O Barcelona <u>apanhou</u> contra a Roma, por uma diferença de golos muito grande. Obs.: Quando usado como sinónimo de derrota, <i>apanhar</i> é intransitivo.	Sair derrotado (por uma grande margem de golos/pontos): O Barcelona <u>perdeu</u> contra a Roma, por uma diferença de golos muito grande.	2. Levar uma abada : O Barcelona <u>levou uma abada</u> da Roma. 2. Foder-se ; 3. Levar uma sova
1. Birra : Havia na festa muita <u>birra</u> . 2. Fresquinha	Cerveja : Havia na festa muita <u>cerveja</u> .	1. Jola : Havia na festa muita <u>jola</u> . 2. Bejola ; 3. Loira
1. Bué bala : Essa mulher é <u>bué bala</u> .	Mulher muito bonita : Essa mulher é <u>muito bonita</u> .	1. Brutal : Essa mulher é <u>brutal</u> . 2. Que é/está do caralho ; 3. Tesuda ; 4. Top ; Toda boa
1. Bebucho : Já viste o João? Está <u>bebucho</u> .	Gordinho : Já viste o João? Está <u>gordinho</u> .	1. Balofo : Já viste o João? Está <u>balofo</u> . 2. Badocha ; 3. Cheinho
1. Pelenguenha : Não aguento com esta <u>pelenguenha</u> .	Ressaca : Não aguento com esta <u>ressaca</u> .	Tosga : Não aguento com esta <u>tosga</u> . 2. Retraça

<p>1. Curibota: A Joana é <u>curibota</u>. 2. Zongola; 3. Que tem a boca doce.</p>	<p>Foqueira: A Joana é <u>foqueira</u>.</p>	<p>2. Bisbilhoteira: A Joana é <u>bisbilhoteira</u>. 2. Cusca; 3. Fuxiqueira; 4. Fala-barato; 5. Cuscuvilheira; 6. Comadre; 7. Beata; 8 Mexeriqueira;</p>
<p>1. Rata: A mãe ensinou-lhe todos os cuidados a ter com a <u>rata</u>. 2. Cona</p>	<p>Vagina: A mãe ensinou-lhe todos os cuidados a ter com a <u>vagina</u>.</p>	<p>1. Passarinha: A mãe ensinou-lhe todos os cuidados a ter com a <u>passarinha</u>. 2. Pipi; 3. Cona</p>
<p>1. Que não está bala: A festa <u>não estava bala</u>. 2. Mambo gato; 3. Que não bate</p>	<p>Festa que não esteja/seja boa: A festa <u>não estava boa</u>.</p>	<p>1. Chunga: A festa <u>estava uma chungã</u>. 2. Não bater; Bosta</p>
<p>1. Calinas: A irmã trouxe-lhe umas <u>calinas</u> novas. 2. Calis</p>	<p>Calças: A irmã trouxe-lhe umas <u>calças</u> novas.</p>	<p>1. Jeans: A irmã trouxe-lhe umas <u>jeans</u> novas.</p>
	<p>Jovem que se leva de uma festa (geralmente com fins sexuais): Saindo da festa, levei uma <u>jovem</u> com quem passei a noite.</p>	<p>1. Sheila: Saindo da festa, levei uma <u>sheila</u> com quem passei a noite.</p>
<p>1. Piso: Comprei ontem uns bons <u>pisos</u>.</p>	<p>Sapato: Comprei ontem uns bons <u>sapatos</u>.</p>	<p>1. Piso: Comprei ontem uns bons <u>pisos</u>. 2. Solas</p>
<p>1. Perar: Não estou preocupado. Não <u>lhe</u></p>	<p>Fazer sexo com alguém: Não estou preocupado. Não</p>	<p>1. Pinar: Não estou preocupado. Não</p>

<u>perei</u> . Comer o mambo	<u>fiz sexo com ela</u> .	<u>pinei com ela</u> . 2. Dar uma queca; 3. Comer; 4. Foder Obs.: O uso de comer como sinónimo de envolvimento sexual é, genericamente, feito por pessoas adultas, sendo que, para os adolescentes, o mesmo verbo é utilizado como sinónimo de beijar.
1. Paca : Disseram-me que a família dele tinha muita <u>paca</u> . 2. Massa; 3 Cumbu	Dinheiro : Disseram-me que a família dele tinha muito <u>dinheiro</u> .	1. Guita : Disseram-me que a família dele tinha muita <u>guita</u> ; 2. Pilim; 3. Massa
	Homem sexualmente impotente : O João é <u>sexualmente impotente</u> .	1. Capado : O João é <u>capado</u> . 2. Murcho ; 3. Que não levanta
1. Tirar : Descobriu que estava grávida, mas <u>tirou</u> .	Abortar (uma gravidez): Descobriu que estava grávida, mas <u>abortou</u> .	1. Tirar o filho : Descobriu que estava grávida, mas <u>tirou o filho</u> . 2. Não parir
1. Aguentar : Coitado! Desta vez, foi primo quem lhe <u>aguentou</u> .	Burlar : Coitado! Desta vez, foi primo quem o <u>burlou</u> .	1. Gamar : Coitado! Desta vez, foi primo quem o <u>gamou</u> . 2. fraudar
1. Cacimbo : O <u>cacimbo</u> chegou.	Inverno : O <u>Inverno</u> chegou.	1. Briol : O <u>briol</u> chegou.
	Dinheirinho (quando oferecido como gratificação	1. Grana : Se não fosse por ele, não teria

	por favor prestado): Se não fosse por ele, não teria conseguido. Por isso, dei-lhe aquele <u>dinheirinho</u> , como forma de gratificação.	conseguido. Por isso, dei-lhe aquela <u>grana</u> , como forma de gratificação. 2. Gorjeta
1. Cambubum: Acertaram-lhe com uma pedra na testa. Mas o médico recomendou-lhe uma pomada para o <u>cambubum</u> . 2. Cabobo	Inchaço na pele (como resultado de uma contusão): Acertaram-lhe com uma pedra na testa. Mas o médico recomendou-lhe uma pomada para o <u>inchaço</u> .	1. Galo: Acertaram-lhe com uma pedra na testa. Mas o médico recomendou-lhe uma pomada para o <u>galo</u> .
1. Encher a cara: Hoje, o que me apetece mesmo é <u>encher a cara</u> . Amanhã é sábado. 2. Estragar-se; 3. Ficar boiado	Embebedar-me: Hoje, o que me apetece mesmo é <u>embebedar-me</u> . Amanhã é sábado.	1. Apanhar uma puta: Hoje, o que me apetece mesmo é <u>apanhar uma puta</u> . Amanhã é sábado. 2. Apanhar uma Jarda; 3. Enfrascar-se; 4. Apanhar uma buba; 5. Apanhar uma prela
1. Chupado: Estás <u>chupado</u> .	Bêbedo: Estás <u>bêbedo</u> .	1. Estar com os copos: Estás <u>com os copos</u> . 2. Estar com uma carroça; 3. Estar narso; 4. Bezano; Quinado
	Ânus: A droga era transportada através do <u>ânus</u> .	1. Cagueiro: A droga era transportada através do <u>cagueiro</u> . 2. Nabo.
1. Latona: A namorada	Mulata: A namorada dele é	1. Menina de cor: A

dele é aquela <u>latona</u> que acabou de entrar.	aquela <u>mulata</u> que acabou de entrar.	namorada dele é aquela <u>menina de cor</u> que acabou de entrar. 2. Morena; 3. Mestiça; 4. Neguinha; 5. Preta; 6. Pochinha; Mulher de cor
1. Cachudo: Hoje estou <u>cachudo</u> . Podes pedir-me o que quer que seja.	Rico: Hoje estou <u>rico</u> . Podes pedir-me o que quer que seja.	1. Cheio de guita: Hoje estou <u>cheio de guita</u> . Podes pedir-me o que quer que seja. 2. Que tem papel
1. Capuca: Excedeu na <u>capuca</u> .	Aguardente: Excedeu na <u>aguardente</u> .	1. Bagaço: Excedeu na <u>bagaço</u> . 2. Pinga; 3. Cheirinho
	Indivíduo que bebe muito: Em se tratando de bebidas alcoólicas, o João nunca está indisponível. <u>Bebe muito</u> .	1. Pipa: Em se tratando de bebidas alcoólicas, o João nunca está indisponível. É uma <u>pipa</u> .
	Leite condensado: Deram-lhe de comer arroz doce feito com <u>leite condensado</u> .	1. Leite-creme: Deram-lhe de comer arroz doce feito com <u>leite-creme</u> . 2. Leite moça
1. Arrastar uma mboa: Ao sair da festa, <u>arrastei uma mboa</u> com quem passei a noite.	Levar da festa uma jovem (para fins sexuais): Ao sair da festa, <u>leveí uma jovem</u> com quem passei a noite.	1. Sacar: Ao sair da festa, <u>saquei</u> com quem passei a noite.

1. Cuiar: <u>cuiar</u> dar-te um beijo na boca. 2. Ser bué fixe	Saber tão bem: <u>Sabe tão bem</u> dar-te um beijo na boca.	1. Ser top: <u>é top</u> dar-te um beijo na boca.
1. Manga de dez: As <u>mangas de dez</u> estão a envolver-se com os nossos maridos. 2. Novinha	Adolescente (do sexo feminino): As <u>adolescentes</u> estão a envolver-se com os nossos maridos.	1. Pita: As <u>pitas</u> estão a envolver-se com os nossos maridos. 2. Garina
1. Pax: Os <u>pax</u> têm todo o direito de reclamar, se não gostarem do estado do automóvel.	Passageiro: Os <u>passageiros</u> têm todo o direito de reclamar, se não gostarem do estado do automóvel.	1. Pendura: Os <u>penduras</u> têm todo o direito de reclamar, se não gostarem do estado do automóvel.
1. Salo: Está difícil encontrar <u>salo</u> .	Emprego: Está difícil encontrar <u>emprego</u> .	1. Paga-pão: Está difícil encontrar <u>paga-pão</u> . 2. Bules
1. Fitacolar: Disse-me para <u>fitacolar a caixa</u> .	Envolver uma caixa com fita-cola: Disse-me para <u>envolver a caixa com fita-cola</u> .	1. Fitar: Disse-me para <u>fitar a caixa</u> .
	Trair: Foste fiel comigo, mas eu <u>traí</u> -te.	1. Lixar: Foste fiel comigo, mas eu <u>lixei</u> -te.
1. Disco: Ontem saímos muito tarde da <u>disco</u> .	Discoteca: Ontem saímos muito tarde da <u>discoteca</u> .	1. Night: Ontem saímos muito tarde da <u>night</u> . 2. Cub; 3. Disco
1. Que é garrado: Conheço-o bem. <u>É agarrado</u> .	Pessoa que nunca oferece nada: Conheço-o bem. <u>Nunca oferece nada</u> .	1. Ser forreta: Conheço-o bem. <u>É forreta</u> . 2. Agarrado

1. Beleira: Vou cortar o <u>beleira</u> só amanhã.	Cabelo: Vou cortar o <u>cabelo</u> só amanhã.	1. Gadelha: Vou cortar o <u>cabelo</u> só amanhã. 2. Peruca; 3. Truja; 4. Juba
1. Vivo: É muito <u>vivo</u> , o rapaz. 2. Operativo; 3. Atirado;	Esperto: É muito <u>esperto</u> , o rapaz	1. Pessoa que tem a mania que os cágados andam de avião: <u>Tem a mania que os cágados andam de avião</u> , o rapaz. 2. Chico-esperto; 3. Fino
1. Banzelar: Não podia trabalhar com tanta preguiça. Fiquei em casa a <u>banzelar</u> . 2. Pausar	Descansar: Não podia trabalhar com tanta preguiça. Fiquei em casa a <u>descansar</u> .	1. Xonar: Não podia trabalhar com tanta preguiça. Fiquei em casa a <u>xonar</u> . 2. Anhar; 3. Chilar
1. Suegado: Ninguém aqui é mais <u>suegado</u> do que ele. 2. Jilipó	Vaidoso: Ninguém aqui é mais <u>vaidoso</u> do que ele.	1. Pinocado: Ninguém aqui é mais <u>vaidoso</u> do que ele. 2. Convencido; 3. Chaná
	Tratar alguém com desdém: Está-te a <u>tratar com desdém</u> .	1. Tripar: Está-te a <u>tripar</u> .
1. Bumbar: Não estou a <u>bumbar</u> .	Trabalhar: Não estou a <u>trabalhar</u> .	1. Bulir: Não estou a <u>bulir</u> .
1. Bagageira: Como já não havia espaço, a quinta pessoa foi mesmo na <u>bagageira</u> .	Porta-malas: Como já não havia espaço, a quinta pessoa foi mesmo no <u>porta-malas</u> .	1. Mala: Como já não havia espaço, a quinta pessoa foi mesmo na <u>malas</u> . 2. Bagageira

<p>1. Pula: Nessa empresa, os <u>pulas</u> têm muitos privilégios. 2. Lapapa</p>	<p>Indivíduo branco: Nessa empresa, os <u>brancos</u> têm muitos privilégios.</p>	<p>1. Branquelo: Nessa empresa, os <u>branquelos</u> têm muitos privilégios. 2. Uaite</p>
<p>1. Casório: O <u>casório</u> será na próxima semana.</p>	<p>Casamento: O <u>casamento</u> será na próxima semana.</p>	<p>1. Casório: O <u>casório</u> será na próxima semana. 2. Nó</p>
<p>1. Caular: <u>caúlo</u> para revender.</p>	<p>Comprar: <u>Compro</u> para revender.</p>	<p>1. Pegar: <u>pego</u> para revender.</p>
<p>1. Cupapata: Comprou uma <u>cupapata</u> que, além de bonita, é cara. 2. Bike; 3. Turu</p>	<p>Moto: Comprou uma <u>moto</u> que, além de bonita, é cara.</p>	<p>1. Scooter: Comprou uma <u>scooter</u> que, além de bonita, é cara. 2. Máquina</p>
	<p>Corpo bonito: Tem um <u>corpo bonito</u>.</p>	<p>1. Corpo do caraças: Tem um <u>corpo do caraças</u>.</p>
	<p>Faltar a um compromisso: <u>Faltaste outra vez ao compromisso</u>.</p>	<p>1. Baldar-se: <u>baldaste-te outra vez ao compromisso</u>.</p>
<p>1. Pica: Passou a tarde com os amigos fumar <u>pica</u>. 2. Liamba; Cangonha</p>	<p>Canábis: Passou a tarde com os amigos fumar <u>canábis</u>.</p>	<p>1. Erva: Passou a tarde com os amigos fumar <u>erva</u>. 2. Bronca; 3. Charro; 4. Cachucho; 5. Ganza; 6. Chavalo</p>
<p>1. Estar em dia: <u>Estou em dia</u>. 2. <u>Estar de boa</u></p>	<p>Estar bem: <u>Estou bem</u>.</p>	<p>1. Estar chil: <u>Estou bem</u>. 2. <u>Estar fixe</u>.</p>

<p>1. Que não sabe pelar: O erro foi meter, logo de início, os <u>que não sabem pelar</u>. 2. Peixe seco; 3. Paiador</p>	<p>O que não sabe jogar: O erro foi meter, logo de início, os <u>que não sabem jogar</u>.</p>	<p>1. Totó: O erro foi meter, logo de início, os <u>que não sabem jogar</u>. 2. Azelha; 3. Podre</p>
<p>1. Quilamú: Ainda tenho muitas <u>quilamús</u> por pagar. 2. Quilapi</p>	<p>Dívida: Ainda tenho muitas <u>dívidas</u> por pagar.</p>	<p>1. Conta: Ainda tenho muitas <u>contas</u> por pagar. 2. Cravas</p>
<p>1. Chacho: Gosta dela há muito tempo. Mas não tem <u>argumentos</u> para a conquistar. 2. Papo</p>	<p>Argumento (usado para conquistar e/pedir alguém em namoro): Gosta dela há muito tempo. Mas não tem <u>argumentos</u> para a conquistar.</p>	<p>1. Paleio: Gosta dela há muito tempo. Mas não tem <u>paleio</u> para a conquistar. 2. Patê; 3. Lábia</p>
	<p>Clítoris: Há países onde ainda se corta o <u>clítoris</u> às mulheres.</p>	<p>1. Grelo: Há países onde ainda se corta o <u>grelo</u> às mulheres.</p>
<p>1. Mbaia: O espaço era tão pequeno, mas ainda assim, fez uma <u>mbaia</u>.</p>	<p>Manobra rápida e perigos (em se tratando de condução): O espaço era tão pequeno, mas ainda assim, fez uma <u>manobra rápida e perigosa</u>.</p>	<p>1. Tangente: O espaço era tão pequeno, mas ainda assim, fez uma <u>tangente</u>. 2. Guinango; 3. Finta</p>
<p>1. Zongola: Tu é <u>zongola</u>. 2. Boqueira; 3. Boca azul</p>	<p>Pessoa que fala muito: Tu <u>falas muito</u></p>	<p>1. Tagarela: Tu és um <u>tagarela</u>. 2. Balelas; 3. Fala-barato</p>
	<p>Carrinho: Estás a falar daquele <u>carrinho</u>? Não gosto. É pequeno e feio.</p>	<p>1. Charuto: Estás a falar daquele <u>carrinho</u>? Não gosto.</p>

		É pequeno e feio. 2. Baguinhas ; 3. Bolinho
1. Gindungo : Meteste <u>gindungo</u> na comida? 2. Biaze	Picante : Meteste <u>picante</u> na comida?	1. Piri-piri : Meteste <u>piri-piri</u> na comida? 2. Malagueta
1. Nhanhar : Havia na festa muito cerveja. O meu trabalho era só <u>nhanhar</u> !	Beber (álcool): Havia na festa muito cerveja. O meu trabalho era só <u>beber</u> !	1. Enfrascar : Havia na festa muito cerveja. O meu trabalho era só <u>enfrascar</u> ! 2. Deitar para a guela ; 3. Deitar abaixo
1. Muangolé : O <u>muangolé</u> é um povo incrível.	Angolano : O <u>angolano</u> é um povo incrível.	
	1. Triciclo motorizado : Há, cada vez menos, <u>triciclos motorizados</u> pelas ruas da cidade.	2. Papa-reformas : Há, cada vez menos, <u>papa-reformas</u> pelas ruas da cidade.
1. Ter pé pesado : Não gosto de viajar com o João. <u>Tem pé pesado</u> .	Acelerar muito : Não gosto de viajar com o João. <u>Acelera muito</u> .	1. Ter o pé pesado : Não gosto de viajar com o João. <u>Tem o pé pesado</u> .
	Bebedeira : Controla a tua <u>bebedeira</u> .	1. Borracheira : Controla a tua <u>borracheira</u> . 2. Buba ; 3. Beza ; 4. Sarda ; 5. Narsa
1. Chapado : Disseram-me que estava muito	Drogado : Disseram-me que estava muito <u>drogado</u> .	1. Pedrado : Disseram-me que estava muito

<u>chapado</u> .		<u>drogado</u> . 2. Ninado; 3. Colado; 4. Ganzado; 5. Mocado; 6. Chapado; 7. Cartuchado; 8. Com grande estala
1. Quinai : Era difícil - quase impossível - ver <u>quinai</u> . Nesse tempo, as roupas não eram tão ousadas. 2. Quinaile	Biquíni : Era difícil - quase impossível - ver <u>biquíni</u> . Nesse tempo, as roupas não eram tão ousadas.	
1. Queleta : O último grande golo do Ronaldo foi de <u>queleta</u> .	Bicicleta (relativo ao futebol): O último grande golo do Ronaldo foi de <u>bicicleta</u> .	
1. Aguentar o barulho : Agora, só te resta <u>aguentar o barulho</u> . 2. Assumir o pânico ; 3. Aguentar a sarna ; 4. Aguentar o pânico ; 5. Assumir o babulo ; 6. Aguentar o babulo ; 7. Aguentar o dículo	Assumir a consequência : Agora, só te resta <u>assumir as consequências</u> .	1. Ser homem : Agora, só te resta <u>ser homem</u> .
1. Ngapa : Sempre e disseram que a avó dele era <u>ngapa</u> . 2. bruxa	Feiticeira : Sempre e disseram que a avó dele era <u>feiticeira</u> .	
1. Ngunga : Há quanto	Igreja : Há quanto tempo não	1. Missa : Há quanto

tempo não vais à <u>ngunga</u> ? 2. Nguelé	vais à <u>igreja</u> ?	tempo não vais à <u>missa</u> ?
1. Meter na garrafa: Dizem que ela o <u>enfeitçou</u> . 2. Cozinhar	Enfeitiçar alguém: Dizem que ela o <u>enfeitçou</u> .	
1. Dipanda: Novembro é o mês da nossa <u>dipanda</u> .	Independência: Novembro é o mês da nossa <u>independência</u> .	
1. School: Vais à <u>eschool</u> hoje?	Escola: Vais à <u>escola</u> hoje?	1. School: Vais à <u>school</u> hoje?
1. Galar: Ainda <u>vais galar</u> muita gente pelo caminho. 2. Encarar	Ver: Ainda <u>verás</u> muita gente pelo caminho.	1.
1. Ser capim: Mulher aqui <u>é capim</u> . Obs.: O verbo da locução <u>ser capim</u> não admite flexão de número.	Haver em grande quantidade: Mulheres aqui <u>há muitas</u> .	
1. Colocar: Mas o polícia logo lhe <u>colocou</u> . 2. Apontar com o trabuco; 3. Apontar uma baba	Apontar uma arma a alguém: Mas o polícia logo lhe <u>apontou uma arma</u> .	
1. Tuga: Mas o <u>tuga</u> também tem as suas particularidades.	Português: Mas o <u>português</u> também tem as suas particularidades.	1. Tuga: Mas o <u>tuga</u> também tem as suas particularidades.
1. Revú: Os dezassete jovens que se	Revolucionário: Os dezassete jovens que se	

<p>manifestaram contra o governo são hoje considerados <u>revolús.</u></p>	<p>manifestaram contra o governo são hoje considerados <u>revolucionários.</u></p>	
<p>1. Ver fumo: A prova estava muito difícil. <u>Vi fumo.</u></p>	<p>Ter muitas dificuldades: A prova estava muito difícil. <u>Tive muitas dificuldades.</u></p>	
<p>1. Agitar: Este é o homem que <u>agitou</u> as crianças à violência.</p>	<p>Incitar: Este é o homem que <u>incitou</u> as crianças à violência.</p>	
<p>1. Cabudjorra: As <u>cabudjurras</u> são muito bonitas.</p>	<p>Mulher cabo-verdiana: As <u>mulheres cabo-verdianas</u> são muito bonitas.</p>	
<p>1. Coloca: Não menosprezes estas mulherzinhas. Conhecem todas as <u>colocas.</u></p>	<p>Posição sexual: Não menosprezes estas mulherzinhas. Conhecem todas as <u>posições sexuais.</u></p>	
<p>1. Fau: Há tempos que não vou à <u>fau.</u></p>	<p>Universidade: Há tempos que não vou à <u>universidade.</u></p>	
<p>1. Bebe-me-deixa: Quando a sede aperta, só um <u>bebe-me-deixa</u> para acabar com a sede.</p>	<p>Refrigerante de 500ml: Quando a sede aperta, só um <u>refrigerante de 500ml</u> para acabar com a sede.</p>	
<p>1. Mamadu: Fui à loja do <u>mamadú.</u></p>	<p>Senegalês: Fui à loja do <u>senegalês.</u></p>	
<p>1. Cuiar: Essa música <u>agrada</u>-me muito.</p>	<p>Agradar: Essa música <u>agrada</u>-me muito.</p>	

1. Tribal: É uma mulher <u>tribal</u> .	Impressionante: É uma mulher <u>impressionante</u> .	
1. Origon: Estas sapatilhas são <u>origon</u> .	Original: Estas sapatilhas são <u>originais</u> .	
1. Pirata: O <u>que não é original</u> é essa tua camisa 2. Que é gato	Que não é original: O <u>que não é original</u> é essa tua camisa	
1. Pura: A guerra, a <u>pura</u> guerra, passou-se no Huambo.	Verdadeira (quando usado como partícula de realce): A guerra, a <u>verdadeira</u> guerra, passou-se no Huambo.	
1. Ensaboar: Tens de usar água limpa para <u>ensabar</u> a loiça.	Enxaguar: Tens de usar água limpa para <u>enxaguar</u> a loiça.	
1. Micha: Se o polícia nos manda parar, nós damos-lhe <u>micha</u> para fechar os olhos.	Algo (quando em referência ao que se usa como bem para corromper alguém): Se o polícia nos manda parar, nós damos-lhe <u>algo</u> para fechar os olhos.	
1. Paia: Mas o Lunguinha também é <u>mau jogador</u> . 2. Bife	Mau jogador: Mas o Lunguinha também é <u>mau jogador</u> .	
1. Fazer biolo: O meu irmão gostou das minhas sapatilhas. Então, <u>fizemos o</u>	Fazer negócio: O meu irmão gostou das minhas sapatilhas. Então, <u>fizemos o negócio</u> .	

<u>biolo</u> .2. Fazer bizno		
1. Cunanga: Neste momento, estou <u>desempregado</u> .	Desempregado: Neste momento, estou <u>desempregado</u> .	
1. Buque: A vida do João anda muito limitada aos <u>buques</u> .	Estudo: A vida do João anda muito limitada aos <u>estudos</u> .	
1. Gota: O médico disse-nos ontem que ele tinha <u>gota</u> . 2. Tric-trac	Epilepsia: O médico disse-nos ontem que ele tinha <u>epilepsia</u> .	
1. Ficar malaique: <u>Fique malaique</u> .	Admirar-se: Fique <u>admirado</u> .	
1. Ter presença: Ela <u>tem presença</u> . 2. Vestir-se bué naice.	Vestir-se muito bem: Ela <u>veste-se muito bem</u> .	
1. Teipi: Recebeu de presente um <u>teipi</u> novo.	Televisor: Recebeu de presente um <u>televisor</u> novo.	
1. Lombi: Para manter o corpo saudável, como <u>lombi</u> três vezes por semana. 2. Rama	Folha de batata-doce: Para manter o corpo saudável, como <u>folha de bata-doce</u> três vezes por semana.	
1. Cupapata: Graças a um <u>cupapata</u> , não cheguei atrasado ao serviço.	Motociclista: Graças a um <u>motociclista</u> , não cheguei atrasado ao serviço.	

1. Pastês: Apetece-me comer um bom <u><i>pastel</i></u> .	Pastel: Apetece-me comer um bom <u><i>pastel</i></u> .	
1. Babulo: Vais saber então que matar, no <u><i>babulo</i></u> , nem sempre é uma opção.	Guerra: Vais saber então que matar, no <u><i>guerra</i></u> , nem sempre é uma opção.	
1. Apanhar a pata: Hoje não me <u><i>apanhas a pata</i></u> de novo. Já não admito faltas de respeito. 2. Fofar	Dominar: Hoje não me <u><i>dominas</i></u> de novo. Já não admito faltas de respeito.	
1. Maculo: Há muito que está curado do <u><i>maculo</i></u> .	Oxiúro: Há muito que está curado do <u><i>oxiúro</i></u> .	
1. Migosta: Meteu-me <u><i>migosta</i></u> na comida. Por isso, gosto tanto dela.	Coisa: Meteu-me alguma <u><i>coisa</i></u> na comida. Por isso, gosto tanto dela.	
1. Jajão: Tendo á frente um adversário, <u><i>simulou</i></u> o remate.	Simular um remate: Tendo á frente um adversário, <u><i>simulou</i></u> o remate.	
1. Falar bué: Tu <u><i>falas bué</i></u> .	Falar muito: Tu <u><i>falas muito</i></u> .	
1. Cacos fixes: Estás a usar uns <u><i>cacos fixes</i></u> .	Óculos bonitos: Estás a usar uns <u><i>óculos bonitos</i></u> .	
1. Nenezinho: Trocou o <u><i>nenezinho</i></u> por	Bebezinho: Trocou o <u><i>bebezinho</i></u> por umas	

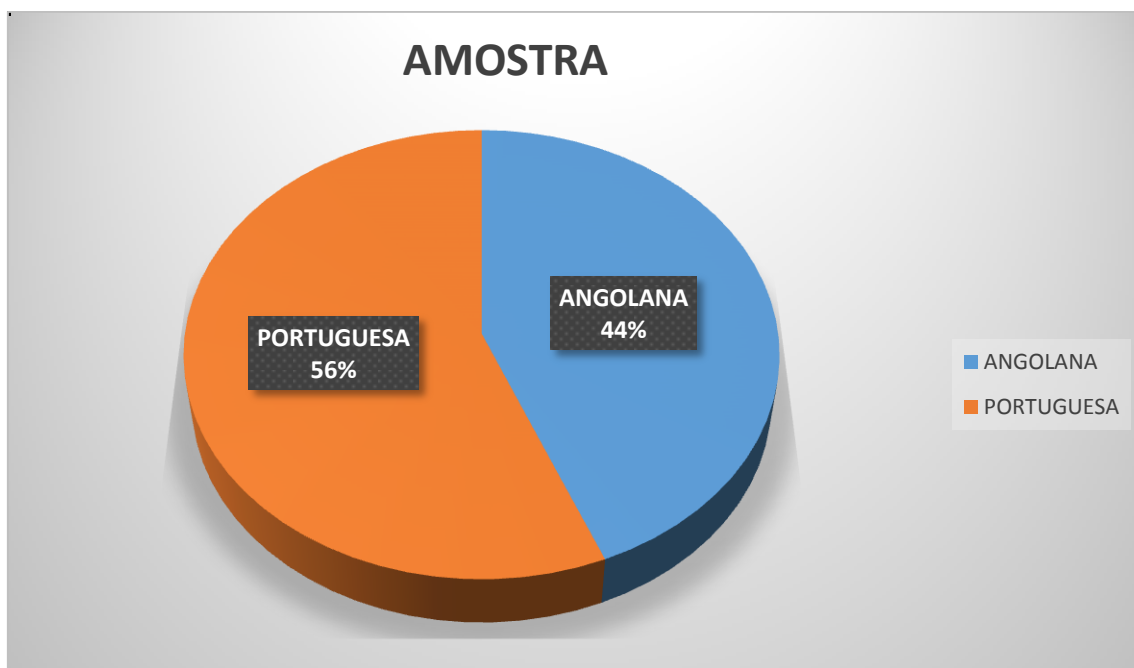
umas cervejas.	cervejas.	
1. Zombar: <u>Faltaste-me com o respeito.</u>	Faltar com o respeito a alguém: <u>Faltaste-me com o respeito.</u>	
1. Magoelar-se: O rapaz <u>pendurou-se na parte traseira do carro em andamento.</u>	Pendurar-se na parte traseira de um carro em andamento: O rapaz <u>pendurou-se na parte traseira do carro em andamento.</u>	
1. Artista: Não gosto de filmes cujo <u>artista</u> morre.	Protagonista: Não gosto de filmes cujo <u>protagonista</u> morre.	
1. Fuba de milho: A <u>farinha de milho</u> está cada vez mais cara.	Farinha de milho: Não gosto de filmes cujo <u>protagonista</u> morre.	
1. Quilombo: O filho da minha ti é <u>quilombo.</u>	Albino: O filho da minha ti é <u>albino.</u>	
1. Pacular-se: O João usa sempre o mesmo produto para <u>se pacular.</u>	Clarear a pele, usando através de cosméticos: O João usa sempre o mesmo produto para <u>clarear a pele.</u>	
1. Fobado: Estou <u>fobado.</u>	Esfomeado: Estou <u>esfomeado.</u>	
1. Bichinho: Dizem por aí que tem <u>bichinho.</u>	SIDA: Dizem por aí que a sua doença é a <u>SIDA.</u>	

<p>1. Falhar no salo: Ontem também <u><i>falhou no salo</i></u>; 2. fugar no salo</p>	<p>Faltar ao serviço: Ontem também <u><i>faltou ao serviço</i></u>.</p>	<p>1. Furar: Ontem também <u><i>furou</i></u>.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------

A análise quantitativa dos dados é especificada nas secções a seguir.

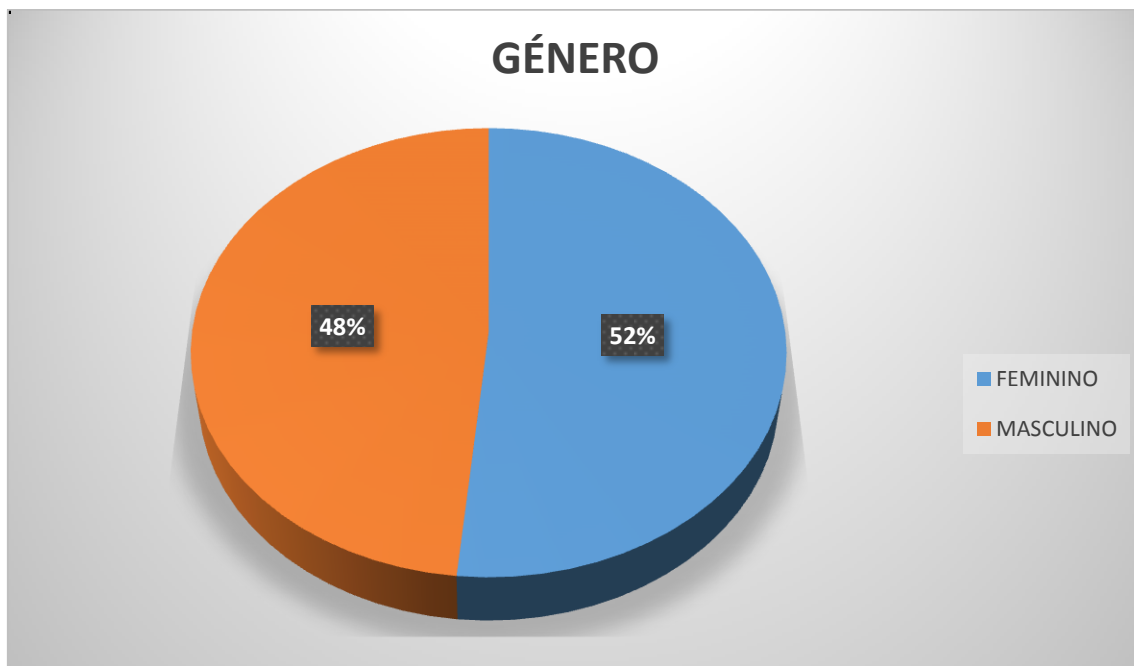
5.2. TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

5.2.1. GRÁFICO Nº 1



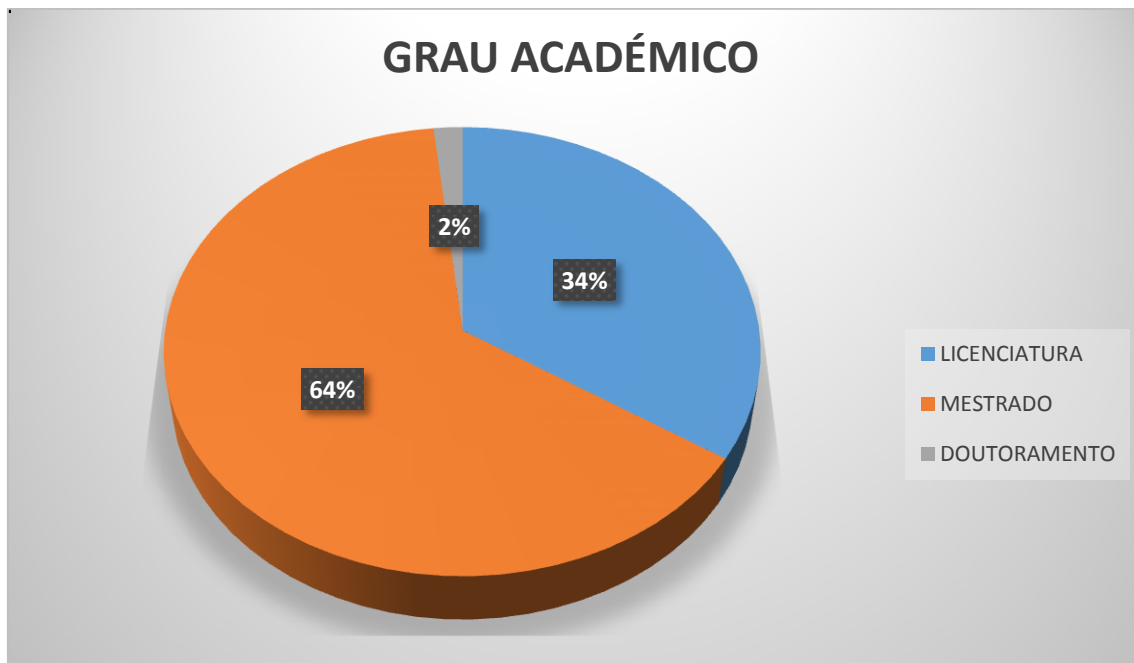
Do total de 419 inquéritos preenchidos, 56% (236) foram preenchidos por portugueses, contra os 44% (184) preenchidos por angolanos.

5.2.2. GRÁFICO N° 2



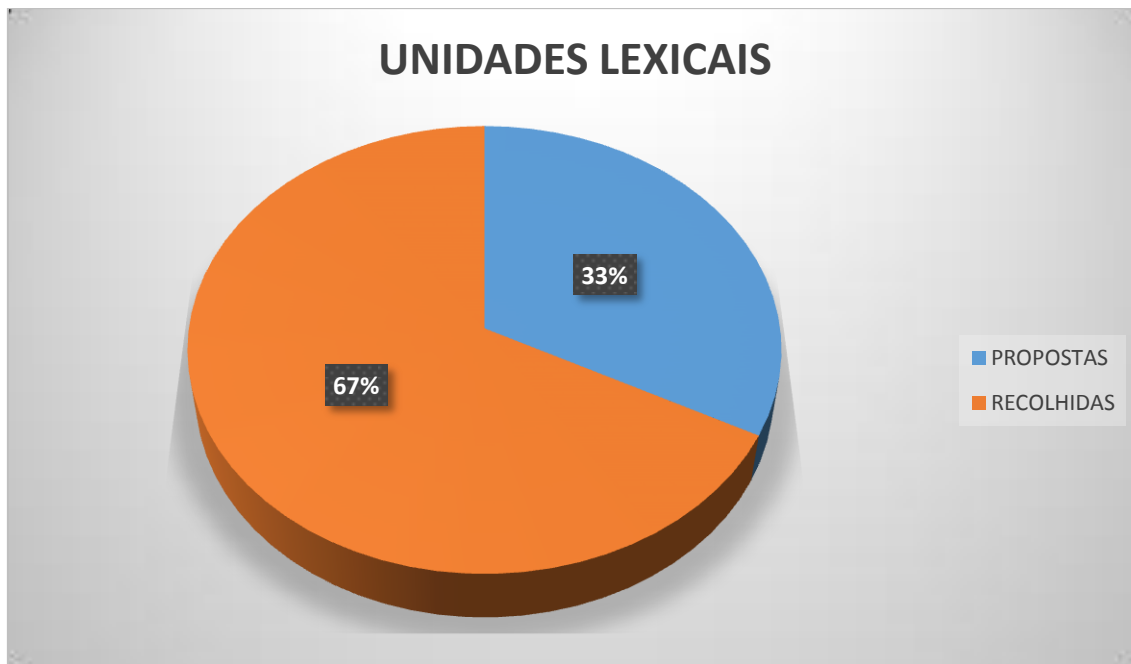
Relativamente ao gênero dos cidadãos inquiridos, o 52% eram homens (218) e o 48%, mulheres (201).

5.2.3. GRÁFICO N° 3



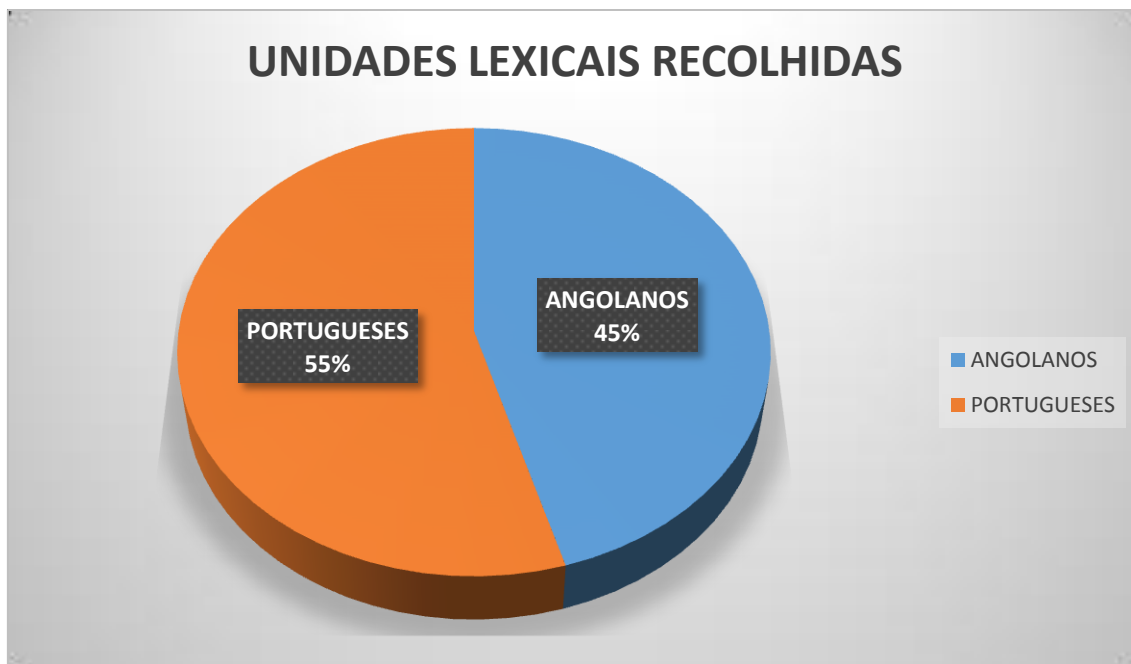
Quanto ao grau académico da amostra, e de acordo com o gráfico acima, a maior percentagem (64%) pertence aos mestrandos, a seguir estão os licenciandos (34%) e, por fim, os doutorandos (2%).

5.2.4. GRÁFICO N° 4



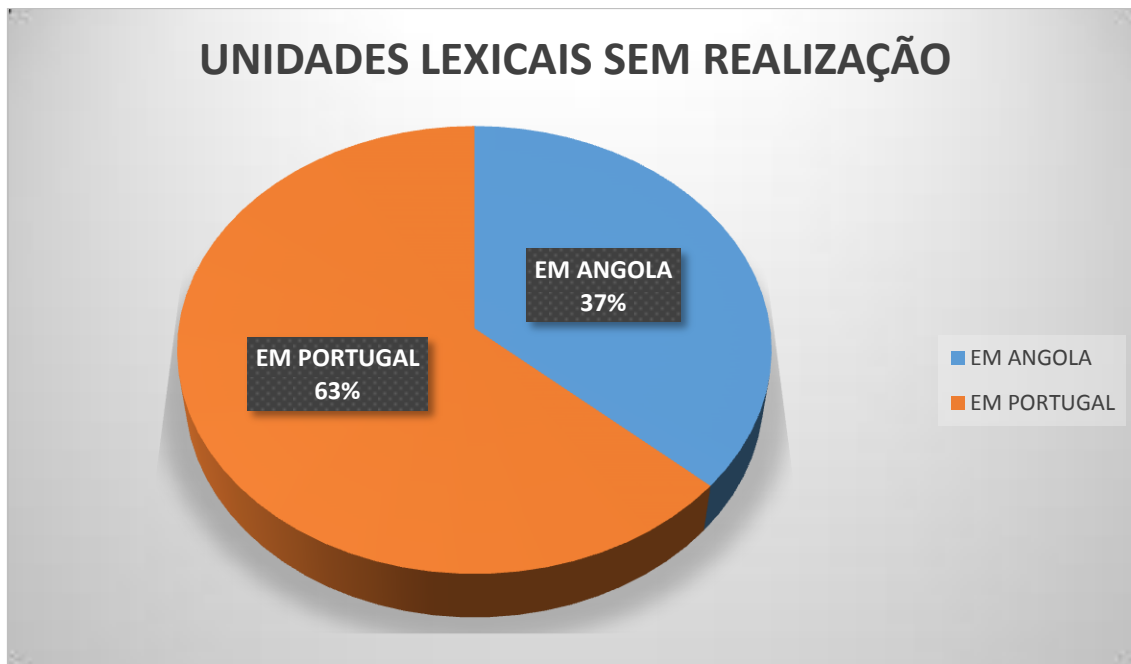
Conforme os dados do gráfico nº 4, o número total das unidades lexicais propostas é um terço e as recolhidas, dois terços.

5.2.5. GRÁFICO N° 5



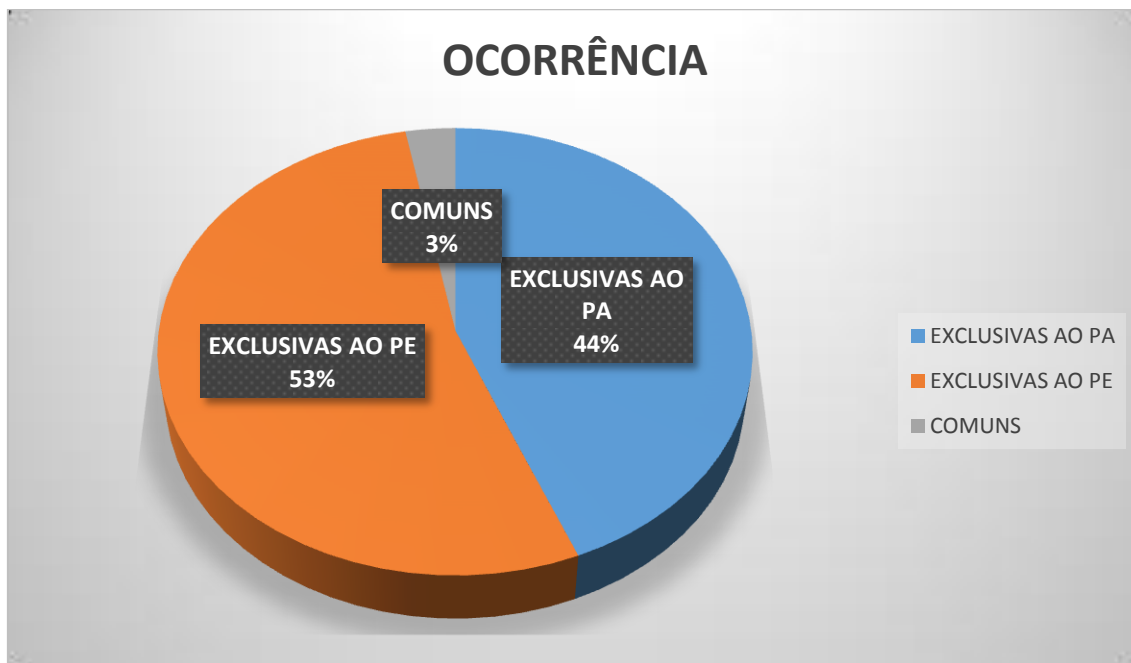
Das unidades lexicais recolhidas, 45% (300 unidades) são características ao português popular em Angola e 55% (360) ao português popular em Portugal.

5.2.6. GRÁFICO N° 6



Das 82 unidades sem realização no português popular, 63% (52 unidades) corresponde a Portugal e 37% (30) a Angola. Esses dados demonstram que, comparativamente ao português popular em Portugal, o português popular em Angola é aquele que mais se afasta da norma.

5.2.7. GRÁFICO N° 7



De acordo com o gráfico nº 7, 55% (341) das unidades lexicais recolhidas têm realização exclusiva no português popular em Portugal, e 44% em Angola, os restantes 3% (19) perfazem o vocabulário partilhado.

Veja-se uma amostra representativa dos inquéritos nos Anexos deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eventualmente, o maior produto da sociedade, a língua, cria-se nela e para ela tendo-se estabelecido, entre si, uma relação de causa e consequência tão profunda que é hoje inconcebível a ideia da vida coletiva senão por e através de uma língua, veículo de comunicação, fator de unidade e identidade coletivas, propulsora do desenvolvimento social, económico, tecnocientífico. Fonte de sabedoria, tem sido, durante o longo processo de desenvolvimento da espécie humana e a fiel depositária da memória coletiva.

Assim também o é o português, que, entendido como culturalmente puro e superior, chegou aos territórios que hoje constituem o universo lusófono, para aí se impor como língua de civilização. Começou, nesses territórios, um longo percurso de desenvolvimento que lhe permitiria, anos mais tarde, o reconhecimento como língua oficial nos nove países que hoje constituem a comunidade intercontinental da CPLP.

Não obstante a sua raiz europeia, é hoje uma língua de muitas pátrias, a língua nacional de diversos povos, cada um dos quais lhe imprime a sua forma de ser e de estar no mundo; assume, nesse sentido, funções que se refletem, direta e/ou indiretamente, na unidade dos povos que a falam.

Daí que nenhuma língua seja falada uniformemente nos distintos espaços (geográficos, socioculturais, profissionais, etc.).

As diferenças observadas permitem-nos essa inferência:

- As idiosincrasias sociais implicam, para a população submetida ao estudo, formas diversas de pensar, ser e estar no mundo; esse facto, refletindo-se na língua, afeta, particularmente, o domínio léxico-semântico: há palavras e/ou expressões que, tendo realização no português popular em Angola, não a têm em Portugal – e vice-versa –, em virtude de os seus significados e/ou os traços semânticos serem exclusivos a cada uma das duas realidades. Assim se explica o facto de, das 660 unidades recolhidas, só 3% (19) terem realização no português popular tanto em Angola quanto em Portugal; desse número, 53% das unidades têm realização exclusiva no português popular em Portugal e 44% no português em Angola. Esses dados remetem-nos para um afastamento significativo recíproco entre as duas variedades.

- Esse afastamento significativo – tanto para a norma quanto para o português popular falado em Portugal –, o grau de escolaridade dos falantes angolanos submetidos ao estudo e a progressiva nacionalização do português em Angola permitem-nos a seguinte inferência: está em formação um vocabulário que, uma vez sistematizado, poderá integrar a norma culta do português angolano (considerando a possibilidade da constituição desta norma).

- Os dados relativos aos gráficos nº 2 e nº 6 demonstram que, comparativamente ao português popular em Portugal, o português popular em Angola é aquele que mais se afasta da norma; por outro lado, são também indicadores das mudanças que se vão operando ao nível do sistema lexical do português, as quais se refletem na entrada de palavras e expressões até agora consideradas, maioritariamente, marginais.

- Apesar de termos decidido, inicialmente, como objetivo deste estudo, demonstrar, no que ao léxico e à semântica diz respeito, a divergência na realização do português popular em Angola e em Portugal, a análise do dados permitiu-nos identificar – entre as 660 (100%) unidades recolhidas – um vocabulário partilhado constituído por 19 (%) unidades lexicais (cf. Gráfico nº 7). É, portanto, maior o que os separa, do que aquilo que os une.

- Apesar do seu caráter estritamente linguístico, pensamos ser este um trabalho do qual se pode também fazer um aproveitamento didático-metodológico, em virtude de os dados aqui constantes se poderem constituir, dependendo do tratamento que se lhes der em sala de aulas (mas não só), num importante instrumento para o ensino e aprendizagem das variedades diatópicas e diastráticas, para a promoção do respeito à diversidade, reduzindo-se, dessa forma, a discriminação e a exclusão sociais como consequência do preconceito linguístico.

RECOMENDAÇÕES

As etapas, da conceção à redacção, por que passou o desenvolvimento do presente estudo, permitiram-nos a identificação e/ou a consolidação de algumas questões, algumas das quais poderiam dar origem a futuros trabalhos (monografias, dissertações ou testes); assim, pois, permitimo-nos apresentar, como possíveis recomendações, o seguinte:

- Cientes de que o nosso estudo não esgota (tal não seria possível) a temática que nos propusemos desenvolver, apresentamos, como sugestão, a realização de outros que visam identificar, descrever e sistematizar a diversidade léxico-semântica que caracteriza o português popular falado por angolanos e portugueses.

- O desenvolvimento de estudos que, centrados na perspectiva léxico-semântica do idioma, visem identificar a influência recíproca do português popular falado em Angola sobre o português popular falado em Portugal e vice-versa.

- O desenvolvimento de estudos dialetológicos relativos ao português popular em Angola, na perspectiva léxico-semântica.

- O desenvolvimento de estudos que, centrados na perspectiva diacrónica, visem dar conta dos fatores, fases e períodos do processo de autonomização do português popular em Angola.

BIBLIOGRAFIA

Adriano, P. S. (2014). *Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola*.

Disponível em:

https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11802/1/Doutoramento_Paulino%20Adriano.pdf

Andrade, Drumond de (2002). *Aula de Português*. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/antologia/aula-de-portugues/624>

Azeredo, J. C. de (2008). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha.

Bagno, Marcos (2006). *A língua de Eulália: Novela Sociolingüística*. São Paulo: Contexto.

Disponível em: <https://professornogueira.files.wordpress.com/2013/02/marcos-bagno-a-lc3adngua-de-eulc3a1lia-pdfrev.pdf>

Bagno, Marcos (2007). *Preconceito Linguístico. O Que é, Como se Faz* (48ª ed.). São Paulo: Edições Loyola. Disponível em:

http://www.professorjailton.com.br/home/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf

Bechara, E. (2006). *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

Boas, C. M. S. Vilas & Elizete Dall'Comune Hunhoff (s/d). *Um Estudo Sobre A Origem Da Língua Portuguesa: Do Latim À Contemporaneidade, Contexto Poético E Social*.

Disponível em:

https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:rzvkw_oi598J:https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/download/2486/2053+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt

Branco, Rosa Alice (Org.) (2001). *Declaração Universal do Direitos Linguísticos*. Porto: Campo das Letras.

Brito, João Carlos (2017). *Dicionário de Calão do Porto* (8ª). Lugar da Palavra Editora.

Câmara, Jr. (2007). *Dicionário de Linguística* (26ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Carrasco, A. (1988). *Subsídios para o Estabelecimento da Norma do Português em Angola*. Documento não publicado, Instituto Superior de Ciências da Educação - DDI, Lubango.

Carvalho, Paulo de (s/d). *Evolução e Crescimento do Ensino Superior em Angola*.

Disponível em:

https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/6014/1/Carvalho_COOPEDU.pdf

Castilho, Ataliba T. de (s/d). *A Hora e a Vez do Português Brasileiro*.

Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>

Castilho, Ataliba T. de (s/d). *Como, Onde e Quando Nasceu a Língua Portuguesa?*

Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/207975112/Ataliba-de-Castilho-Como-onde-e-quando-nasceu-a-lingua-portuguesa>

Servera, Julia Pérez (Coord) (2006). *Manual Para O Uso Não Sexista Da Linguagem*.

Disponível em:

<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>

Chicumba, Mateus (s/d). *A Educação Bilingue em Angola e o Lugar das Línguas Nacionais*.

Disponível em: http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/images/files/inprogress2_texto16.pdf

Correia, M. & Lúcia, S. P. L. (2005). *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.

Coutinho, Clara Pereira (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª Ed.). Almedina.

Cruz, Viriato da (1961). *Poemas* (2ª ed). Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA). Disponível em:

http://www.uccla.pt/sites/default/files/poemas_viriato_da_cruz.pdf

Cunha, C. & Lindley, C. (2005). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (18ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.

DN/Lusa (2017). *Um em cada três vistos emitidos por Portugal em 2017 Foi para Angolanos*.

Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/um-em-cada-tres-vistos-emitidos-por-portugal-em-2017-foi-para-angolanos-9064927.html>

Duarte, Isabel Margarida (s/d). *Ensino Da Língua Portuguesa em Portugal: O Texto, No Cruzamento Dos Estudos Linguísticos e Literários*. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5789.pdf>

Eco, Umberto (1996). *A Procura da Língua Perfeita*. Lisboa: Editorial Presença.

Estrela, E., Soares, M. A., Leitão, M. J. (2009). *Saber Escrever, Saber Falar*. 8ª ed. Portugal: Publicações Dom Quixote.

Faria, Karina Rodrigues de & Maria do Socorro Pessoa (2012). *Sociolinguística e Dialectologia: uma educação linguística para valorizar o outro*.

Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/234184525/19-Sociolinguistica-e-Dialectologia-Uma-Educ-Ling-p-Valorizar-o-Outro-Faria-e-Pessoa>

Fávero (2010). *O Discurso do Poder em Gramáticas da Língua Portuguesa dos Séculos XVI a XIX*. In Assunção, Carlos, Gonçalo Fernandes & Marlene Loureiro (eds.). *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. xiv a séc. XIX)* (215-222). Germany: Nodus Publikationen Münster.

Fernandes, Gonçalo (s/d). *As Gramáticas do Português de Fernão de Oliveira (1536) e de Bento Pereira (1672)*. Disponível em: <http://docplayer.com.br/45129565-Goncalo-fernandes-cel-utad-1-a-grammatica-da-linguagem-portuguesa-lisboa-1536-de-fernao-de-oliveira.html>

Ferreira, J. C. Ney & Vasco S. da Veiga (1957). *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique* (2ª ed.) Disponível em:

<https://governodosoutros.files.wordpress.com/2011/03/ferreira-josc3a9-carlos-ney-estatuto-dos-indc3adgenas-portugueses-da-provc3adncias-da-guinc3a9-angola-e-moc3a7ambique-annotado-e-le1.pdf>

Ferreira, Vicente (1932). *A Política Colonial Portuguesa em Angola*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/36493>

Fiorin, José Luiz (s/d). *A linguagem humana: do mito à ciência*.

Disponível em:

https://editoracontexto.com.br/index.../linguistica_que_e_isso_primeiro_capitulo.pdf

Gerhardt, Tatiana E. & Denise T. Silveira (2009). *Métodos de Pesquisa*.

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

Gomes, A. & Cavacas, F. (2004). *A Vida das Palavras - Léxico*. Lisboa: Clássica Editora.

Guedes, Paulo Coimbra (s/d). *A Língua Portuguesa e a Cidadania*.

Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29352/18042>

Guimarães, Rui Dias (2010). “José Leite de Vasconcelos e o Percurso da Dialectologia Portuguesa”. In Assunção, Carlos, Gonçalo Fernandes & Marlene Loureiro (eds.). *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. xiv a séc. XIX)* (215-222). Germany: Nodus Publikationen Münster.

Hagège, Claude (1985). *O Homem Dialogal*. Lisboa: Edições 70.

Hanna, V. L. Harabagi; Regina H. P. de Brito & Neusa B. Bastos (2015). *Políticas de Língua e Lusofonia: Aspectos Culturais e Ideológicos*. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/267373647_Políticas_de_língua_e_lusofonia_aspetos_culturais_e_ideologicos

Isquierdo, Aparecida Negri & Lídia Almeida Barros (orgs.) (2010). *O léxico em Foco: Múltiplos Olhares* São Paulo: Cultura Acadêmica Disponível em: <http://docplayer.com.br/5806748-O-lexico-multiplos-olhares-lidia-almeida-barros-aparecida-negri-isquierdo.html>

Lapa, M. Rodrigues (1968). *Estilística da Língua Portuguesa*. (5ª ed.) Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

Leite, Marli Quadros (2011). *A Construção da Norma Linguística Na Gramática do Século XVIII*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v55n2/14.pdf>

Lima, R. (2010). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (48ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Lobato, Monteiro (). *Emília no País da Gramática*. São Paulo: Círculo do Livro. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Emilia_No_Pais_Da_Gramatica.pdf

Lobato, Monteiro (1924). *O Colocador de Pronomes*.

Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/o-colocador-de-pronomes-conto-de-monteiro-lobato/>

Loureiro, Ana Bela Pereira (2015). *Neologismos do Português de Angola: Proposta de Constituição de Base de Dados com Vista à Construção de Um Observatório Linguístico*.

Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/15846>

Luiz, Arnaut (s/d). *Ata da Conferencia de Berlim*.

Disponível em: https://mamapress.files.wordpress.com/2013/12/conf_berlim.pdf

Mancilha, Jairo (s/d). *Programação Neurolinguística Aplicada Ao Ensino e à Aprendizagem*.

Disponível em:

<https://www.passeidireto.com/arquivo/23410389/jairo-mancilha-programacao-neurolinguistica-aplicada-ao-ensino-e-a-aprendizagem>

Marcelesi, Jean-Baptiste & Bernard Gardin (1975). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Editorial Aster.

Mariguela, A. D. Bonini (s/d). *A Grammatica Da Lingoagem Portuguesa De 1536: Fernão De Oliveira, As Normas Da Língua Portuguesa E A Cultura Quinhentista*.

Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/02_1.pdf

Marroni, Maria Luísa de Castro (2008). *Os Outros e a Construção da Escola Colonial Portuguesa No Boletim Geral das Colónias 1925-1951*. Porto: UPORTO.

Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/17873/2/tesemestluisamarroni000078481.pdf>

Martinet, André (1985). *Elementos de Linguística* (10 ed.). Lisboa: Geral Livraria Sá da Costa Editora.

Martinet, André (1995). *Função e dinâmica das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina.

Martins, Cristina; Isabel Pereira & Isabel A. Santos (s/d). *Territórios Da Língua Portuguesa*.

Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/43740/1/Martins%2C%20Pereira%20%26%20Santos%2C%202015.pdf>

Mata, Inocência (1993). *Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela*. Edições Colibri.

Mateus, M. H. Mira & Esperança Cardeira (2007). *Norma e Variação*. Lisboa: Editorial Caminho.

Mateus, M. H. Mira & Fernanda B. Nascimento (orgs.) (2005). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho.

Mendonça, José Luís (2017). *Língua e Segurança Nacional*.

Disponível em: <https://blog.lusofonias.net/?p=53540>

Mingas, A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português de Luanda*. Luanda: Caxinde, Editora e Livraria.

Mounin, Goerges (1970) *História da Linguística - Das Origens ao Século XX*. Porto: Edições Despertar.

Naege, João Muteteca (2015). *Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua Segunda Especificidades do Aluno Angolano*.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/14871>

Noré, Alfredo & Áurea Adão (2003). “O Ensino Colonial Destinado aos «Indígenas» de Angola. Antecedentes do Ensino Rudimentar Instituído pelo Estado Novo”. Disponível em: http://www2.fcsh.unl.pt/ceh/pdf/ferramentas/instrumentos_listagens_artigos_periodicos/Letra%20R/revlusofeduc.pdf

Nzau, D. G. Ndele, José Carlos Venâncio & Maria da Graça d’Almeida Sardinha (2013). *Em torno da consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão*.

Disponível em: <http://www.revistalimite.es/volumen%207/09nzau.pdf>

Oliveira, Gilvan Müller (2016). “O Sistema de Normas e a Evolução Demolinguística da Língua Portuguesa”. In Ortiz, Maria Luisa Álvarez & Luis Gonçalves (Orgs.) *O Mundo do Português e o Português no Mundo Afora: Especificidades, Implicações e Ações*. (25-43) Campinas: Pontes. Disponível em:

<https://blog.lusofonias.net/wp-content/uploads/2016/11/Final-Biblio-O-sistema-de-normas-e-a-evolu%C3%A7%C3%A3o-demolingu%C3%ADstica-da-l%C3%ADngua-portuguesa.pdf>

Paul, Hermann (1966). *Princípios Fundamentais da História da Língua* (2ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pinto, Alexandre De Serpa (s/d). *Diário de África - Como Atravessei A África Do Atlântico Ao Índico* Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/2395077/Como-eu-atravessei-Africa-do-Atlantico-ao-mar-Indico-volume-primeiro-by-Pinto-Alexandre-Alberto-da-Rocha-de-Serpa-1846-1900>

Pocinho, Margarida (2012). *Metodologia de Investigação e Comunicação e Comunicação do Conhecimento Científico*. Lisboa: Lidel.

Quivy, Raymond & Luc Van Campenhoudt (2007). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (7ª ed.) Lisboa: Gradiva.

Raposo, E. B. P., Maria, F. N., Mota, M. A. C., Segura, L. & Mendes A. (2013). *Gramática do Português. Fundação Calouste Gulbenkian*. I Volume.

Reis, Carolina (2017). *A Traíçoira Língua Portuguesa: Errar é Humano e Fácil*. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-10-21-A-traicoeira-lingua-portuguesa-errar-e-humano-e-facil#gs.kjr2JiA>

Ribeiro, M. B. R. S. Pereira (2009). *A Definição de Uma Literatura - Literatura Angolana*. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10918/1/Tese.pdf>

Rio-Torto (1998). *Morfologia Derivacional - Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora.

Salomão, Ana Cristina Biondo (2011). *Variação e Mudança Linguística: Panorama e Perspectivas Da Sociolinguística Variacionista No Brasil*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1984-8412.2011v8n2p187/21673>

Saussure, F. (2012). *Curso de Linguística Geral* (34ª ed.). São Paulo: Cultrix.

Silva, J. Ferreira & Paulo Osório (2008). *Introdução à História da Linguística- Dos Factores Externos à Dinâmica do Sistema Linguístico*. Edições Cosmos.

Silvestre, João Paulo (2008). *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Souza, Hulda Cyrelli De (2007). O “Nhenhém Gramatical” Como Entrave Ao Letramento Nas Séries Iniciais Do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://docplayer.com.br/44004355-O-nhenhem-gramatical-como-entrave-ao-letramento-nas-series-iniciais-do-ensino-fundamental.html>

Tanga, Lino (2012). *O Ensino Indígena em Angola e o Papel dos Missionários*. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/5192/1/lino2.pdf>

Tomás, A. J. & Mateus, M. F. J. (2014). *Contributo para o Estudo Léxico-Semântico do Português*. Documento não publicado, Instituto Superior de Ciências da Educação - DDI, Lubango.

Undolo, M E. da Silva (2014). *Caracterização da Norma do Português em Angola*. Disponível em:

<http://www.rdp.uevora.pt/bitstream/10174/20820/1/Doutoramento%20-%20Marcio%20Undolo.pdf>

Valentim, Helena Topa (1997). *Existência e Inexistência, Uma Representação Linguística*.

Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/8179/1/RFCSH10_25_33.pdf

Vasconcelos, J. L. (1987). *Mapa Dialectológico do Continente Português*. Lisboa: Chorografia de Portugal.

Vieira, A. Bracinha (2006). *Linguagem E Selecção Natural*.

Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/7762/1/RFCSH13_277_295.pdf

Vilela, Mário (2001). *Reflexões sobre A Política Linguística nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa)*. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/277188636_Reflexoes_sobre_a_politica_linguistica_nos_PALOP_paises_de_lingua_oficial_portuguesa

Viterbo, Frei Joaquim de Santa Rosa de (1984). *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram*. On-line.

Wess, Carla (2015). *As Políticas de Língua e o Planeamento Linguístico em Três Antigas Colônias Portuguesas (Angola, Moçambique e Brasil) e em Portugal: Passado e Presente*. Disponível em:

https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4451/1/TMPLNM_CarlaWess.pdf

Zau, Domingos Gabriel Dele (2011). *A Língua Portuguesa em Angola Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*. Disponível em:

<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1844/5/Domingos%20Gabriel%20Dele%20Zau%20A%20L%C3%ADngua%20Portuguesa%20em%20Angola.pdf>

ANEXOS

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade portuguesa Sexo M Idade 22 Grau Académico Licenciado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Hoje, o que eu quero mesmo é embebedar-me! Amanhã é sábado!

R.: enfocasear - me

b) Não aguenta com essa ressaca!

R.: retaca

c) O rapaz pendurou-se na parte traseira no carro em andamento! Quis boleia gratuita.

R.: agarrar-se

d) Não gosto de filmes em que o protagonista morre!

R.: não sei

e) Lutou com irmão.

R.: espameou

f) Já nem se lembra da surra!

R.: pana

g) O Barcelona perdeu contra a Roma, por uma diferença de golos muito grande.

R.: loser!

h) Havia na festa muita cerveja. O meu trabalho era só beber! Falando nisso, dizem que bebes muito!

R.: fimo, buba, beberdo

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Tuga Sexo M Idade 22 Grau Académico 1ºº

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Passou a tarde toda com os amigos, a fumar canábis.

R.: ganza

b) Ela veste-se muito bem!

R.: Ela é boa toma

c) Disse-me que a mãe fazia venda ambulante.

R.: Feirante

d) Criou os filhos, sendo apenas vendedora ambulante.

R.: Feirante

e) Para manter o corpo saudável, como folha de bata-doce três vezes por semana.

R.: Folha do Bata doce

f) Estou bem.

R.: T'nei jeito e que é caminho

g) O treinador deles estudou em Oxford!

R.: andou

h) A vida do João anda muito limitada aos estudos. Tudo o que faz agora é estudar.

R.: livros, fazer

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Tuga Sexo M Idade 22 Grau Académico 2º

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Também estou a trabalhar como colaborador numa escola privada.

R.: colaborar

b) Para pagar as contas todas, tenho de ser um colaborador incansável.

R.: aplicado

c) Não posso. O dinheiro que ganho com as colaborações dão-me muito jeito no fim do mês.

R.: Biscates

d) A polícia prendeu os meliantes na noite passada!

R.: Bofia

e) O João é um traidor! Por isso, foi expulso do grupo.

R.: estupor

f) O doente foi transferido com urgência.

R.: levado

g) O médico disse-nos ontem que ele tinha epilepsia.

R.: epilepsia

h) Fique admirado.

R.: Ser prendido

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Português Sexo M Idade 49 Grau Académico 1º ano Licenciatura

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

2. O condutor abandonou a viatura e anda foragido da polícia.

R.: motorista

3. Os passageiros têm todo o direito de reclamar, se não gostarem do estado do automóvel.

R.: _____

4. Comprou uma moto que, além de bonita, é também muito cara.

R.: mota

5. Não podia trabalhar com tanta preguiça. Fiquei em casa a descansar.

R.: desenbair

6. Está aí o polícia que te prendeu.

R.: béfa

7. Ninguém aqui é mais vaidoso do que ele.

R.: convencido

8. Está-te a tratar com desdém.

R.: trata-te mal

9. Não estou a trabalhar.

R.: bulir

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo M Idade 22 Grau Académico licenciado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Dividi o pão em dois e dei-lhe uma metade.

R.: Um bocado.

b) Lembra-te que és meu amigo.

R.: Chavalão.

c) Esqueceste-te de apertar os atacadores.

R.: atilha.

d) Sábia como é, conseguiu extorquir-lhe o dinheiro todo.

R.: genuer.

e) Sabes com quem veio aquela jovem de vestido vermelho?

R.: miúda.

f) Prometeu, mas não me ligou até agora. É um mentiroso.

R.: _____

g) Devolveu-te o telemóvel?

R.: _____

h) Não consigo andar de autocarro público!

R.: Carriante.

i) O Inverno chegou.

R.: _____

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portugal Sexo M Idade 22 Grau Académico Licenciado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Agora, só te resta assumir as consequências.

R.: caner e calar.

b) Envolveu-se com aquele irresponsável; está grávida!

R.: "ta" preta.

c) Há, mas são muito poucos os homens que nunca se masturbaram.

R.: Nunca] bateram cima.

d) Guardo má memória daquela corrida.

R.: _____

e) Coitado! Desta vez, foi o primo quem o burlou.

R.: gamboca.

f) Sempre me disseram que a avó dele era feiticeira.

R.: bruxa.

g) Estarei no bairro, à espera de ti.

R.: _____

h) Tentando acrescentar outra pessoa, o senhor pediu-me para me encostar mais a outro passageiro.

R.: afegor-me.

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo Masc. Idade 18 Grau Académico Secundário

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Receberam-lhe todas as coisas!

R.: Receberam-lhe todas as coisas!

b) Morreu ontem, no final da tarde!

R.: Bateu ontem, no final da tarde!

c) Conheces o João? Aquele que andava sempre com as pernas esbranquiçadas!

R.: Conheces o João? Aquele que andava sempre com as pernas pálidas!

d) Estás todo esbranquiçado!

R.: Estás todo p. branco / pálido.

e) As armas eram muitas.

R.: As armas eram buês.

f) Estás a falar daquele carrinho? Não gosto. É pequeno e feio.

R.: Estás a falar daquele

g) Foi à escola com um carro diferente.

R.: Foi à escola com uma máquina diferente.

h) O está telemóvel avariado!

R.: O tele está avariado!

i) Encontrei um chinês na tua casa.

R.: Encontrei um chinoca na tua casa.

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo M. Idade 18 Grau Académico Secundário

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Foi uma festa muito boa !

R.: Foi uma festa do caracas!

b) Já viste o João? Está gordinho !

R.: Já viste o João? Está badocha!

c) Dizem que a folha de tomate cura a tinha .

R.: Dizem que a folha cura a benta.

d) O soco na boca foi tão forte que o coitado ficou desdentado !

R.: O soco na boca ... ficou todo partido!

e) O filho da minha tia é albino .

R.: O filho da minha tia é muito branco.

f) O João usa sempre o mesmo produto para clarear a pele !

R.: O João usa sempre o mesmo creme para

g) Tem problemas de sangramento na gengiva .

R.: Tem problemas nas gengivas

h) Faltaste outra vez ao compromisso !

R.: Faltou outra vez à palavra

i) Encontrei-o a ver filme pornográfico .

R.: a ver porno

j) Está difícil encontrar emprego .

R.: encontram lá trabalho

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo M Idade 20 Grau Académico 1º ano Licença

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

2. O condutor abandonou a viatura e anda foragido da polícia.

R.: O motorista

3. Os passageiros têm todo o direito de reclamar, se não gostarem do estado do automóvel.

R.: A malta tem...

4. Comprou uma moto que, além de bonita, é também muito cara.

R.: scouter

5. Não podia trabalhar com tanta preguiça. Fiquei em casa a descansar.

R.: xomar

6. Está aí o polícia que te prendeu.

R.: bófia

7. Ninguém aqui é mais vaidoso do que ele.

R.: convencido

8. Está-te a tratar com desdém.

R.: maniacar

9. Não estou a trabalhar.

R.: bolin

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo M Idade 20 Grau Académico _____

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Estas calças também são novas.

R.: recostas

b) Como já não havia espaço, a quinta pessoa foi mesmo no porta-malas.

R.: na bagageira

c) Mulher aqui há muitas!

R.: há bue'

d) Não era ele quem estava a conduzir o carro que viste?

R.: a dirigir

e) Há, cada vez menos, triciclos motorizados pelas ruas da cidade.

R.: trotinetes motorizadas

f) Graças a um motociclista, não cheguei atrasado ao trabalho.

R.: condutor

g) A ultrapassagem foi tão perigosa que deixei de sentir o meu corpo por uns segundinhos.

R.: O picamno foi tão perigoso

h) O espaço era tão pequeno, mas, ainda assim, fez uma manobra rápida e perigosa.

R.: finta

a) O prazer está no beijo.

R.: A curtigão

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo F Idade 26 Grau Académico licenciada

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português corrente.

a) Disse-me que era congolês.

R.: Disse-me que era langa.

b) O indivíduo prometeu, mas não cumpriu!

R.: o madié prometeu, mas não cumpriu

c) Todos os temos os nossos problemas.

R.: Todos temos as mesmas máfias (malamba)

d) Compra também inseticida. Há muitas moscas aqui.

R.: compra também chertóxi (Bhertóxi)

e) Pediu a Joana em namoro, mas foi rejeitado.

R.: Pediu a Joana em namoro, mas lhe deram não.

f) Era difícil - quase impossível - ver biquíni. Nesse tempo, as roupas não eram tão ousadas.

R.: Era difícil-quase impossível- ver roupa interior. Nesse tempo, as roupas não eram tão ousadas.

g) Foste tu o culpado. Aguenta as consequências!

R.: Foste tu o culpado. Aguenta os di-kulos.

h) Há quanto tempo não vais à igreja!

R.: Há quanto tempo não vais à Ngelú!

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo F Idade 26 Grau Académico Licenciada

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português corrente.

- a) O erro foi meter, logo de início, os que não sabem jogar.

R.: O erro foi meter, logo de início, os que não sabem falar.

- b) Nelson jogou muito mal. Mas o Lunguinha também é mau jogador.

R.: Nelson joga muito. Mas o Lunguinha também joga.

- c) O meu irmão gostou das minhas sapatilhas. Então, fizemos um negócio.

R.: O meu irmão gostou das minhas sapatinhas. Então fizemos um negócio.

- d) Compro para revender. ^{bate-mos}

R.: Compro para revender.

- e) Tenho ainda muitas dívidas por pagar!

R.: Tenho ainda muitas dívidas por pagar.

- f) Sim, sou devedor. Mas as necessidades obrigam-me a isso.

R.: Sim, sou devedor. Mas as necessidades obrigam-me a isso.

- g) Neste momento, sou desempregado.

R.: Neste momento, sou desempregado.

- h) Está difícil encontra emprego.

R.: Está difícil encontrar trabalho.

- i) A Mariana está muito bonita. (se a palavra for bonita, considere).

R.: A Mariana está muito bonita.

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade ANGOLANA Sexo fem Idade 25 Grau Académico Licenciatura

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português corrente.

a) O casamento será na próxima semana.

R.: O casamento é daqui a uma semana

b) Adiou a festa de aniversário.

R.: A festa foi adiada

c) Gozou dos defeitos dele. Isso não se faz a ninguém.

R.: Gozou com os defeitos dele, não é coisa que se faça

d) Puseste picante na comida?

R.: ~~colocaste~~ puseste pinguinho na comida?

e) Estas sapatilhas são originais? O que não é original é essa tua camisa!

R.: Estas sapatilhas não de marca? . . .

f) A Mariana está grávida. Estou em péssima situação!

R.: Estou namorada

g) A guerra, a verdadeira guerra, passou-se no Huambo.

R.: _____

h) A namorada dele é aquela mulata que acabou de chegar.

R.: _____

i) Recebeu de presente um televisor novo.

R.: uma televisão

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo F Idade 21 Grau Académico Licenciado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Novembro é o mês da nossa independência.

R.: Novembro é o mês da nossa independência

b) O angolano é um povo incrível. Mas o português também tem as suas particularidades!

R.: O Minangalé é um povo incrível. Mas o português também tem as suas particularidades!

c) Uma das coisas que mais me encanta no povo brasileiro é a sua forma simples de ser.

R.: Uma das coisas que mais me encanta no brasileiro é a sua forma simples de ser.

d) Os dezassete jovens que se manifestaram contra a corrupção são hoje considerados revolucionários.

R.: Os dezassete jovens que se manifestaram contra a corrupção são hoje considerados delinquentes.

e) Ontem saímos muito tarde da discoteca!

R.: Ontem saímos muito tarde da disco!

f) A festa estava uma maravilha!

R.: A festa estava uma maravilha!

g) Anda triste porque a namorada já não o quer. Mas, em parte, a culpa é do próprio namorado!

R.: Anda triste porque a mbaa já não o quer. Mas, em parte, a culpa é do próprio baby

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo F Idade 21 Grau Académico Licenciada

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Hoje, o que eu quero mesmo é embebedar-me! Amanhã é sábado!

R.: Hoje, o que eu quero mesmo é encher a lata! Amanhã é sábado!

b) Não aguenta com essa ressaca!

R.: Não aguenta com essa

c) O rapaz pendurou-se na parte traseira no carro em andamento! Quis boleia gratuita.

R.: O rapaz mbeicou na parte traseira no carro em andamento! Quis boleia

d) Não gosto de filmes em que o protagonista morre!

R.: Não gosto de filmes em que o artista morre!

e) Lutou com irmão.

R.: Brigou com irmão.

f) Já nem se lembra da surra!

R.: Já nem se lembra da mbaia!

g) O Barcelona perdeu contra a Roma, por uma diferença de golos muito grande.

R.: O Barcelona levou derrota contra a Roma, por uma diferença de golos muito grande.

h) Havia na festa muita cerveja. O meu trabalho era só beber! Falando nisso, dizem que bebes muito!

R.: Havia na festa muita birra. O meu trabalho era o entornar! Falando nisso, dizem que entornas bive

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo F Idade 20 Grau Académico licenciada

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) A fila era enorme.

R.: A bicha era enorme

b) Dá-me um pouco do teu pão, João.

R.: De-me um bocó do teu pão João

c) Tirei um pouquinho e dei-lhe.

R.: Tirei um bocinho e dei-lhe

d) Vais saber então que matar, na guerra, nem sempre é uma opção...!

R.: Vais saber então que bandar, na tabule nem sempre é uma opção

e) O médico disse-lhe que era estéril. Não podia, portanto, gerar filhos.

R.: O médico disse-lhe que era mbaca. Não podia, portanto, gerar filhos

f) Hoje não vou trabalhar.

R.: Hoje não vou bumbiar.

g) Ontem também faltou ao serviço.

h) R.: Ontem também fuguei ao sílo

i) Hoje, não me dominas de novo. Já não admito faltas de respeito.

R.: Hoje não me fadas de novo. Já não admito faltas de respeito.

j) Se brincares com ele, vai-te matar.

R.: Se brincares com ele vai-te bandar

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portugal Sexo F Idade 20 Grau Académico Licenciado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Acertaram-lhe com uma pedra na testa. Mas o médico recomendou-lhe uma pomada para o inchaço.

R.: Apertaram-lhe com uma pedra na testa. Mas o médico recomendou-lhe uma pomada para o

b) O pai não gostou e bateu-lhe ali mesmo.

R.: o pai não gostou e deu-lhe porrada ali mesmo

c) Mariana é uma mulher que gosta de se fazer notar.

R.: Mariana é uma mulher que gosta de aparecer

d) Mas o polícia logo lhe apontou uma arma!

R.: Mas o polícia logo lhe

e) Tens de usar água limpa para enxaguar a louça.

R.: Tens de usar água limpa para lavar a louça

f) Para combater o calor intenso dessa cidade, só uma cerveja muito fresca.

R.: Para combater o calor intenso dessa cidade só uma cerveja gelada

g) O João não honrou com o seu compromisso. Ele é assim, má pessoa.

R.: O João não cumpriu os compromissos. Ele é irresponsável

h) Subornou o guarda e passou. Deu-lhe um dinheiro e tudo ficou resolvido.

R.: Subornou o guarda e passou. Deu-lhe um grão e tudo ficou resolvido

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo F Idade 20 Grau Académico Licenciatura

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Foi uma **festa muito boa** !

R.: Foi uma festa de anombau

b) Já viste o João? Está **gordinho** !

R.: Já viste o João? Está ^{super} badocha

c) Dizem que a folha de tomate cura a **tinha** .

R.: Dizem que a folha de tomate cura a tinha

d) O soco na boca foi tão forte que o coitado ficou **desdentado** !

R.: O soco na boca foi tão forte que o rapaz ficou ~~desdentado~~ todo cirado

e) O filho da minha tia é **albino** .

R.: Albino

f) O João usa sempre o mesmo **produto** para **clarear a pele** !

R.: O João usa sempre o mesmo produto para esbranquiçar a pele

g) Tem problemas de **sangramento na gengiva** .

R.: Ando com problemas de gengivite

h) **Faltaste outra vez ao compromisso** !

R.: Estás sempre a faltar!

i) Encontrei-o a ver **filme pornográfico** .

R.: Encontrei-o a ver um filme porno

j) Está difícil encontrar **emprego** .

R.: Está difícil encontrar emprego

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo F Idade 20 Grau Académico Licenciado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Comprei ontem uns bons sapatos.

R.: calçado

b) Quem me atendeu ontem foi um branco.

R.: Tuga

a) Passámos a noite numa festa muito boa.

R.: muito fixe

b) Não tenho telemóvel.

R.: Tele

c) As novas sapatilhas não são assim tão bonitas!

R.: Ténis

d) Lançou uma música nova, mas não teve sucesso.

R.: foi um fiasco / fracasso

e) Meteu-se num grande problema.

R.: ^{Trinta} ~~doenta~~ e um / sarilho

f) Fui à loja do senegalês.

R.: Preto / Negro

g) O irmão dele é musculado.

R.: um bicho

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade PORTUGUESA Sexo FEM Idade 20 Grau Académico LICENCIADO.

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Não gosto de viajar com o João. Acelera muito!

R.: ACELERA BIE

b) É uma grande música!

R.: GRANDE SOM

c) As calças ficam-lhe bem justinhas!

R.: BEM APETADINHA

d) Nunca mais a vi. Mas dizem que está muito bonita.

R.: BIE GIRA

e) Estás a usar uns bons óculos bonitos!

R.: ÓCULO BARDINO

f) Mas gosto mais do relógio.

R.: RELÓGIO

g) Trocou o seu bebezinho por umas cervejas!

R.: GAROTO ^{UMAS} ~~BEBIDAS~~ JOLAS

h) Estás bêbedo? Controla a tua bebedeira!

R.: EA PINGA? — PIELA / PANNOCA

i) Disseram-me que estava muito drogado!

R.: PERNADO / GANZADO / MOCADO

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Português Sexo F Idade 20 Grau Académico Secundário

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Comprei ontem uns bons sapatos.

R.: Ontem, comprei uns bons sapatos

b) Quem me atendeu ontem foi um branco.

R.: Quem me atendeu foi um homem ~~branco~~.

a) Passámos a noite numa festa muito boa.

R.: Passámos a noite numa festa fixe.

b) Não tenho telemóvel.

R.: Não tenho telemóvel

c) As novas sapatilhas não são assim tão bonitas!

R.: As novas sapatilhas...

d) Lançou uma música nova, mas não teve sucesso.

R.: _____ ; mas não presta

e) Meteu-se num grande problema.

R.: Meteu-se numa alhada

f) Fui à loja do senegalês.

R.: Fui à loja do chinês

g) O irmão dele é musculado.

R.: O irmão dele tem cuparino

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Portuguesa Sexo F Idade 21 Grau Académico Diplomada

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Acertaram-lhe com uma pedra na testa. Mas o médico recomendou-lhe uma pomada para o inchaço.

R.: Mas o médico recomendou-lhe uma pomada para o galo.

b) O pai não gostou e bateu-lhe ali mesmo.

R.: O pai não gostou e deu-lhe ali mesmo.

c) Mariana é uma mulher que gosta de se fazer notar.

R.: "de se armar"

d) Mas o polícia logo lhe apontou uma arma!

R.: "Logo o ameaçou a pistola"

e) Tens de usar água limpa para enxaguar a louça.

R.: "~~enxaguar~~ passar"

f) Para combater o calor intenso dessa cidade, só uma cerveja muito fresca.

R.: "fresquimbo"

g) O João não honrou com o seu compromisso. Ele é assim, má pessoa.

R.: "não é homem de palavra", "mentiroso"

h) Subornou o guarda e passou. Deu-lhe um dinheiro e tudo ficou resolvido.

R.: "suborno"

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 25 Grau Académico Mestrado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português corrente.

a) Também estou a trabalhar como colaborador numa escola privada.

R.: Também estou a trabalhar como garimpeiro numa escola privada

b) Para pagar as contas todas, tenho de ser um colaborador incansável.

R.: Para pagar as contas todas, tenho de ser um garimpeiro incansável.

c) Não posso. O dinheiro que ganho com as colaborações dão-me muito jeito no fim do mês.

R.: Não posso. O dinheiro que ganho com os garimpos dão-me muito jeito no fim do mês.

d) A polícia prendeu os meliantes na noite passada!

R.: Os políanguis prenderam os meliantes na noite passada

e) O João é um traidor! Por isso, foi expulso do grupo.

R.: O João é um malair! Por isso, foi expulso do grupo.

f) O doente foi transferido com urgência.

R.: O doente foi levado com urgência

g) O médico disse-nos ontem que ele tinha epilepsia.

R.: O médico disse-nos ontem que ele sofria de gotas!

h) Fique admirado.

R.: Fique pasmado.

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 19 Grau Académico licenci

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) O João é sexualmente impotente.

R.: O João não levanta.

b) Há muito que está curado do oxiúro.

R.: Há muito time que já tá numa.

c) Descobriu que estava grávida, mas abortou.

R.: Descobriu que estava fwan, mas saou.

d) Derrotaram-nos por uma diferença de golos muito grande.

R.: nos tubutaram.

e) Foi ao quiosque fazer umas cópias, mas volta já.

R.: foi ao cyber fazer umas cópias.

f) O João emprestou-me o seu carro.

R.: O João me passou ainda o Buca dele.

g) O João roubou o meu dinheiro.

R.: O João fiquou o meu jataculé

h) Os polícias já estão na estrada.

R.: Os magalas já estão na estrada

i) Fomos à casa dele, mas não o encontramos.

R.: bazamos no cubico dele, mas não o encontramos

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade ANGOLANA Sexo M Idade 26 Grau Académico LICENCIADO

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) O erro foi meter, logo de início, os que não sabem jogar.

R.: O erro foi meter, logo de início, os que não jogam bem.

b) Nelson jogou muito mal. Mas o Lunguinha também é mau jogador.

R.: Nelson (jogo) não jogou bem. Mas o Lunguinha é pior.

c) O meu irmão gostou das minhas sapatilhas. Então, fizemos um negócio.

R.: O meu irmão gostou das minhas sapatilhas. Então, chegamos a um acordo.

d) Compro para revender.

R.: _____

e) Tenho ainda muitas dívidas por pagar!

R.: Tenho ainda muitos centos por pagar!
(kilapi)

f) Sim, sou devedor. Mas as necessidades obrigam-me a isso.

R.: Sim, sou kilapicira. Mas as necessidades obrigam-me a isso.

g) Neste momento, sou desempregado.

R.: Neste momento, estou sem emprego (trabalho)

h) Está difícil encontra emprego.

R.: Está difícil encontrar trabalho.

i) A Mariana está muito bonita.

R.: _____

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 21 Grau Académico 1º ciclo

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

2. O condutor abandonou a viatura e anda foragido da polícia.

R.: O motorista/condutor abandonou a viatura...

3. Os passageiros têm todo o direito de reclamar, se não gostarem do estado do automóvel.

R.: Os passageiros têm todo...

4. Comprou uma moto que, além de bonita, é também muito cara.

R.: Comprou uma bike que, além de bonita, é também muito cara

5. Não podia trabalhar com tanta preguiça. Fiquei em casa a descansar.

R.: Não podia trabalhar com tanta preguiça. Fiquei em casa a banzelar.

6. Está aí o polícia que te prendeu.

R.: Está aí o poliingue que te prendeu.

7. Ninguém aqui é mais vaidoso do que ele.

R.: Ninguém aqui é mais jilipó do que ele.

8. Está-te a tratar com desdém.

R.: _____

9. Não estou a trabalhar.

R.: Não estou a humbar

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 26 Grau Académico Licenciada

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Passou a tarde toda com os amigos, a fumar canábis.

R.: Passou a tarde toda com amigos, a fumar liamba.

b) Ela veste-se muito bem!

R.: Ela apresenta-se muito bem!

c) Disse-me que a mãe fazia venda ambulante.

R.: Disse-me que a mãe fazia negócios na rua.

d) Criou os filhos, sendo apenas vendedora ambulante.

R.: Criou os filhos, sendo apenas negociante de rua.

e) Para manter o corpo saudável, como folha de bata-doce três vezes por semana.

R.: Para manter o corpo saudável, como rama de batata doce 3 vezes por semana

f) Estou bem.

R.: Estou fixe.

g) O treinador deles estudou em Oxford!

R.: O treinador deles formou-se em Oxford.

h) A vida do João anda muito limitada aos estudos. Tudo o que faz agora é estudar.

R.: A vida do João anda muito limitada a formação

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 19 Grau Académico Licenciatura

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) A fila era enorme.

R.: a linha era bré juda

b) Dá-me um pouco do teu pão, João.

R.: cireula só uma rquirra do teu breda

c) Tirei um pouquinho e dei-lhe.

R.: tirei uma rquirra e dei

d) Vais saber então que matar, na guerra, nem sempre é uma opção...!

R.: vais tehecar que na guerra bouda nem sempre é um bom stalo.

e) O médico disse-lhe que era estéril. Não podia, portanto, gerar filhos.

R.: O médico disse que lher ele era 30, não faz futo.

f) Hoje não vou trabalhar.

R.: Hoje não vou ~~trabalhar~~ bralar

g) Ontem também faltou ao serviço.

R.: Ontem também fugou no salo

i) Hoje, não me dominas de novo. Já não admito faltas de respeito.

R.: Hoje já não me afanhas mais futa, não curto confundicao

j) Se brincares com ele, vai-te matar.

R.: se fizer caso de maluco com ele, vai te bouda

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 30 Grau Académico Mestrando

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Hoje, o que eu quero mesmo é embebedar-me! Amanhã é sábado!

R.: Hoje, o que eu quero mesmo é embebedar-se! Amanhã é Sábado!

b) Não aguenta com essa ressaca!

R.: Não aguenta com a ressaca!

c) O rapaz pendurou-se na parte traseira no carro em andamento! Quis boleia gratuita.

R.: O rapaz se pendurou na parte traseira do carro em andamento! Quis boleia gratuita

d) Não gosto de filmes em que o protagonista morre!

R.: Não gosto de filmes que o artista morre!

e) Lutou com irmão.

R.: brigou com o seu irmão.

f) Já nem se lembra da surra!

R.: Já nem se lembra da parrada

g) O Barcelona perdeu contra a Roma, por uma diferença de golos muito grande.

R.: O Barcelona foi derrotado pela Roma, por uma diferença de golos muito grande.

h) Havia na festa muita cerveja. O meu trabalho era só beber! Falando nisso, dizem que bebes muito!

R.: Havia na festa muita bebida. O meu trabalho era só chupar! Falando nisso, dizem que chupas muito.

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 27 Grau Académico Mestrado

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Imaginei-a sem roupa. Fique, então, muito excitado.

R.: Imaginei-a sem roupa. Fiquei, então muito teso / timbado

b) Faltaste-me com o respeito!

R.: Me subiste o juízo

c) Foste fiel comigo, mas eu traí-te.

R.: Foste fiel comigo, mas eu te correei

d) É muito esperto, o rapaz.

R.: É muito atirado, o rapaz.

e) A Joana é fofoqueira.

R.: A Joana tem boca doce / A Joana é zongala

f) É uma mulher impressionante.

R.: É uma mulher tribal

g) A mulher está bonita.

R.: A mulher está numa / Se bem

h) Disse-me para envolver a caixa em fita-cola!

R.: Disse-me para fitacolar a caixa

i) Vou cortar o cabelo só amanhã.

R.: Vou cortar a belera só amanhã

j) Não suporto homens mimados

R.: Não suporto bolo e leite

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade angolana Sexo M Idade 19 Grau Académico _____

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Ainda verás muita gente pelo caminho.

R.: Ainda vais golar muita...

b) Se o polícia manda parar, nós damos-lhe algo para lhe fechar os olhos. Assim, evitamos a multa.

R.: nos damos-lhe o mango...

c) Pensa bem antes de aceites. Ninguém te pode obrigar a comprometeres-te com essas coisas.

R.: com esses mambos

d) Essa música agrada-me muito.

R.: Essa musica me curia muito

e) As adolescentes estão a envolver-se com os nossos maridos.

R.: As mangas de 10 estão a envolver-se com os nossos maridos

f) Tenho medo desse teu olhar exprimindo ódio.

R.: _____

g) Quando o encontrar, lutamos. Não tenho a menor dúvida.

R.: _____

Sabe, por experiência, que há diferenças no uso que os portugueses e os angolanos fazem da língua portuguesa. Este trabalho, para o qual contribuirá, preenchendo este inquérito, pretende dar conta das diferenças - a nível lexical e semântico - no português popular realizado por angolanos e por portugueses.

Nacionalidade Angolana Sexo M Idade 19 Grau Académico 1º Ano Lc.

1. As frases que se seguem estão escritas de acordo com a norma padrão da língua. Reescreva-as, substituindo as palavras sublinhadas por outra ou por uma expressão equivalente do português popular.

a) Estas calças também são novas.

R.: Estas calças também são novas em folha

b) Como já não havia espaço, a quinta pessoa foi mesmo no porta-malas.

R.: _____

c) Mulher aqui há muitas!

R.: Mulher aqui há 'Basi'

d) Não era ele quem estava a conduzir o carro que viste?

R.: _____

e) Há, cada vez menos, triciclos motorizados pelas ruas da cidade.

R.: _____

f) Graças a um motociclista, não cheguei atrasado ao trabalho.

R.: Graças a um companheiro não cheguei atrasado

g) A ultrapassagem foi tão perigosa que deixei de sentir o meu corpo por uns segundinhos.

R.: _____

h) O espaço era tão pequeno, mas, ainda assim, fez uma manobra rápida e perigosa.

R.: _____

a) O prazer está no beijo.

R.: _____